

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E FORMAÇÃO - LIPECFOR**

**LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO: O FILME *ESCRITORES DA LIBERDADE*
E A VIDA PROFISSIONAL DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

NATALIA GONÇALVES

**SÃO PAULO
2014**

NATALIA GONÇALVES

**LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO: O FILME *ESCRITORES DA LIBERDADE*
E A VIDA PROFISSIONAL DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Teresinha Dal Mas
Dias

SÃO PAULO

2014

GONÇALVES, NATALIA.

Luz, câmera, educação: o filme escritores da liberdade e a vida profissional de professoras do ensino fundamental. *SÃO PAULO.* / Natalia Gonçalves. 2014.

F.133

DISSERTAÇÃO (MESTRADO) – UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE, SÃO PAULO, 2014.

ORIENTADOR (A): PROFº. DR. Elaine Teresinha Dal Mas Dias.

1. Pensamento Complexo, 2. Subjetividade, 3. Educação

I. DIAS, ELAINE T. DAL MAS II. TITULO

CDU 37

NATALIA GONÇALVES

**LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO: O FILME *ESCRITORES DA LIBERDADE*
E A VIDA PROFISSIONAL DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora formada por:

São Paulo, ____ de _____ de 2014

Presidente: Profa. Dra. Elaine Teresinha Dal Mas Dias – Orientadora- UNINOVE

Membro: Profa. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida – UNINOVE

Membro: Profa. Dra. Maria Leila Alves - UMEP

Dedico esse trabalho aos meus pais,
Vera Natalia e Deoclides, por todos os
ensinamentos e exemplos de vida e
humanidade, à minha filha Marcela, pela
compreensão, carinho e amor
incondicional, e ao meu marido e maior
incentivador, Erix.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, Profa. Dra. Elaine T. Dal Mas Dias, pela paciente leitura e releitura deste trabalho, por sua orientação precisa e direta, por ter acreditado em mim e na pesquisa levada a cabo.

À querida Profa. Izabel Petraglia, por ser minha primeira orientadora, amiga, conselheira. Por me inspirar e me mostrar com humanidade e carinho os caminhos do pensamento complexo.

Agradeço com carinho a todos os professores que me acolheram e contribuíram imensamente com esse estudo, especialmente à Profa. Cleide Rita Silvério e ao Prof. Marcos Lorieri, pessoas complexas e humanas em todos os sentidos.

Às secretárias e bibliotecárias, que sempre me atenderam com atenção e simpatia.

Aos integrantes da banca, Profa. Dra. Maria Leila Alves, Profa. Dra. Cleide Rita Silverio Almeida e Prof. Dr. Marcos Antonio Lorieri, pela leitura atenta deste trabalho e pela contribuição valiosíssima no Exame de Qualificação.

A todos integrantes do Grupo de Estudos em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da USP, em especial aos Prof. Marcos Garcia Neira e Mario Nunes, por toda a atenção e por terem despertado em mim a curiosidade, a criticidade e a alma de pesquisadora.

Às minhas queridas amigas de risadas, de sonhos, de estudos e de amor, Carin Sanches Morais e Alessandra A. Dias Aguiar, vocês me dão forças e energia para continuar.

Às minhas irmãs Isabella e Aneliza, educadoras e mulheres fortes, pura inspiração.

GONÇALVES, Natalia. **Luz, Câmera, Educação**: o filme *Escritores da Liberdade* e a vida profissional de professoras do Ensino Fundamental. São Paulo, 2014. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho.

RESUMO

Com o presente estudo objetiva-se captar, no discurso de professoras do Ensino Fundamental, aspectos da compreensão de escola e do papel docente, partindo-se para tanto das questões e temas suscitados pelo filme *Escritores da Liberdade*. Entende-se que a história em torno da qual o filme se desenvolve comporta em si a complexidade das relações humanas e apresenta a personagem principal sob vários aspectos: profissional, afetivo, emocional, além de abordar a sua condição de mulher. A compreensão do filme passa por aspectos da subjetividade, imprimindo significados diversos à narrativa. Isso demonstra o caráter complexo do sujeito. Acredita-se que compreender o cinema como prosaico e poético permite a reflexão sobre os relacionamentos humanos. O pensamento complexo, teoria fundada e desenvolvida pelo pensador francês Edgar Morin, une o que é compartimentado pela cultura e pela vida e tem a intenção de reformar o que o pensamento aprendeu a separar, reduzir, disjuntar, de forma a pensar o sujeito como um ser que possui ambivalências, incertezas e insuficiências. Para se investigar o processo de compreensão, foram realizadas entrevistas não-estruturadas com quatro professoras do Ensino Fundamental. Partindo-se da escuta e da leitura atenta do conteúdo dos discursos presentes nas falas das professoras entrevistadas, foram estabelecidas as categorias temáticas que proporcionaram uma análise aprofundada desses discursos em questão, levando em conta as noções de sujeito e cultura, além dos conceitos de compreensão complexa e complexos imaginários, assim como as definições de projeção, identificação e transferência. Observa-se que as professoras entrevistadas possuem diferentes pontos de vista no que diz respeito à concepção de educação e do trabalho docente, e as entrevistadas forneceram justamente informações que permitiram reconhecê-las como sujeitos engajados no processo educativo, mas também insatisfeitos com o sistema educacional atual. Constatou-se, entretanto, que nem sempre a insatisfação das profissionais interfere no processo educativo, sendo que este sofre influência de outros fatores ambientais. O presente estudo, por fim, permitiu que se apontasse a necessidade de uma urgente reforma da educação, como uma séria revisão das políticas públicas, a adequação dos materiais didáticos oferecidos aos alunos e uma revisão acerca do elevado número de alunos em sala de aula.

Palavras-chave: pensamento complexo, subjetividade, educação

GONÇALVES, Natalia. (2014) **Lights, camera, education:** the movie Freedom Writers and the life of middle school teachers. Master's Degree. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo.

ABSTRACT

With this study we aim to capture, in the discourse of elementary school teachers, some aspects of their comprehension about the school and the teaching role, starting for both the issues and themes incited by the movie *Freedom Writers*. It is understood that the story around which the movie unfolds itself involves the complexity of human relationships and presents the main character in many ways: professional, affective, emotional, and her role as a woman, and its understanding presupposes the point of view of each spectator, which impresses its subjectivity and values to what is being seen. It is believed that understanding cinema as prosaic and poetic allows us to think about the human relationships as a whole. The theory founded and developed by the french thinker Edgar Morin, known as "complex thought", unites what is fragmented by culture and life and intends to reform what is usually separated, reduced, segregated by our thought, which allows us to consider the subject and its ambivalences, uncertainties and weaknesses. To investigate the process of understanding, non-structured interviews were conducted with four teachers of elementary school. Starting from the listening and careful reading of the contents of the discourses present in the speech of the teachers that were interviewed, we established some categories that provided a thorough analysis of these discourses, regarding the notions of subject and culture were established, beyond the concepts of "complex comprehension" and "imaginary complexes", as well as the definitions of projection, identification and transference. The study allowed us to conclude that the teachers interviewed have different points of view regarding the teaching job and they provided information that allowed us to recognize them as subjects engaged in the educational process, but also dissatisfied with the current educational system. It was noted, however, that this dissatisfaction do not always interferes with the educational process, that is influenced by other environmental factors. Therefore, at the end of this study, we were able to indicate the need of an urgent reform of the educational system, along with a serious review of public policies, as well as the adequacy of instructional materials offered to students and a review of the large number of students in the classroom.

Keywords: complex thought, subjectivity, education,

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. INTRODUÇÃO	13
1.1 O NASCIMENTO DA IDEIA	13
1.2 JUSTIFICANDO A ESCOLHA, PREPARANDO O SET.....	13
1.3 OS ANSEIOS DESTA PESQUISA	15
1.3.1. Objetivos Específicos.....	15
1.4 O CENÁRIO	16
1.5 OUTROS OLHARES SOBRE O TEMA.....	17
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	24
2. MORIN E O PENSAMENTO COMPLEXO	26
2.1 O REINO DAS IDEIAS – NOOSFERA.....	28
2.2 ERROS, CONTRADIÇÕES E RACIONALIDADE: O SUJEITO COMPLEXO	31
2.3 A COMPREENSÃO SUBJETIVA E OBJETIVA NA BUSCA PELA COMPREENSÃO COMPLEXA.....	40
2.4 PROJEÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E TRANSFERÊNCIA: OS COMPLEXOS IMAGINÁRIOS	45
3. CULTURA E CINEMA.....	52
3.1 CÓDIGOS, VALORES, CRENÇAS, NORMAS E NORMATIZAÇÕES, CULTURA E <i>IMPRINTING</i> CULTURAL	52
3.2 MITO E SEDUÇÃO DO CINEMA	57
3.2.1. Identificação com o herói: processos de identificação	61
4. PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS: A ELABORAÇÃO DO ROTEIRO.....	66
4.1 AS ENTREVISTAS.....	67
4.2 O FILME ESCRITORES DA LIBERDADE	71
4.3 O QUE CONTARAM AS ENTREVISTAS	72
4.3.2 Análise da entrevista da Professora 2	80
4.3.3 Análise da entrevista da Professora 3	85
4.3.4 Análise da entrevista da Professora 4	89
4.4 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	99

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
ANEXOS	103
ANEXO 1: FICHA TÉCNICA DO FILME	103
ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	104

APRESENTAÇÃO

FLASH BACK – UMA TRAJETÓRIA

A história que irei contar culminou na escolha do título da presente Dissertação, que é *Luz, Câmera, Educação: o filme Escritores da Liberdade e a vida profissional de professoras do Ensino Fundamental*. A motivação para realizar este estudo partiu de minha história de vida. Por isso, senti a necessidade de tecer algumas considerações sobre meu percurso pessoal e profissional, fruto de muita reflexão.

Como justificativa da motivação para estudar esse tema, julgo ser importante descrever o contexto no qual fui educada: sou filha de pais que se divorciaram numa época em que esse fato ainda era tratado como tabu e cercado de preconceitos e discriminação. Meu pai tem sido uma figura muito presente e importante em minha vida, sendo defensor ferrenho da igualdade entre homens e mulheres, pobres e ricos, negros e brancos, religiosos ou não. Posso dizer que nunca presenciei nenhum ato de discriminação por parte dele ou de minha mãe. Como dito, sempre contei com a presença e o apoio de meu pai, porém, convivi somente com mulheres em nossa casa; somos três irmãs, filhas de uma mãe muito guerreira que tomou nossa educação e nosso sustento nas mãos. Esses fatos, e outros tantos que não cabem ser descritos aqui, modelaram a minha personalidade e a minha forma de ser e de estar no mundo, na medida em que é provável que pais que se empenham em acompanhar seus filhos e mostrá-los o mundo possam colaborar para a formação de sujeitos curiosos, críticos e insatisfeitos com as injustiças sociais, além de outros atributos positivos que o direcionamento e exemplos podem proporcionar a um indivíduo.

Por meio de minha educação, me tornei apreciadora das coisas belas e gostosas da vida. Fui apresentada a museus, assisti a filmes considerados bons e ruins, frequentei teatros, experimentei comidas diferentes e até consideradas exóticas, viajei, ouvi músicas. Meu pai dizia que tinha “curiosidade de interiorano”, pois nasceu no interior e veio para a capital já com dezoito anos. Dessa maneira, ele me contagiou com sua “mania” de descobrir coisas novas. Posso, inclusive, dizer que a sua tal “curiosidade interiorana” ajudou a formar a minha curiosidade de pesquisadora.

O início da minha trajetória profissional em uma empresa videolocadora de grande porte, entre os anos de 1991 e 1995, foi um dos principais fatores responsáveis pela minha paixão pelo cinema. Nessa ocupação tive a oportunidade de conhecer todos os gêneros da produção cinematográfica, de filmes de ação a comédias. Essa foi uma época fascinante, durante a qual tive acesso a um universo amplo de informações, imagens, sons, etc. Nesse trabalho na videolocadora, uma de minhas funções era a escolha de quais filmes seriam exibidos nos três telões no interior da loja, além de selecionar os cartazes que seriam expostos nos painéis das vitrines. Tinha também por encargo o atendimento aos clientes, indicando-lhes os filmes de acordo com seu gosto e desejo.

Dessa maneira, até hoje me sinto ainda um pouco “atendente de locadora”; indico filmes aos colegas, procuro novas produções para assistir, comento esporadicamente sobre algum filme em um blog de crítica de cinema, assisto a palestras e mantendo amizade com algumas pessoas desse meio como cineastas e jornalistas. Essa experiência contribuiu significativamente na construção dos meus interesses, das minhas formas de ver e viver a vida. Provavelmente, também tenha sido influenciada por essas obras na escolha que fiz pela profissão de professora.

Posso afirmar que abraçar uma profissão não é uma tarefa fácil. As opções são inúmeras e o mercado de trabalho é muito exigente. A opção por um curso de licenciatura, no meu caso específico em Educação Física, foi uma maneira que encontrei de me reinventar não necessariamente com relação ao magistério, já que minha família é composta quase toda por professores, mais especificamente da área de Educação Física.

Estudei em escola pública estadual da primeira à oitava série (atual Ensino Fundamental) e posso dizer que tive o equivalente a um semestre de aulas da disciplina de Educação Física durante todo esse período. Os motivos para que as aulas não acontecessem eram os mais variados, pois ocorriam fora do período regular, fato que fazia com que fôssemos para casa e tivéssemos que retornar mais tarde para a escola. Isto gerava um grande problema, pois, assim como eu, vários colegas moravam distante da escola. Outro fato era a quadra descoberta, que impedia a realização das aulas nos dias chuvosos, frequentes na região metropolitana paulista. Também havia a falta de professores, as greves constantes, a dispensa de alunos sem que a direção tomasse conhecimento, e diversos outros fatores. Assim, resolvi estudar essa área, pois, além do interesse por esportes e pela área de Educação Física, tinha como ideal fazer a diferença como educadora.

A minha graduação em Licenciatura em Educação Física se deu no ano de 2000, na Faculdade de Educação Física de Santo André – FEFISA, e, posteriormente, dei início ao curso de especialização em Pedagogia do Movimento na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Em 2011, concluí o curso de Pedagogia na Universidade Nove de Julho – UNINOVE. Discorrer sobre esses cursos explica como cheguei à paixão pela pedagogia. Neles, tive a oportunidade de conhecer os professores mais influentes da área e de ter acesso aos estudos atuais sobre Educação Física Escolar e Pedagogia. A partir dessas experiências, decidi ingressar na carreira docente e prestar concursos públicos para atuar nessa área de atividade. Assim, optei por assumir os cargos de professora de Educação Física do Ensino Fundamental e Médio no Serviço Social da Indústria – SESI, na Prefeitura do Município de São Paulo e no Governo do Estado de São Paulo.

No decorrer da minha trajetória profissional na função de professora, vivenciei alguns episódios que julgo interessantes de serem relatados aqui. Ouvi por diversas vezes algumas professoras e diretoras afirmado que nós, mulheres, deveríamos esconder nossos corpos sob aventais ou jalecos para que os meninos não se sentissem atraídos pelas nossas curvas. Ouvindo essas falas, vinha-me um sentimento de estranhamento, pois é provável que ainda hoje haja a intenção, clara ou não, de assexualizar a mulher no exercício da profissão docente ao reproduzir um discurso sexista.

Em uma ocasião, fui chamada pela diretora para uma conversa na qual fui orientada a utilizar avental porque minhas roupas eram muito justas e inadequadas e porque, sendo professora de Educação Física, eu utilizava vestimentas diferentes das outras professoras, e, o que ressaltava ainda mais as formas do meu tipo de corpo, o que, na visão dela, fariam com que os meninos se sentissem atraídos sexualmente.

Estes episódios despertaram em mim a curiosidade a respeito de temas considerados por muitos como corriqueiros, temas esses que envolvem questões que atingem diretamente o modo como nos expressamos, pensamos e agimos, revelando aspectos da nossa subjetividade.

Tive a oportunidade de participar de cursos de formação de professores nas instituições nas quais lecionei, cursos estes que apresentavam como instrumento didático filmes com temáticas centradas na escola. Entre os cursos dos quais participei, posso citar o Curso de Atualização oferecido pelo Estado de São Paulo (2003), a Semana de Planejamento da Rede Sesi (2004), Jornada Pedagógica PMSP (2005, 2006 e 2007), Horário de Trabalho

Pedagógico Coletivo – Estado de São Paulo (2007). Com relação aos filmes que abordam a temática ora em tela, posso mencionar *Mentes Perigosas* (1995), *Escritores da Liberdade* (2007), *Ao Mestre com Carinho* (1967), *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989). A finalidade almejada com a exibição destes filmes nos cursos era explicitada pelos coordenadores que os ministravam: diziam que deveríamos nos espelhar nos professores dos filmes e agir como eles e procuravam demonstrar, por meio desses filmes e de exemplos de fatos ocorridos na escola, que existem formas corretas de se lecionar. Isso significa que os formadores tomavam as situações expostas nesses filmes como modelo a serem seguidos, comparando situações cotidianas com aquelas expostas nas narrativas.

Nesses momentos, percebia os discursos e a inquietação dos demais colegas de profissão presentes e constatava que muitos demonstravam sua insatisfação ao participarem dessas atividades. Algumas falas remetiam às formas de agir e estar na profissão, apresentadas nos filmes, e que não condiziam com a realidade vivenciada pelos professores ali presentes. Constatei também que, em alguns momentos, eles se sentiam constrangidos e até ofendidos, e justificavam suas ações argumentando que a realidade apresentada era diferente da vivida por eles. E, além disso, consideravam algumas práticas incabíveis em nosso cotidiano escolar. Tudo isso parecia deixar claro, portanto, que os professores não se sentiam representados naquelas produções filmicas.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O NASCIMENTO DA IDEIA

O objeto deste estudo é investigar as compreensões de professoras acerca do filme *Escritores da Liberdade*.

Desde o início da elaboração do projeto de pesquisa, a preocupação central foi problematizar alguns dos aspectos referentes à educação escolar e, ao longo desse percurso, os questionamentos foram se cruzando a cada leitura, a cada conversa com as professoras entrevistadas, a cada encontro de orientação, a cada reflexão. Criar possibilidades de investigação é um processo desafiador. É o pesquisador quem dá forma aos problemas de acordo com seu olhar, e, ao elaborar os problemas, é obrigado a olhar para si mesmo, para seus anseios, decepções, sonhos e frustrações.

Nesse sentido, as perguntas que orientaram esta pesquisa foram: Em que medida os filmes ajudam a fixar um padrão ou norma de comportamento? Existe relação entre os produtos culturais midiáticos que consumimos e nossas ações? Qual a compreensão das professoras a respeito do filme *Escritores da Liberdade*?

1.2 JUSTIFICANDO A ESCOLHA, PREPARANDO O SET

Para realizar o presente estudo, fizemos opção pelo filme *Escritores da Liberdade* por se tratar de um produto artístico carregado de significados culturais, pois como afirma Almeida (2010, p. 52), a utilização dos filmes em pesquisas é importante pela sensibilização que:

[...] permite articular o prosaico e o poético, possibilitando a revisão de nossa postura como *máquinas triviais* que reproduzem relações burocratizadas, tanto no âmbito pessoal como institucional. A literatura e o cinema são importantes porque tratam de vários aspectos da condição humana. (grifos da autora)

Optamos por escolher o filme *Escritores da Liberdade*, pois entendemos que ele atende aos critérios que o tornam adequado para a discussão que se pretendeu levar a cabo nesta pesquisa: conter uma narrativa centrada na escola, ter sido utilizado em momentos de formação de professores de acordo com a experiência vivenciada pela pesquisadora, ter sido apresentado no circuito nacional, ser uma história real e ser a produção mais recente a obedecer aos critérios anteriores.

Acima de tudo, este filme foi escolhido por fazer parte de um acervo de produções que colocam em circulação determinadas ideias de escola e prática docente, colaborando para discussão em programas e disciplinas da graduação e, também, por ser utilizado como instrumento didático nas aulas do Ensino Fundamental e Médio, de acordo com nossa vivência e observação, levando à reflexão de como fazer e agir para resolver os diversos problemas enfrentados na escola que envolvem alunos, professores, direção, família, sociedade. Além disso, a narrativa se passa em uma escola pública, o que facilita o processo de identificação/projeção no momento das entrevistas aos professores, que foram escolhidos por lecionarem na rede pública de ensino.

Compreender os filmes como prosaicos e poéticos nos faz refletir sobre a complexidade das relações e dos sujeitos. Entendemos, portanto, que o filme *Escritores da Liberdade* comporta a complexidade das relações e expõe a personagem principal sob vários aspectos: profissional, afetivo, emocional e a sua condição na sociedade.

Finalmente, para justificar a escolha do referido filme como ponto de partida para a presente pesquisa, relembramos as diversas situações, nas quais estivemos presentes, nos momentos de formação de professores oferecidos pelas instituições de ensino, como já foi mencionado anteriormente. Esses cursos constituem-se como espaços nos quais os professores trocam experiências e ampliam seus conhecimentos a respeito de sua prática cotidiana, bem como são orientados sobre o ato educativo. Nessas ocasiões, a estratégia escolhida para sensibilizar ou introduzir o assunto era a utilização de produções filmicas com narrativas centradas na escola. Ouvindo as queixas das professoras sobre as personagens apresentadas nos momentos de formação percebemos que o incômodo ia além da questão pedagógica. Algumas observações diziam respeito às atitudes que as personagens tomavam ao resolver os conflitos em sala de aula, à sua vida pessoal e amorosa, à forma de se vestir, etc. Outros professores elogiavam o filme e se sentiam motivados a lecionar de forma diferente.

Empregaremos a teoria da complexidade na proposição de Edgar Morin no sentido de analisar as compreensões dos sujeitos a respeito do filme *Escritores da Liberdade*, conforme será explicitado a seguir.

1.3 OS ANSEIOS DESTA PESQUISA

Com o presente estudo objetivamos captar e entender as percepções de cada professora entrevistada ao falar sobre o filme *Escritores da Liberdade*, de acordo com o referencial teórico escolhido, o que levou à compreensão provável de seu papel na educação e na sociedade. As análises das compreensões partiram da noção de sujeito como um ser de múltiplas facetas, contradições, incompreensões, dentre tantas outras características inerentes a um ser entendido como complexo. As telas do cinema cumprem o papel de auxiliar a entrada num espaço mítico e mágico que reforça estereótipos e arquétipos da condição humana, sendo que a cultura de imagem se configura também como fonte de conhecimento e reflexão.

1.3.1. Objetivos Específicos

- a) Captar a compreensão das professoras a respeito de seu papel no processo educativo e da profissão docente;
- b) Entender aspectos da subjetividade do sujeito nos discursos das professoras entrevistadas que podem interferir no processo educativo;
- c) Refletir sobre o papel da escola e da profissão docente na sociedade contemporânea;
- d) Entender a compreensão de educação presente nas entrevistas.

1.4 O CENÁRIO

A escolha do pensamento complexo como referencial teórico se explica pelo posicionamento de Edgar Morin, contrário a reducionismos e a disjunções comuns ao pensamento clássico, por suas ideias a respeito do ser humano e pela defesa da humanidade como unidade em oposição à fragmentação do ser.

Nessa perspectiva, o ser humano é gerado e regenerado por meio de suas características biológicas e sociais. Unidade e multiplicidade convivem em cada ser, estando a unidade presente na multiplicidade e a multiplicidade presente na unidade, como Morin (2007, p. 63) explica:

O homem é racional (*sapiens*), louco (*demens*), produtor, técnico, construtor, ansioso, extático, instável, erótico, destruidor, consciente, inconsciente, mágico, religioso, neurótico; goza, canta, dança, imagina, fantasia. Todos esses traços cruzam-se, dispersam-se, recompõem-se conforme os indivíduos, as sociedades, os momentos, aumentando a inacreditável diversidade humana... Mas todos esses traços aparecem a partir de potencialidades do homem genérico, ser complexo, no sentido em que reúne traços contraditórios.

Procuramos ser fiéis a tal conceituação evitando aventar conclusões fechadas e definitivas. Esse olhar humanizado nos possibilita levar em conta o sujeito em suas contradições, indecisões, virtudes, percepções e contextos vividos. Desconsiderar essas influências é uma ilusão, o que é comum verificar na área das ciências humanas, na qual a infalibilidade encontra-se presente em suas receitas e modelos. A perspectiva da complexidade vê o sujeito como um todo participante das partes e como uma parte participante do todo, sendo peça fundamental no processo no qual está envolvido. As representações elaboradas pelas professoras entrevistadas foram compreendidas, portanto, considerando tanto questões de cultura como de sujeito.

A ideia de sujeito, como explica Petraglia (2010, p. 69) é:

[...] a qualidade própria do ser vivo que busca a auto-organização, pertencente a uma espécie, situado num espaço e num tempo e membro de uma sociedade ou grupo. Para transformar-se e conhecer-se o sujeito necessita de um objeto. É a partir dessa dependência que o sujeito e o objeto emergem da realidade complexa, assim como se observa na relação recíproca e inseparável: sistema auto-organizador e ecossistema.

Tal visão se distingue e se aproxima de outras, como se apresenta a seguir.

1.5 OUTROS OLHARES SOBRE O TEMA

Outros olhares sobre o tema tratam de pesquisas acadêmicas, livros e textos que estudam desde as produções cinematográficas como manifestação cultural, passando pela construção das subjetividades dos sujeitos, a tópicos relacionados à educação, e o que mais possa contribuir para a reflexão e a construção deste estudo.

Constatamos, como se verá, que outros pesquisadores se preocupam com as temáticas que são abordadas neste trabalho. A relevância deste levantamento também diz respeito ao ponto de partida que foi utilizado para a realização desta pesquisa tanto para que se evitasse a repetição das considerações já feitas, quanto para que pudesse ser vislumbrada a descoberta de novos olhares a respeito dos assuntos.

Alguns pesquisadores se debruçaram sobre a questão do cinema e da educação. Como Fabris (2010), por exemplificar o que nomeia *pedagogia do herói* produzida nos filmes de Hollywood, explicita o individualismo presente nas obras analisadas, em que, segundo a autora, sempre há um vencedor, uma figura ligada a uma identidade masculina. Em filmes como *Mentes que Brilham* (1991), *O Sorriso de Monalisa* (2002), *Escritores da Liberdade* (2007), podemos, segundo esta autora, observar a mensagem da profissão de professor como sacerdócio e de vida dedicada exclusivamente ao magistério. De um modo geral, os personagens dos filmes mencionados são pessoas que não dão importância ao salário, às condições de trabalho, são criativas, fazem quase tudo para salvar os alunos e não são bem-vistos pelos colegas, têm problemas de relacionamento com a direção escolar, possuem senso de humor apurado e modificam o currículo para adaptá-lo aos interesses dos alunos.

Fabris observou também que os filmes “[...] ao construir suas histórias predominantemente com heróis masculinos colocam a profissão do magistério marcada pelo masculino, justamente onde estão na nossa cultura os profissionais mais valorizados socialmente”. (2010, p. 107). Na análise feita pela pesquisadora, a identidade significa tudo o que é correto em oposição ao diferente. Neste sentido, é o professor, com suas características marcadas e

construídas culturalmente como masculinas, a identidade paradigmática, enquanto a diferença é identificada na figura feminina, da professora, observada pela sua quase ausência de representatividade nos filmes produzidos em Hollywood. Ao acessar o trabalho da referida autora, pudemos repensar alguns conceitos que nos levaram a entender a posição do sujeito, seja ele homem ou mulher, na educação. Sua intenção foi a de mostrar como certa pedagogia desenvolvida pelos filmes pode instituir sentidos, demarcando posições e lugares de maior ou menor poder para os sujeitos que ensinam.

Fabris explica que a função docente é uma prática construída socialmente e pode sofrer modificações ao longo do tempo. A indústria cinematográfica, segundo a autora, auxilia no processo de significação e construção da subjetividade, exercendo uma pedagogia que influencia e ensina modos de ser e estar no mundo por meio de narrativas que são colocadas em circulação por suas produções filmicas. Assim, por meio da divulgação de modos de vida, ocorre o que ela chama de colonização cultural, ou seja, todas as formas de regulação em que as marcas culturais hegemônicas de raça, etnia, classe, religião, sexualidade, entre outras, são apresentadas a fim de demarcar as relações de poder e objetivando a regulação cultural. Nesse tipo de pedagogia exercida por diversos meios de comunicação, as noções de tempo e espaço, de poder e de saber, atuam na constituição das subjetividades dos envolvidos.

A existência de uma pedagogia na qual o professor obtém sucesso a qualquer preço, inclusive utilizando violência e força física, é comum nos filmes que apresentam os professores como vitoriosos. Segundo Fabris, a maioria dos filmes são produzidos para agradar ao público: heróis e vilões e um final emocionante graças ao poder do herói que atua para salvar o aluno. Ser herói significa abrir mão de seu sucesso pessoal e profissional. Apresenta os professores como sacerdotes dispostos a abdicar de suas vidas, um discurso salvacionista que coloca o docente em diversas situações de privação, angústia e superação de limites e que desenvolve uma pedagogia regulatória dos atos de heroísmo desses personagens.

A autora observa que Hollywood demoniza os jovens em seus filmes baseados no universo escolar e afirma que essa é uma das características marcantes nessas produções. As escolas representadas são escuras, o que proporciona um ambiente favorável para a ocorrência dos conflitos mais variados. Os alunos são apresentados sob a forma de delinquentes que pertencem a gangues, praticam atos ilícitos, se envolvem com drogas, engravidam, são agressivos e não respeitam as autoridades. Nesses filmes, alguns professores também são mostrados como vilões que não sabem e não querem ensinar por serem acomodados. O

protagonista aparece, então, como o herói socorrista, e o “[...] que fica evidente nesta pedagogia do herói, que é uma pedagogia da iluminação e da salvação, é que tanto a pedagogia disciplinar, corretiva, quanto à psicológica, estão presentes nos discursos do herói”. (FABRIS, 2010, p. 240) .

De acordo com essa afirmativa, a autora infere que a intenção pedagógica se traduz na necessidade da regulação das formas de atuar dos educadores e que dialogue com o que se espera deles, em conformidade com padrões impostos como desejáveis e corretos. O sucesso se dá em aulas e intervenções perfeitas e criativas, e nem sempre ocorrem no espaço formal da sala de aula, sob a forma de receita de sucesso, com comportamentos socioculturais aceitos, para os padrões de educação impostos e difundidos como esperados. Assim, se docilizam os adolescentes e seus corpos, seus comportamentos e atitudes de acordo com o que se espera deles.

Cipolini (2008), por sua vez, desenvolve um trabalho que analisa a relação entre a escola e a utilização de filmes na sala de aula como recurso didático. Ela observa que a escola, apesar de mais equipada hoje, não se apropria dos recursos audiovisuais disponíveis de forma adequada e eficiente. O cinema, apesar de ser considerado a sétima arte e ter reconhecido valor cultural, não encontra espaço na escola. Os professores, segundo a autora, não são capacitados para utilizar esta ferramenta como instrumento pedagógico ou recurso didático. A escola faz uma utilização fragmentada das novas linguagens, tecnologias e saberes.

O trabalho dessa autora, na verdade, se distancia de nossa pesquisa, pois não estudaremos especificamente a utilização dos filmes em sala de aula. Mas algumas contribuições foram valiosas, especialmente a respeito do aspecto educativo do cinema e da sua importância na construção do sujeito.

Já Ferreira (2003), ao realizar uma análise crítica sobre o relacionamento de professores com seus estudantes nos filmes norte-americanos *O Ocaso de uma Alma*, *Herdeiros do Vento*, *Ao Mestre com Carinho* e *Conrak*, narrou as experiências de professores, alunos e da comunidade escolar instituindo valores de acordo com os acontecimentos históricos de cada época representada nesses filmes, situados entre o período compreendido entre a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã. Concluiu que os filmes estudados repetem e reproduzem o paradigma do mito do individualismo e da democracia no ambiente escolar, apesar do declínio da autoridade hierárquica que modificou os valores e transformou a sociedade norte-americana.

E Gomes (2000) desenvolveu uma pesquisa na qual fez uma análise sobre a produção de subjetividades femininas por meio dos desenhos de princesas nas obras da Walt Disney. Seu objetivo foi estudar os modos de subjetivação que dizem respeito ao imaginário feminino, analisando representações de figuras femininas que são oferecidas como modelo identitário, não apenas por serem consumidas como mitos da cultura de massas, mas também por estarem atreladas a significados culturais que lhes conferem poder. A autora analisou as imagens femininas divulgadas pela mídia e propôs uma discussão centrada no papel da construção de estereótipos, na produção das subjetividades e em como são constituídas as identidades, identificando a subjetividade relacionada aos discursos de nobreza, beleza e amor romântico, todos eles ligados às figuras das princesas representadas nos desenhos da Disney.

Dentre os atributos que seriam socialmente desejáveis e que são impostos por esses filmes, são destacados a docilidade, a constituição esguia, a pele alva, os gestos delicados, a heterossexualidade, que fixam a imagem de uma mulher desejável e aceitável. Tudo aquilo que foge a este padrão é retratado na forma de bruxas e criaturas do submundo, ou seja, monstros ou vilãs que sempre têm um final trágico e cruel, afirmado a ideia de que possuir os atributos de princesa é bom enquanto ser o oposto disso é inaceitável e repugnante.

Ao longo do trabalho, se explicitam as características físicas, emocionais e atitudinais das princesas retratadas nesses desenhos e conclui a impossibilidade de alcançar um estereótipo de mulher perfeita apresentado nessas produções, e conclui que há a necessidade de novos modelos de subjetivação que rompam com os padrões impostos e aceitos socialmente, e atenta para a necessidade de uma mudança de paradigma por parte dos professores para que se inicie outros processos de constituição de subjetividades das crianças. Como afirmado por ela,

Uma educação em que a visualidade hegemônica seja contemplada de forma crítica só é possível na medida em que os profissionais implicados dentro deste processo estiverem dispostos a desmistificar seus próprios modelos de subjetividade. Aceitar que é preciso rever nossos conceitos de higiene, a construção das identidades de gênero, de raça, repensar o lugar dos professores como representantes de uma dada cultura. É preciso que a subjetividade dos educadores seja reescrita e de forma a desvincular a ideia de educação daquela ideia barroca de civilidade. (GOMES, 2000, p. 174).

A autora utiliza o termo subjetividade como um eixo que atravessa determinadas instâncias, compostas pelos campos corpóreos, psíquicos, imaginários e sociais, sendo que estes são sobrepostos e intrincados numa rede de significações construídas na e pela cultura. A subjetividade, sob este olhar, é construída, mesmo quando se refere ao corpo e às questões

biológicas, entendendo que estas também são significadas de acordo com os padrões discursivos presentes na cultura que lhe fornecem significado:

Embora também possamos ser determinados pelo vento, pelo sol, pela lua e pelo mar, por nossas características genéticas e doenças orgânicas, estes fenômenos, mesmo que independam das construções humanas, estão carregados de significações culturais que codificam atribuições simbólicas à sua força. (GOMES, 2000, p.47)

Para explicar a subjetividade, Gomes utiliza como referência os pensadores Michel Foucault e Felix Guattari, além de alguns textos de Gilles Deleuze.

Para estudarmos as questões do feminino no cinema, pois a personagem central do filme escolhido é uma mulher, consultamos o livro *A Mulher e o Cinema*, escrito pela psicanalista E. Ann Kaplan, que faz uma crítica sobre o poder controlador do “olhar masculino” (grifos nossos) que possui, segundo a autora, o poder de relegar as mulheres à marginalidade, ao silêncio ou à ausência por meio de padrões recorrentes no interior das imagens patriarcas que se prestam a coisificar e degradar a mulher. Kaplan (1995) aponta que Hollywood produz filmes que encantam milhões de espectadores ao redor do mundo e propagam ideias daquilo que é ser correto. O modo de vida americano é divulgado com frequência nesses filmes. A respeito da questão do patriarcado, apresentada nas produções filmicas:

Os signos do cinema hollywoodiano estão carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta nossas estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica – maneira tal que reflete as necessidades patriarcas e o inconsciente patriarcal. (KAPLAN, 1995, P.45)

Nesse sentido, Kaplan (1995) discorre, baseada na psicanálise, que o gênero melodrama se destina especificamente ao público feminino, no sentido de naturalizar as relações além de educar a mulher para se relacionar com o sexo oposto de forma maternal e cuidadora em oposição às produções direcionadas ao público masculino que são filmes mais violentos. A autora afirma ser importante para a manutenção de uma sociedade sexista que a mulher permaneça excluída dos papéis centrais, de modo que sejam personagens principais apenas nos melodramas familiares, sendo que poucos são os filmes que retratam a mulher como protagonista e heroína sem vincular sua figura à esfera doméstica.

Quando o cinema apresenta a mulher no papel dominante ou de heroína, com frequência podemos observar que ela se apropria de características culturalmente estabelecidas como

masculinas para alcançar seus objetivos. A autora questiona a posição da mulher na sociedade e a construção dos significados que classificam um sujeito bem sucedido, como aquele que alcança seus objetivos com êxito, o herói da situação, o ser que domina:

Quando a mulher está na posição dominante, ela assume uma posição masculina? Será que podemos imaginar a mulher numa posição dominante que seja qualitativamente diferente da forma masculina de domínio? Ou há somente a possibilidade de ambos os gêneros ocuparem as posições que hoje conhecemos como ‘masculina’ e ‘feminina’?”. (KAPLAN, 1995, p. 51)

Ainda segundo a autora, nossa cultura marca as diferenças sexuais em posições rigidamente estabelecidas como femininas e masculinas dentro de um modelo de domínio-submissão. Esse modelo privilegia o homem na relação, atribuindo-lhe poder, nem sempre sob a forma de violência física, mas também de forma velada e subjetiva. O movimento feminista questionou essa forma de dominação unilateral, porém, esse movimento pela inversão de valores não altera os papéis estabelecidos que continuam estáticos em seus limites:

Chegamos então a um ponto que devemos questionar a necessidade de uma estrutura de domínio-submissão. O olhar não é necessariamente masculino (literalmente), mas, para possuir e ativar o olhar, devido à nossa linguagem e à estrutura do inconsciente, é necessário que se esteja na posição “masculina”. É esta persistente representação da posição masculina que as críticas de cinema feministas demonstraram em sua análise dos filmes hollywoodianos. Dominante, o cinema feito em Hollywood é construído de acordo com o inconsciente patriarcal; as narrativas dos filmes são organizadas por meio de linguagem e discurso masculinos que se paralelizam ao discurso do inconsciente. No cinema, as mulheres não funcionam, portanto, como significantes de um significado (mulher real) como supunham as críticas sociológicas, mas como significante e significado suprimidos para dar lugar a um signo que representa alguma coisa no inconsciente masculino. (KAPLAN, 1995, p. 53)

Entretanto, Kaplan (1995) aponta que alguns filmes começaram a inverter esse processo, como *Os embalos de sábado à noite*, *O cavaleiro elétrico*, *O cowboy do asfalto*, *Vivendo cada momento*, e discorre sobre como, neles, os protagonistas são colocados explicitamente na posição de objetos sexuais:

[...] Mas é significativo que em todos esses filmes, quando o homem deixa seu papel tradicional, em que controla a ação e assume o de objeto sexual, a mulher adota o papel “masculino” de dono do olhar e iniciador da ação. Quase sempre perdendo, ao fazê-lo, as características femininas tradicionais – não aquelas de sedução, mas antes as de bondade, humanidade, maternidade. Agora ela é quase sempre fria, energética, ambiciosa, manipuladora, exatamente como os homens cuja posição usurpou. (KAPLAN, 1995, p. 51)

Sobre a feminização do magistério, Louro (1997) afirma que durante muito tempo a profissão foi associada a mulheres que não conseguiram se casar e por se tratar de uma atividade na qual alguns atributos foram construídos culturalmente como femininos: doação, dedicação, amor e vigilância. Como afirma a autora, “Assim, a concepção do magistério como uma extensão da maternidade, como um exercício de doação e amor, como uma atividade que exigia uma entrega vai constituí-lo como uma grande alternativa” (LOURO, 1997, p. 104). Durante muito tempo as professoras foram apresentadas como mulheres carrancudas, com roupas escuras e abotoadas até o pescoço, além de usarem óculos que escondiam os traços do rosto e eram, muitas vezes, vistas com ambiguidade. Ao mesmo tempo em que eram fracassadas em sua missão de procriação e de mulher do lar, possuíam acesso aos espaços nos quais as outras mulheres não transitavam. “De um modo muito especial, a professora mulher é alvo de preocupações. Ao afastar de sua figura as ‘marcas’ distintivas de sua sexualidade feminina, seus trajes e seus modos devem ser, na medida do possível, assexuados.” (LOURO, 1997, p. 106)

A respeito do caráter missionário da profissão docente, outro assunto recorrente nos discursos das entrevistadas, a autora afirma que algumas instituições como as igrejas, as escolas, as produções artísticas, os artefatos culturais como o cinema, as novelas, os programas de televisão ensinam as características que são almejadas e esperadas tanto para as mulheres quanto para os homens. As vestimentas, as formas de se movimentar, o tom de voz, as profissões pretendidas, os cuidados com o corpo, e diversas outras formas de ser e estar no mundo são aprendidas e representadas pelos sujeitos que se constroem como masculinos ou femininos, desestabilizando e estabilizando suas posições na sociedade num processo histórico. Foi assim que a escola se tornou um espaço ocupado pelas mulheres, a partir da segunda metade do século XIX.

Para Louro (1997, p. 95, grifos da autora):

As formas como se dá essa feminização podem ter algumas características particulares [...] naquele momento, um processo de urbanização estava em curso, no interior da qual um novo estatuto de escola se instituía. O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres, na medida em que própria atividade passa por um processo de ressignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar.

Ainda segundo as análises de Louro, a questão do cuidado permeia a prática pedagógica e a feminização do magistério, e “[...] ocorre na medida em que as novas teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerar o afeto como fundamental [...]” (LOURO, 1997, p. 98).

A sexualidade da professora e do professor também sofre vigilância ainda nos tempos de hoje. Como já mencionado anteriormente, tive a oportunidade de sentir o controle da sociedade para cumprir o papel assexuado da docência. Louro (1997, p. 106) afirma que:

[...] as formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/as aos padrões das comunidades pressupõem uma atenção redobrada sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores e formadoras. De um modo muito especial, a professora mulher é alvo de preocupações. Para afastar de sua figura as “marcas” distintivas da sexualidade feminina, seus trajes e seus modos devem ser, na medida do possível, assexuados. Sua vida pessoal, além de irretocável, deve ser discreta e reservada.

E expõe que existem outros modos de apresentar as professoras:

“[...] dóceis professorinhas podem se tornar trabalhadoras da educação sindicalizadas, aguerridas reivindicadoras de melhores condições de trabalho e melhores salários, podem ir para praças públicas, fazer greves, levantar bandeiras e gritar palavras de ordem. (LOURO, 1997, p. 108).

As várias formas de ver a profissão docente mostram que não existe um padrão rígido. Porém, algumas características estão presentes no imaginário popular e transitam por meio das mídias e são alimentadas por ela: “[...] E, o mais interessante, essa aparente instabilidade e fluidez afeta, também, os próprios sujeitos, fazendo com que, muitas vezes, eles se percebam de algum modo divididos e contraditórios.” (LOURO, 1997, p. 109).

Os estudos e os trabalhos examinados aproximam-se desta pesquisa no concernente ao tema, mas se distanciam quanto à captação e percepção do filme em tela.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

A compreensão complexa, base teórica da presente pesquisa, encaminha a um olhar sobre a temática levando em consideração a subjetividade dos sujeitos, entendida como um conceito aberto, recursivo e hologramático. O pensamento complexo possibilita a compreensão das

professoras a respeito do filme escolhido sem imprimir juízos de valores, de forma humana e complexa.

O corpo da Dissertação foi desenvolvido para que fossem cumpridos os objetivos propostos.

Em *Pensamento Complexo* apresentamos alguns conceitos elaborados por Edgar Morin em sua Teoria da Complexidade, com destaque aos de sujeito complexo, complexos imaginários e compreensão complexa.

Em *Cultura e Cinema*, tratamos de uma breve descrição da concepção de cultura, de mito, da sedução do cinema e do fascínio exercido por este produto cultural.

Nos *Procedimentos Metodológicos* explicitamos os passos seguidos para realizar a pesquisa, desde os critérios de escolha do filme e das entrevistadas ao referencial utilizado para análise.

Na *Discussão da Análise*, ponderamos sobre a complexidade das relações, a profissão docente, a Educação, e a compreensão do filme pelas entrevistadas.

Finalizamos com as *Considerações Finais*. Nos *Anexos* encontram-se a ficha técnica do filme *Escritores da Liberdade* e as transcrições integrais das entrevistas.

2. MORIN E O PENSAMENTO COMPLEXO

Para compreendermos a teoria da complexidade na proposição de Edgar Morin convém apresentarmos, inicialmente, as ideias, as noções e os princípios que a regem.

O desenvolvimento do pensamento complexo parte de estudos da física quântica e do princípio da incerteza, da ideia de falibilidade lógica, da teoria dos sistemas, da informação e da cibernetica. Para o autor, a expressão *complexidade* deve ser empregada no sentido originário da palavra: no latim, *complexus*, que é entendido como aquilo que é tecido em conjunto, ou seja, as partes estão no todo, assim como o todo está nas partes.

Morin (2007) aponta para uma religação dos saberes disjuntados por meio de uma reforma do pensamento. Percorre, assim, os caminhos que podem levar a uma compreensão do ser e do saber, do conhecimento multidimensional, do sujeito e sua auto-organização de forma mais humana para o bem da comunidade e da ética planetária.

A visão complexa do ser e do saber defende a dialogicidade das relações: “Falar em complexidade é, como vimos, falar em relação simultaneamente complementar, concorrente, antagônica, recursiva e hologramática entre essas instâncias cogeradoras do conhecimento.” (MORIN, 2011c, p. 23)

Tal simultaneidade enuncia os três operadores ou princípios que orientam essa proposição: hologramático, recursivo e dialógico. Os operadores não atuam de forma isolada, sendo que em alguns momentos pode-se observar a ação de mais de um deles ao mesmo tempo.

De acordo com o princípio hologramático, o todo está nas partes e as partes estão no todo. Este princípio diz respeito à totalidade e complexidade do ser. A sociedade está presente no sujeito, assim como o sujeito é parte da sociedade. Um não existiria sem o outro. A organização celular é um exemplo da complexidade do ser: cada célula está presente no organismo e possui uma função, assim como o organismo está presente em cada célula. Sob esse olhar, a relação parte e todo não está apenas sob a visão simplificadora de que, ao conhecermos a parte e ampliarmos sua dimensão, automaticamente conheceremos o todo.

Em educação, a percepção da relação entre o todo e as partes chama a atenção, se pensarmos no educando como um ser pensante, ativo, como um todo em sua relação com o ambiente,

com o conhecimento, com o processo de formação e demais contextos. Ele é parte, enquanto inserido no sistema educacional e na sociedade. As inter-relações entre o todo e as partes não podem ser limitadas a processos lineares que o reduzem a uma sequência ou amontoado de saberes difusos, desconexos, alheios à realidade de quem aprende.

O princípio dialógico une o que aparentemente deveria estar separado. Esse princípio abarca ordem e desordem; estabilidade e instabilidade, concebendo assim a associação que o pensamento linear rejeita. Conviver com essa possibilidade em um mundo cercado de incertezas é fundamental.

O princípio recursivo rompe com a linearidade causa-efeito. Produtos e efeitos são produtores e causadores daquilo que os produz ou causa. Esse processo retroage num espaço-tempo com intensidades não previsíveis e é elemento importante no campo da formação de pessoas. As ações e reações possíveis nesse sistema influenciam-se todo o tempo, às vezes de forma imprevisível. Sendo assim, professores, alunos, ambientes e outros agentes são causa e efeito em suas relações entre si e consigo mesmos.

Para entender a dinâmica da complexidade e seus operadores é importante compreender o jogo de desordem/ordem/interações/organizações que se faz presente no mundo físico. Cada termo está presente no outro de maneira complementar e antagônica, sendo que

O pensamento complexo comporta e desenvolve diferentes tipos ou modos de inteligência, mas os supera pela importância de seu componente reflexivo e pela sua aptidão organizadora e criadora. (MORIN, 2007, p. 102)

É nesse sentido que se propõe a reforma do pensamento. Entende-se que a promoção do ser e do saber é a tarefa principal da educação. Defende-se também que a necessidade de unir o que está compartmentado se torna imprescindível para que a religação dos saberes e enfrentamento das incertezas seja efetivo. Como diz Morin (2006, p. 11), “A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre”.

A religação dos saberes é uma necessidade do ser humano para que os componentes culturais, biológicos, sociais e individuais sejam organizados. Isso se torna necessário para que não se remeta apenas à ciência, mas que também se utilize daqueles saberes produzidos pela

literatura, pelas artes e pela poesia, sendo que esses também expressam o conhecimento. A religação diz respeito à complexidade humana e não se resume a verdades absolutas. O conhecimento é uma aventura na qual a incerteza, o erro e as ilusões se fazem presentes num mundo de certezas.

O paradigma da complexidade contempla a convivência entre mente e ideias, pois é capaz de garantir a abertura, a crítica, a reflexão e a autocrítica. “Precisamos [...] de uma nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocriticas, aptas a se autorreformarem, ou mesmo autorrevolucionarem”. (MORIN, 2011c, p. 310).

2.1 O REINO DAS IDEIAS – NOOSFERA

Nessa perspectiva, é fundamental que se entenda o conceito de *noosfera* para fundamentar esta pesquisa. A noosfera se constitui na dinâmica da vida e da morte a partir da perspectiva de que as ideias, as linguagens, os produtos culturais, as teorias, os paradigmas e as ideologias possuem vida própria. Ela se encontra em todas as sociedades humanas e diz respeito às coisas do espírito, que, segundo Morin (2007), remetem-se aos gênios, deuses que são colocados em prática por meio da crença e da fé. É por seu intermédio que ocorre a rede origem/degradação/degeneração/regeneração dos sistemas de ideias; ela é também a responsável por alimentar a mente e a cultura com as ideologias, doutrinas, postulados científicos e filosóficos, e a comunicação do espírito humano com o mundo. Ela está no indivíduo assim como o indivíduo está nela, um contém o outro. “As idéias e, mais amplamente as coisas do espírito, nascem dos próprios espíritos, em condições socioculturais que determinam as suas características e as suas formas, como produtos e instrumentos do conhecimento.” (MORIN, 2011, p.131)

O autor explicita o conceito de noologia atentando para o risco das simplificações:

Em um primeiro sentido, a noologia parte do ponto de vista científico elementar que objetiva o seu objeto de conhecimento; a linguagem pra o lingüista, a lógica para o lógico, o mito para o mitólogo são, enquanto objetos, dotados de realidade objetiva. Mas, essa realidade objetiva é muito pobre e não dispõe nem de autonomia, nem de poder. É necessário um ponto de vista estrutural para dotar a linguagem ou o mito de uma virtude autoestruturante [...]. É preciso um ponto de vista sistêmico para dar a esses objetos a organização complexa do sistema. (MORIN, 2011c, p.137)

O mundo das ideias é repleto de erros e ilusões que são problemas criados pela mente humana. Todo conhecimento é uma tradução e reconstrução. O espírito está sempre sujeito a cair nestas armadilhas, por meio de recalcamentos inconscientes, normas, tabus da sociedade, da simplicidade, das questões religiosas e mitológicas. A racionalidade é a responsável por afastar o erro e a ilusão, porém, esta deve operar continuamente a fim de dispersar novos erros e ilusões que sempre se aproveitam da brecha entre o espírito e o real.

As ideias são alimentadas por diversos meios de comunicação: o cinema, a televisão, a doutrinação, a palavra, as obras escritas e a educação (MORIN, 2011c). O imaginário produz e reproduz aquilo que foi aprendido ao longo de gerações passadas, mantendo vivos em nossas mentes fatos que não vivemos. Isso comprova que as ideias tem vida própria. A cultura tem papel fundamental na noosfera:

As representações, símbolos, mitos, ideias são englobados, ao mesmo tempo, pelas noções de cultura e de noosfera. Do ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Do ponto de vista da noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de certa existência. (MORIN, 2011c, p. 139)

Ao mesmo tempo em que o espírito é aberto – se desenvolve na relação entre atividade cerebral e cultura –, também é fechado. O termo *espírito* defendido por Morin (2007, p. 96) é entendido como “mente”, sendo o espírito um dos responsáveis pela organização do conhecimento, das ideias e das ações humanas. As coisas do espírito são o conjunto de tradições, mitos, religiões e religiosidades, ideologias e outros. Como diz o autor,

Oriunda das próprias interações que tecem a cultura de uma sociedade, a noosfera emerge como uma realidade objetiva, disposta de relativa autonomia e povoada por entidades que denominaremos ‘seres de espírito’. (MORIN, 2011c, p.139)

Somente o ser humano possui espírito, sendo que a mente humana pode ser comparada a um computador, porém, as semelhanças entre uma máquina e a mente se encerram no momento em que ocorre o pensamento. O computador pode ser programado para realizar inúmeras tarefas que um ser humano é capaz de fazer por meio da disjunção e da conjunção. Além de realizar estas mesmas funções, a mente humana integra a computação cerebral e a cogitação, ou o pensamento (*cogito*). Morin (2007) define o cérebro, por sua vez, como uma máquina

bio-químico-elétrica, sendo que este possui a capacidade de inventar e criar, mas também de sucumbir aos erros, ilusões e loucura. Como explica Petraglia (2010, p. 104),

O ser humano que se distingue dos demais seres, por suas características e identidade, torna-se sujeito a partir de seu processo organizador, jamais podendo dissociar desse processo o mundo exterior; então, trata-se de uma auto-eco-organização.”

A mente humana se auto-organiza para que a noosfera cumpra seu papel, como aponta Morin (2011c, p. 150):

O espírito/cérebro e a cultura condicionam, eco-organizam, limitam, libertam a noosfera, a qual condiciona, eco-organiza, limita, liberta o espírito/cérebro e a cultura. Cada uma dessas instâncias é, ao mesmo tempo, ecossistema dos dois outros que daí retiram alimentos, energias, organização, vida.

A noosfera está presente no filme *Escritores da Liberdade* em uma situação na qual a protagonista exemplifica que um registro em um diário pode ser útil para a reflexão de nossos atos ou mesmo para que nos compreendamos como sujeitos complexos repletos de erros e ilusões inerentes a qualquer ser humano. Esta foi uma ação didática proposta pela professora na qual os alunos deveriam anotar em seus cadernos individuais todas as sensações vividas diariamente por eles. Morin (2006, p. 62) explica a importância do aprendizado significativo:

O aprendizado da auto-observação faz parte do aprendizado da lucidez. A aptidão reflexiva do espírito humano, que o torna capaz de considerar-se a si mesmo, ao se desdobrar – aptidão que certos autores como Montaigne ou Maine de Biran exerceram admiravelmente -, deveria ser encorajada e estimulada em todos. Seria preciso ensinar, de maneira continua, como cada um produz a mentira para si mesmo, ou *self-deception*. Trata-se de exemplificar constantemente como o egocentrismo autojustificadora e a transformação do outro em bode expiatório levam a essa ilusão, e como concorrem para isso as seleções da memória que eliminam o que nos incomoda e embelezam o que nos favorece (seria o caso de estimular a escrita de um diário e a reflexão sobre os acontecimentos vivenciados).

Nesse sentido, explicita-se que a noosfera é repleta de simbologias e propõe-se a reflexão sobre sua importância para o entendimento da cultura:

[...] a proliferação das ideologias e das ideias abstratas e o enorme desenvolvimento do saber científico e técnico caminham juntos com o do universo imaginário da literatura, do romance, do cinema e da televisão. Cada poema inventa um mundo, cada romance, cada filme cria um universo. As diferentes noosferas saídas das diversas culturas do globo comunicam-se agora, mais ou menos, entre elas e são desenvolvidas por uma noosfera planetária, ela própria em expansão; como acontece com o mundo físico. (MORIN, 2011c, p.140)

A noosfera não se constitui apenas de um canal de comunicação entre o concreto e o abstrato, ela é parte fundamental da relação entre os sujeitos, e o cenário na qual ocorrem as interações e as compreensões de mundo, o que fica claro na seguinte passagem:

O crescimento e o desenvolvimento da noosfera asseguram uma comunicação sempre mais ampla e mais rica com o universo. Mas, ao mesmo tempo, a ploriferação noosférica, não somente dos mitos, mas também da abstrações, acentua a separação entre o mundo e a Natureza, ou mesmo entre humanos e humanos. A noosfera não é apenas o meio condutor/mensageiro do conhecimento humano. Produz, também, o efeito de um nevoeiro, de tela entre o mundo cultural, que avança cercado de nuvens, e o mundo da vida. Assim, reencontramos um paradoxo maior já enfrentado: *o que nos faz comunicar é, ao mesmo tempo, o que nos impede de comunicar.* (MORIN, 2011c, p. 141. Grifos do autor)

2.2 ERROS, CONTRADIÇÕES E RACIONALIDADE: O SUJEITO COMPLEXO

O pensamento complexo defende que todo ser humano nasce com todas as capacidades e potencialidades intelectuais para agir na sociedade e procura ligar a unidade a multiplicidade com relação ao sujeito entendendo que a cultura molda o indivíduo podendo inibi-lo ou estimulá-lo. As contradições fazem parte da nossa espécie, temos o poder construtor e destruidor na mesma proporção. Isso significa que podemos ser loucos, racionais, trabalhadores, afetivos. A complexidade do ser encontra-se justamente neste ponto, na qual podemos visualizar as múltiplas potencialidades do indivíduo.

O homem é racional (*sapiens*), louco (*demens*), produtor, técnico, construtor, ansioso, extático, instável, erótico, destruidor, consciente, inconsciente, mágico, religioso, neurótico; goza, canta, dança, imagina, fantasia. Todos esses traços cruzam-se, dispersam-se, recompõem-se conforme os indivíduos, as sociedades, os momentos, aumentando a inacreditável diversidade humana... Mas todos esses traços aparecem a partir de potencialidades do homem genérico, ser complexo, no sentido em que reúne traços contraditórios. (MORIN, 2007, p 63)

Todas as dimensões cultural e socialmente separadas são unificadas pelo pensamento complexo. Assim, Morin (2007, p. 18) “[...] concebe o *homo* não apenas como *sapiens, faber, e economicus*, mas também como *demens, ludens e consumans*. ” O ser humano não carrega apenas um desses aspectos, eles se unem de forma bipolar, como designa o próprio autor,

oscilando entre o *sapiens e demens*, ou mesmo unindo os dois em diferentes momentos de sua existência e de acordo com sua história de vida, a cultura na qual vive, seus anseios e angústias.

O ser humano é bipolarizado entre *demens e sapiens*. Mais ainda, *sapiens* está em *demens* e *demens* está em *sapiens*, em *yin e yang*, um contendo o outro. Entre ambos, antagônicos e complementares, não existe fronteira nítida; há, sobretudo, eflorescências da afetividade, da estética, da poesia, do mito. Uma vida totalmente racional, técnica e utilitária seria não apenas demente, mas inconcebível. Uma vida sem nenhuma racionalidade seria impossível. É a racionalidade que permite objetivar o mundo exterior e operar uma relação cognitiva prática e técnica. (MORIN, 2007, p. 141)

É a partir desta noção de ser humano, *homo sapiens-demens*, egocêntrico, o qual se posiciona no centro do mundo, que Morin (2006) conceitua o sujeito. O egocentrismo coloca o sujeito no centro do seu “Eu”, no qual ele se torna o “tudo”, porém em relação ao universo se torna nada. O “Eu” é um pronome que qualquer pessoa pode dizer, mas ninguém pode dizê-lo em seu lugar. “O princípio do egocentrismo é o princípio pelo qual eu sou tudo; mas já que todo o meu mundo se desintegrará após minha morte, justamente por essa mortalidade, eu sou nada.” (MORIN, 2006, p. 127)

A complexidade do sujeito passa pela dualidade entre o egocentrismo e o altruísmo. Da mesma forma que sou tudo enquanto os outros não são nada, no altruísmo ofereço minha vida pela defesa de uma causa. De acordo com esse princípio da distinção, Morin (2006) mostra a capacidade do indivíduo de se referir a “si” e ao mundo exterior, pode-se distinguir ao mesmo tempo o “eu” e o “não eu”.

O autor explica que a subjetividade é construída de acordo com os fatos ocorridos com o indivíduo, sua história de vida, as experiências vivenciadas, sendo que a cultura molda, constitui, e também é constituída pela subjetividade. A consciência da consciência nem sempre é perceptível; o indivíduo não tem consciência do funcionamento do seu organismo, porém, tem uma percepção objetiva que faz com que ele próprio consiga observar seus atos e seu pensamento, unindo o máximo da subjetividade e da objetividade.

Possuímos dois níveis de subjetividade: um diz respeito às atividades cerebrais e mentais e o outro nível, ao nosso organismo, protegido pelo sistema imunológico que se encarrega de expulsar tudo aquilo que é prejudicial. Este princípio se encarrega de fazer a distinção entre o

que é exterior e o que é interior, ou aquilo que é benéfico e aquilo que não faz bem ao organismo.

O princípio de diferenciação nos mostra que ao longo da vida nos transformamos e nos modificamos em vários aspectos, tanto físicos como emocionais; modificamos nosso caráter, nossos gostos musicais, nosso humor; ficamos mais tolerantes a determinadas situações ou não, modificamos nossa aparência, passamos a acreditar em outras coisas, nossas células envelhecem. Enfim, estamos em constante modificação, porém, continuamos sendo a mesma pessoa, e isso é caracterizado, por exemplo, quando dizemos: “Eu era jovem”, “Eu estava cansado”. Nas palavras de Morin (2007, p. 74),

Ser sujeito supõe um indivíduo, mas a noção de indivíduo só ganha sentido ao comportar a noção de sujeito. Trata-se de uma lógica de autoafirmação do indivíduo vivo, pela ocupação do centro que corresponde literalmente à noção de egocentrismo. Ser sujeito implica situar-se no centro do mundo para conhecer e agir.

Os princípios de inclusão e exclusão são inseparáveis, mas ao mesmo tempo antagônicos: um contém o outro. Ninguém pode dizer “eu” em meu lugar, assim como não posso dizer “eu” sem levar em consideração a interação com o outro. O ser humano está dividido entre o egocentrismo e o altruísmo. Da mesma forma com que se fecha em sua subjetividade não pode impedir a interação e a interferência com e do outro. Sobre isso, Morin (2006, p. 122) afirma que “O princípio de inclusão é tão fundamental quanto os outros princípios. Supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade”.

Ao reafirmar o caráter biológico da formação do ser, o autor explica a noção de que o sujeito sofre ação tanto da sua herança genética, das características biológicas, assim como da cultura e da sociedade à qual pertence: Como diz Morin (2007, p. 76),

O indivíduo não tem identidade física estável; as suas moléculas degradam-se e são substituídas por outras: as células morrem e outras nascem várias vezes na maioria dos tecidos ou órgãos; mas a identidade do seu EU permanece.

O outro se torna “eu” a partir do momento em que me comunico com ele. A possibilidade de comunicação entre os sujeitos favorece a compreensão. A compreensão nos auxilia na percepção que temos do outro. A simpatia e a comunhão fazem com que a comunicação seja

manifestada no princípio da exclusão. A comunicação acontece mesmo quando não nos comunicamos. Isso ocorre por meio da linguagem sendo que podemos comunicar até mesmo nossa incomunicabilidade.

Morin (1999) expõe que a noção de sujeito sempre foi controvertida porque em todas as línguas existe a primeira pessoa do singular. Por outro lado é um convite à reflexão. O sujeito é visto em alguns casos como realidade suprema, como Deus, sendo que em outras filosofias o sujeito significa a nossa parte mais divina e se confunde com a alma. A ciência dissolve o indivíduo no momento no qual se admite determinismos físicos, biológicos e culturais. Assim, o mundo do sujeito se divide em dois, um diz respeito às coisas da alma, do espírito, da sensibilidade, da filosofia e da literatura, enquanto o outro pertence às ciências, às técnicas e à matemática.

A organização destes fatores faz parte da identidade humana. O sujeito atinge sua auto-ecorganização por meio da autonomia e da dependência, que se configura em um sistema no qual há sujeição ao outro para se sustentar, num ciclo constante. Segundo Morin (1999), mesmo na autonomia há dependências do mundo exterior, o sujeito depende do clima, do tempo histórico no qual vive, da cultura e seus *imprintings*, para exercer sua condição.

A noção de sujeito perpassa a questão do indivíduo, este produto e produtor de cultura e linguagem. Produzimos a sociedade e esta nos produz, num ciclo que não se rompe, influenciamos e somos influenciados por ela. A autonomia pode ser entendida a partir do processo no qual o sujeito possui a capacidade de interferir no seu meio, mas sem deixar de ser influenciado e construído por ele de forma complexa. de acordo com Morin (1999), ninguém é totalmente livre, assim como ninguém é totalmente autônomo.

Para compreender o sujeito, devemos entender também o funcionamento da máquina humana, em termos biológicos. O ser humano é uma espécie de computador programado biologicamente em suas características físicas e genéticas, pois, até mesmo o ser menos complexo, a bactéria, é “[...] ao mesmo tempo um ser, uma máquina e um computador”. (MORIN, 1999, p. 48)

É uma máquina que não se separa do computador e nem do ser, sendo assim um ser autodependente que se constitui de um organismo, funciona com suas engrenagens e seus processos de produção que o mantêm vivo sendo, portanto, autossuficiente. Essa é a ideia de sujeito como *computo*, como explica Morin:

Aqui é onde aparece o sujeito com o *computo* e com o egocentrismo, onde a noção de sujeito está indissoluvelmente unida a esse ato, na qual não só se é a própria finalidade de si mesmo, mas em que também se é autoconstitutivo da própria identidade. (1999, p.49)

A rede de informações contida em nossas células é semelhante a um computador - o termo *computação* significa uma junção de estímulos, dados, signos, símbolos e mensagens que permitem a interação e a ação com o mundo exterior e interior. Nenhum computador construído pelo homem será capaz de imitar a máquina humana. O “[...] *computo* é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa etc.” (MORIN, 2006, p. 120). É o ato egocêntrico do ser humano, é o sentido que cada um dá e faz a si de si mesmo.

Para Morin (1999), tomar consciência de si mesmo é uma das características do indivíduo-sujeito. A tomada de consciência ocorre por meio da linguagem e é por esse instrumento de objetivação que refletimos. Também é pela linguagem que ocorrem as manifestações de afeto – essenciais à vida – e a interação. É por meio dela que realizamos atos altruístas, nos objetivamos e ressabjetivamos num anel recursivo incessante e, assim, nos confirmamos seres humanos.

O ser humano está e sempre esteve em busca da construção de sua identidade, o que pressupõe liberdade e autonomia, esta ligada à dependência, sendo que sempre necessitamos de algum fator externo a nós. Morin (1999) explica que a liberdade pode ser entendida e vivenciada sob duas condições: uma diz respeito à condição interna do sujeito, sua capacidade de julgar e fazer as próprias escolhas por meio da capacidade mental, intelectual e cerebral que dependem exclusivamente do indivíduo que está vivendo determinada situação; a outra diz respeito à dependência dos fatores externos que influenciam diretamente a primeira condição, quer dizer, um indivíduo pode ser livre de ideias e pensamentos, mas sofre interferência do mundo externo para tomar suas decisões. Nenhum ser humano é totalmente livre, a cultura molda as condições de liberdade. Como lembra Petraglia (2010, p. 70),

[...] o humano é um ser livre. A liberdade não é somente uma qualidade, mas é uma emergência da pessoa. Supõe a identificação da necessidade e do desejo, a capacidade de elaborar hipóteses, estratégias e metodologias para sua realização, como também supõe possibilidades de escolha e poder de decisão. [...] o ser humano sabe o que quer, porque escolhe e decide a sua experiência, diante das possibilidades que se lhe apresentam. [...] Entretanto, o ser humano, que é complexo, pode viver o

paradoxo de ser o indivíduo mais autônomo e o mais subjugado. Concentra em si um misto de autonomia, liberdade e heteronímia.

Ao examinar o elo entre a ideia de sujeito e liberdade, Morin (2006) reflete sobre as escolhas dentro do meio exterior e da eventual liberdade do sujeito em exercê-la. O autor afirma que não sabemos de fato se somos totalmente livres, pois o sujeito possui uma parte submissa que lhe é ignorada. Não há como saber se quem está falando é o sujeito ou sua parte submissa, de tal maneira que, quando expressamos uma opinião, não temos como afirmar se o que estamos dizendo é aquilo que foi impresso em nós pela cultura à qual pertencemos. Para Morin (2006, p. 127),

Nunca se sabe até que ponto ‘Eu’ falo, até que ponto ‘Eu’ faço um discurso pessoal e autônomo, ou até que ponto, sob a aparência que acredito ser pessoal e autônoma, não faço mais que repetir ideias impressas em mim.

Assim se configura o primeiro princípio da incerteza: nunca saberemos se nosso discurso é pessoal ou autônomo, nunca saberemos se falamos por nós ou pelo coletivo.

O pensamento complexo une as formas de pensar, pois defende que “[...] são duas noções aparentemente antagônicas, que são, no entanto, complementares para dar conta da mesma realidade”. (MORIN, 2006, p. 119). A complexidade procura unir o que estava disjunto, não há como separar os conceitos indivíduo/espécie, bem como indivíduo/sociedade, um depende do outro, um alimenta o outro, um não sobrevive sem o outro.

De acordo com o ponto de vista biológico, o indivíduo é produto e produtor devido às suas características reprodutoras, estabelecendo um ciclo. Na visão social, também somos produtores e produtos. A sociedade com sua cultura produz o indivíduo de acordo com suas normas e padrões, enquanto o indivíduo alimenta a sociedade também com suas regras e modos de viver num ciclo contínuo e interdependente. O sujeito é inseparável do indivíduo e possui um caráter existencial, sendo que não é somente egoísta, podemos observar atos de altruismo, solidariedade, compaixão ao mesmo tempo em que observamos características egocêntricas.

O risco de incompreensão é inerente ao ser humano e passível de erro. O sujeito é regido pelas coisas do espírito ou da alma. A alma se manifesta pelo não concreto, por aquilo que não podemos medir ou pegar, ela surge “[...] pelo olhar, pela emoção, pela emoção do rosto e,

sobretudo, através de lágrimas e sorrisos”. (MORIN, 2007, p. 109). A linguagem da prosa e da poesia é o principal meio de comunicação e de expressão da alma, mas deve-se atentar pra o fato de que:

O erro é um problema central e permanente na compreensão de uma fala, de uma mensagem, de uma ideia, de uma pessoa. O erro e o conhecimento têm a mesma fonte. Todo conhecimento é interpretação (tradução, reconstrução). Daí o risco de erro em qualquer percepção, opinião, concepção, teoria, ideologia, ou seja, risco de incompREENSÃO. (MORIN, 2005, p. 118)

O espírito é o responsável pela organização do pensamento enquanto a alma diz respeito às emoções, à sensibilidade e à afetividade. Segundo Morin (2007, p. 108), “[...] o espírito não é apenas uma superestrutura, mas uma emergência da extraordinária conjunção organizadora entre o cérebro humano e a cultura”. O cérebro humano tem o poder de criar quando utiliza seu poder genial a serviço da humanidade, mas, também possui o lado destruidor que surge da falta de consciência e de responsabilidade. Não podemos conhecer o espírito humano; os fatores que motivam as ações criativas e destrutivas ainda são misteriosos aos nossos olhos.

A cultura é a responsável por moldar os pensamentos, nos ensina formas de viver, nos situa no tempo e no espaço, nos fornece seus códigos e sua linguagem. É por meio da linguagem – ou da cultura – que nos confirmamos sujeitos. Para Morin (2006), a consciência é o aspecto mais importante, frágil e precioso do sujeito. Ao mesmo tempo em que é essencial também pode se enganar, principalmente pelo caráter de fragilidade que comporta. A consciência de si ocupa da reflexão sobre o “eu”, que emerge do espírito. A consciência do “eu” é particular, cada um tem a representação do que é, porém, essa noção é parcial e sujeita a erros e ilusões. Essa percepção vem das profundezas da consciência. É subjetiva, porém, suas ações são objetivas, pois fornecem ao sujeito ferramentas para que possa agir e repensar seu pensamento.

Os recalques, o mentir para si mesmo, a fragmentação dos saberes, certezas impostas pela cultura colaboram para o jogo complexo da verdade e do erro: “Daí a complexidade da consciência, ao mesmo tempo sempre subjetiva e objetivante, interior a si e distante de si, estranha e íntima, periférica e central, epifenomenal e essencial, necessária e ameaçada.” (MORIN, 2007, p. 113)

Do mesmo modo que controla o pensamento e a inteligência, a consciência é controlada por eles, necessitando da conscientização para cumprir esse ciclo. Essa é a maior dificuldade para se alcançar a lucidez. “A consciência do que é a consciência necessita da utilização do anel para reconhecer a sua natureza reflexiva e da dialógica para reconhecer sua natureza subjetiva/objetiva.” (MORIN, 2007, p. 113). A maior dificuldade do processo encontra-se na capacidade do indivíduo de pensar de forma complexa, unindo o uno e o múltiplo.

A consciência não é fixa e imutável, podendo ser transformada ao longo da vida ou mesmo alterada devido a diversos fatores. Um problema de saúde, uma virada histórica, uma desilusão faz com que nos assumamos *sapiens-demens*, ou seja, seres humanos pensantes carregados de erros, ilusões, contradições que nos fazem dementes também. Parte homem-espécie, parte loucura.

A espécie humana possui um incrível poder destrutivo e destruidor, ela é capaz de aniquilar civilizações inteiras, porém, esse ímpeto é barrado pelas formas de controle impostas pela cultura. O homem cria regras de convivências, leis, normas de conduta e convívio para barrar a pulsão destrutiva. A cultura e a sociedade se encarregam de introduzir desde cedo as normas e interdições nos espíritos das crianças. Os meios de regulação são três, segundo Morin (2007, p. 118): “[...] o do mundo exterior, em que o princípio da realidade resiste ao princípio do desejo; o propriamente mental da racionalidade; o social e o cultural que institui barreiras e tabus contra a agressividade e a violência”. Estes meios de regulação não são infalíveis e podem conter deficiências tais como a demência, a racionalidade utilizada a favor de uma guerra, a cultura impondo um dogma religioso de propagação de ódio e intolerância e tantos outros.

É desta forma que se caracteriza o *homo-sapiens-demens*, ao mesmo tempo em que pensa, cria, constrói, também destrói, aniquila, tortura e agride por prazer ou por alguma pulsão. Morin (2007) afirma que todos nós possuímos o lado *demens*; o que nos diferencia dos outros é apenas a forma de controle exercida sobre e por nós, “[...] a sublimação, a dissimulação, transformação de nossa própria loucura.” (MORIN, 2007, p. 119). A racionalidade humana pode ser traída pela afetividade ou pela pulsão, sendo que não existe nenhum dispositivo no cérebro/mente que faça a distinção entre realidade e alucinação, recorrendo a controles do meio para realizar essa função. Isso demonstra o caráter de fragilidade do *homo-sapiens-demens*.

A afetividade é a responsável pela ligação entre *homo sapiens* e *homo demens*. A afetividade é característica do ser humano e tudo o que é humano comporta a afetividade. O ser humano é capaz de chorar de tanto rir ou chorar convulsivamente pela dor do outro. O amor se opõe à razão, ao mesmo tempo em que a complementa, sendo que não existe antagonismo entre os dois e sim uma complementaridade entre ambos.

O sujeito não tem o poder de analisar o que é o real; sua noção de realidade depende de sua vivência e da sua racionalidade, portanto, o que entendemos por realidade é apenas uma radiografia da realidade. Morin (2007) compara nossa vida a um filme, no qual é projetado o que cremos viver na realidade. A afetividade entra em contato com a mente e produz o que entendemos por realidade. Como menciona o autor: “Há relação, ao mesmo tempo, complementar e antagônica entre nossas duas fontes de realidade: a racional e a afetiva”. (MORIN, 2007, p. 122). Sem esse elo, seríamos meros robôs cumprindo leis e normas e eliminada toda a substância da realidade. O imaginário e a sensibilidade nutrem a vida, por intermédio do amor, primeiro pelo de sua mãe e, mais adiante, pelo de outros seres.

É pela afetividade que nos comunicamos, porque ela comporta todos os sentimentos humanos e está presente em qualquer manifestação do homem. Sob essa óptica:

A afetividade comporta uma dimensão que toma forma de inquietude, de ansiedade, de aflição, já presentes no mundo animal, e que, no mundo humano, aprofunda-se em angústia e exacerba-se em horror. Vive-se a angústia da morte como angústia da existência. Essa angústia pode ser recalculada pelas participações afetivas, pelo amor “forte como a morte”, mas sem nunca ser realmente liquidada. A angústia do aniquilamento de si mesmo exaspera-se em horror da decomposição. E o horror, abismo do espírito humano, pode ser fonte de demência”. (MORIN, 2007, p. 123)

O sujeito está sempre oscilando entre o tudo e o nada, sendo que para si ele sempre é o tudo, pois o que rege esse pensamento é o princípio do egocentrismo, capacidade inerente ao ser humano. Para si, o indivíduo é o centro do mundo, porém, sob outra perspectiva, esse mesmo indivíduo é uma pequena partícula situada em algum lugar do universo. Estamos divididos entre o egoísmo e o altruísmo, porque, ao mesmo tempo em que podemos sacrificar algo valioso em nossas vidas por amor, pela fé, pela condição política, por exemplo, também podemos nos negar a esse sacrifício:

Vemos, assim, esse paradoxo da condição indivíduo-sujeito. A morte, para cada sujeito, é o equivalente a morte do universo. É a morte total do universo. E, por sua vez, essa morte revela fragilidade, o quase nada dessa entidade que é o sujeito. Mas, ao mesmo tempo, somos capazes de buscar essa morte, *horror*, quando oferecemos

nossa vida pela pátria, pela humanidade, por Deus, pela verdade. (MORIN, 1999, p. 55)

A condição humana é regida por duas incertezas: a cognitiva e a histórica. O conhecimento é sempre uma tradução e uma construção, comportando assim o risco do erro. Outro princípio diz respeito à interpretação dos conhecimentos dos fatos, e essa interpretação depende da subjetividade de cada indivíduo. “Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza”. (MORIN, 2006, p. 59)

Nessa perspectiva,

Entende-se subjetividade como um sistema que organiza e desorganiza o mundo interno e o mundo externo do sujeito, facilita e dificulta o desenvolvimento e o crescimento pessoal, resgata o passado que interfere no agora do presente, prospecta o futuro, desvela e distingui o singular e o especial. (DIAS, 2008)

2.3 A COMPREENSÃO SUBJETIVA E OBJETIVA NA BUSCA PELA COMPREENSÃO COMPLEXA

Para auxiliar na compreensão do discurso das professoras entrevistadas, optou-se pela utilização dos conceitos como compreensão complexa e complexos imaginários de acordo com as noções de projeção, identificação e transferência. A compreensão deve ser entendida a partir de três aspectos: compreensão subjetiva, compreensão objetiva e compreensão complexa.

Para compreendermos a compreensão devemos reconhecer a incompreensão. A incompreensão está presente nas relações humanas e provoca estragos planetários. Tem origem em diversos meios, mas é frequentemente observada nas manifestações religiosas com seus dogmas rígidos, nas guerras, nos hábitos diferentes daqueles que nos é comum. Morin nos elucida a respeito de alguns motivos que causam a incompreensão que a causam:

A incompreensão produz a vontade de prejudicar, que gera a incompreensão. Em períodos de guerra civil, guerra religiosa, guerra entre nações, as incompreensões tornam-se devastadoras. O medo é a fonte do ódio, que é a fonte de incompreensão, que é fonte de medo, em círculos viciosos que se auto-amplificam. Um verdadeiro delírio de cegueira culpando e diabolizando o inimigo toma conta de populações

inteiras. Nossa cosmos humano é salpicado de enormes buracos de incompreensão de onde nascem a indiferença, indignação, desgosto, ódio, desprezo. (MORIN, 2005, p. 111)

A incompreensão está presente no cotidiano da sociedade contemporânea. Nem mesmo o fenômeno da Globalização parece ter colaborado para que a compreensão se estabeleça, na comunicação entre os sujeitos também surgem incompreensões sendo que “O reino da incompreensão suscita mal-entendidos, as falsas percepções do que é o outro, os erros em relação ao outro, tendo como consequências a hostilidade, o desprezo e o ódio.” (MORIN, 2005, p. 110). Assim, o autor explica que diariamente em todas as partes há incompreensões que levam a assassinatos, brigas, calúnias, difamações, maldades que colaboram para a destruição planetária.

A incompreensão acompanha as línguas, os hábitos, os ritos, as diferentes crenças. As diferenças entre códigos de honra, de acordo com os indivíduos e as culturas, suscitam trágicas incompreensões. Por toda parte o etnocentrismo impede a compreensão das outras culturas. Com o surgimento e o desenvolvimento das nações modernas, nacionalismo e chauvinismo agravaram as incompreensões xenofóbicas, especialmente em tempos de guerra. As religiões não podem compreender-se entre elas; além disso, as grandes religiões monoteístas, proprietárias da Verdade revelada, desencadearam ódios mútuos e fúria contra os descrentes e heréticos. A multiplicação das comunicações, das traduções, dos conhecimentos, diminuindo alguns mal-entendidos, não eliminaram a incompreensão. Os desenvolvimentos do individualismo não conseguiram superar as incompreensões éticas ou religiosas, apesar da multiplicação dos encontros interculturais e do cosmopolitismo crescente; o egocentrismo estimulou incompreensões entre indivíduos, numa mesma cidade, numa mesma família, entre crianças, pais, irmãos e irmãs [...]. (MORIN, 2005, p.110)

Morin (2005) reflete que há possibilidade de algumas pessoas mais esclarecidas pelo acesso a informação possuírem o poder da compreensão de que cada cultura tem seus costumes e seus hábitos, seus rituais e seus usos, porém, também acredita que o individualismo ocidental tenha colaborado para a regressão da compreensão do estrangeiro.

A incompreensão não é uma via de mão única, numa mesma situação podem-se observar momentos de compreensão e de incompreensão, ou momentos na qual o individuo vai da incompreensão a compreensão ou o contrário.

O amor e suas facetas podem levar a incompreensão:

A falta de amor impede o reconhecimento das qualidades do outro; o excesso de amor impede, pelo ciúme, o reconhecimento da autonomia do outro. Há passagens

da compreensão a incompreensão e vice-versa; tanto se comprehende um ao outro com meia palavra, tanto se é como dois estrangeiros. (MORIN, 2005, p. 111)

A partir da explanação a respeito da incompreensão, lança-se a questão: como compreender? Morin explica que três procedimentos devem ser unidos para que haja a compreensão humana, a compreensão objetiva, a compreensão subjetiva e a compreensão complexa. Sobre a compreensão subjetiva, Morin (2005, p. 112) considera que esta

[...] é o fruto de uma compreensão de sujeito a sujeito que permite, por *mimesis* (projeção-identificação), compreender o que vive o outro, seus sentimentos, motivações interiores, sofrimentos e desgraças. São sobretudo o sofrimento e a infelicidade do outro que nos levam ao reconhecimento do seu ser subjetivo e despertam em nós a percepção da nossa comunidade humana.

Já a compreensão objetiva diz respeito aos aspectos objetivos do sujeito, na qual interpretamos os fatos de maneira descritiva, a compreensão subjetiva ocorre por meio dos processos de projeção-identificação que permitem que entendamos os acontecimentos pelos quais o outro está passando, e possibilitem que nos coloquemos no lugar do outro:

A compreensão objetiva [...] comporta a explicação [...]. A explicação obtém, reúne e articula dados e informações objetivos relativos a uma pessoa, um comportamento, uma situação, etc. Fornece as causas e determinações necessárias a uma compreensão objetiva capaz de integrar tudo isso numa apropriação global. (MORIN, 2005, p.112)

A compreensão complexa une a compreensão objetiva e a subjetiva, com o objetivo de entender algumas características do sujeito para contextualizar algum fato. Morin (2005) apresenta como exemplo os filmes nos quais o espectador consegue se projetar na personagem, mergulhando numa situação semi-hipnótica e, desse modo, é capaz de ter simpatia por uma personagem que jamais teria na vida real, como é o caso de Carlitos, personagem caracterizado como um vagabundo e criado pelo ator inglês Charles Chaplin. De acordo com essa perspectiva, se encontrarmos um vagabundo nas ruas não teremos a mesma empatia e simpatia que temos pelo personagem.

A compreensão complexa engloba explicação, compreensão objetiva e compreensão subjetiva. A compreensão complexa é multidimensional; não reduz o outro a somente um dos seus traços, dos seus atos, mas tende a tomar em conjunto as diversas dimensões ou diversos aspectos da sua pessoa. Tende a inserir nos seus contextos e, nesse sentido, simultaneamente,

a imaginar as fontes psíquicas e individuais dos atos e das idéias de um outro, suas fontes culturais e sociais, suas condições históricas eventualmente perturbadas e pertubadoras. Visa captar os aspectos singulares e globais. (MORIN, 2005, p. 113)

Quando vemos um filme, lemos um romance ou assistimos a uma peça de teatro nos transportamos para aquele mundo que nos apresenta a complexidade dos personagens que são compostos por diversos fatores; dessa maneira um mafioso pode ser um pai carinhoso, um presidiário pode ser companheiro de seus colegas de cela e assim por diante.

A compreensão complexa não resume o sujeito a apenas um aspecto de sua personalidade, ela se baseia na multidimensionalidade do ser, pois a redução não permite a compreensão do outro. Para entender e compreender o sujeito de forma complexa, é importante situar a pessoa no tempo, no espaço e nas circunstâncias nas quais ela se encontra. Algumas condições podem levar à incompreensão, a erros e a ilusões. Isso ocorre quando há redução do todo complexo a um de seus componentes fazendo com que se tire a situação do contexto, desunindo o que é ligado. Em algumas situações podemos ir da compreensão subjetiva a objetiva, ou vice versa, como demonstra Morin (2005, p. 113):

Pode-se ir da compreensão objetiva a compreensão subjetiva; quando, por exemplo, estudamos as causas e motivações que levaram um adolescente à delinquência, é possível experimentar a compreensão subjetiva. Por seu lado, a compreensão conduz, em certas condições, à compreensão complexa do ser humano.

Os contextos culturais devem ser reconhecidos para compreender os pensamentos e os atos dos indivíduos oriundos de diferentes culturas, das quais o sagrado, o tabu, o lícito e a honra nos são estranhos e estrangeiros. Daí a necessidade de compreender que a honra do outro possa obedecer a um código diferente do nosso, logo de considerá-la segundo os critérios dessa cultura, não dos nossos.

Fatores como o erro, a indiferença, a incompreensão de cultura a cultura, a possessão pelos deuses, mitos e ideias, o egocentrismo e o autocentrismo, a abstração, a cegueira e o medo de compreender podem levar à incompreensão. O erro se constitui, segundo Morin (2005, p. 118), como

“[...] um problema central e permanente na compreensão de uma fala, de uma mensagem, de uma ideia, de uma pessoa. Todo conhecimento é interpretação

(tradução, reconstrução). Daí o risco de erro em qualquer percepção, opinião, concepção, teoria, ideologia [...].”

A indiferença é um fator que pode ser um obstáculo à compreensão por nos fazer indiferentes ao sofrimento do outro. Como afirma Morin (2005, p. 118),

[...] O ocupante e o colonizador tendem a ignorar pura e simplesmente os sofrimentos dos ocupados, colonizados, humilhados. Sem sermos colonizadores nem ocupantes, permanecemos na indiferença que congela toda compreensão das misérias materiais e morais que nos cercam.

A incompreensão de cultura a cultura diz respeito às limitações que o *imprinting* pode causar, sendo que “[...] Aquele que obedece ao *imprinting* e à norma está inteiramente convencido das verdades nele gravadas e, em consequência, do caráter mentiroso ou diabólico das verdades oriundas de outros *imprintings*”. (MORIN, 2005, p. 119). Estes são fatores que podem levar à incompreensão do outro, sendo que o ser humano tem tendência de rejeitar aquilo que não lhe é familiar ou pertencente à sua cultura.

A possessão pelos deuses, mitos e ideias podem nos manipular no sentido de causar a incompreensão. As ideias nos manipulam mais do que as manipulamos, sendo que: “Todas as formas e forças de possessão, invisíveis para quem as obedece, produzem incessantemente a incompreensão dos outros deuses, mitos, ideias.” (MORIN, 2005, p. 119).

O egocentrismo e o autocentrismo podem nos levar a cegueiras e incompreensões em relação ao outro quando, de acordo com o contexto, uma pessoa se sente no direito de julgar a outra de acordo com sua forma de pensar. A contextualização do indivíduo é um dos fatores fundamentais para que se julgue o outro. “Universalmente tudo o que se afirma de maneira autocêntrica (colocando-se no centro do mundo) resiste à compreensão da alteridade: etnia, nação, religião, gangues, indivíduo. Esses obstáculos à compreensão são subjetivos.” (MORIN, 2005, p. 120)

A abstração ignora a compreensão subjetiva sendo que ela é uma das responsáveis pela incompreensão. “Explicar apenas não basta para compreender. Isoladas, a racionalidade, a objetividade e a quantificação ignoram a compreensão subjetiva e eliminam dos seus conhecimentos a humanidade do humano.” (MORIN, 2005, p. 120). Isso ocorre quando um

conhecimento ignora os aspectos humanos incluídos no processo, “[...] propagando uma incompREENSÃO específica do vivido” (MORIN, 2005, p. 120).

O desconhecimento da complexidade pode levar à incompRENSÃO, sendo que existem muitas fontes de cegueira:

[...] em relação a si e ao outro, fenômeno geral cotidiano; cegueira pela marca da cultura nos espíritos; cegueira resultante de uma convicção fanática, política ou religiosa, de uma possessão por deuses, mitos e ideias; cegueira proveniente da redução e da disjunção; cegueira por indiferença, ódio ou desprezo; cegueira antropológica vinda da demência humana; cegueira oriunda de um excesso de racionalização ou de abstração, as quais ignoram a compRENSÃO subjetiva. (MORIN, 2005, p. 120)

Morin (2005, p. 13), afirma que introduzir a compRENSÃO nos sujeitos poderia civilizar o planeta de forma fraternal, resultando em lucidez, ética e empatia:

Introduzir a compRENSÃO profunda em nossos espíritos significa civilizar profundamente. Todas as tentativas de aperfeiçoamento nas relações humanas fracassaram, salvo em comunidades efêmeras, em momentos de fraternidade, pois não houve enraizamento das faculdades humanas de compRENSÃO.

O medo de compreender faz parte da incompRENSÃO. Esse medo está presente no ser humano, sendo que muitos temem que a compRENSÃO os leve a se desculpar, acreditam que compreender o outro os faria mais vulneráveis e fracos. Morin (2005, p. 121) nos explica que “Compreender não significa justificar. A compRENSÃO não desculpa nem acusa. Favorece o juízo intelectual, mas não impede a condenação moral. Não leva à impossibilidade de julgar, mas à necessidade de complexificar o nosso julgamento.” Compreender o outro como um ser humano passível de falhas e contradições pode nos levar a uma sociedade mais justa e humana de acordo com o autor.

2.4 PROJEÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E TRANSFERÊNCIA: OS COMPLEXOS IMAGINÁRIOS

Morin nomeia como complexos imaginários os sonhos, as fantasias, os mitos, a estética e tudo aquilo que se submete aos processos de projeção, identificação e transferências (P.I.T.), assim:

[...] um complexo é um conjunto que engloba várias partes ou elementos, [...], é um sistema formado por elementos distintos em interdependência. Este conceito molecular, nem rígido demais, nem flexível demais, implica simultaneamente a unidade orgânica e a diversidade dos elementos que o constituem. (Morin, 2011a, p.89)

A tríade dos conceitos projeção-identificação-transferência é utilizada para explicar os processos imaginários. Estes termos não são individuais e só podem ser explicados de forma associada entre eles, sendo que se sobrepõem uns aos outros.

Toda projeção é uma transferência de estados psíquicos subjetivos para o exterior; estes se fixam quer em imagens, representações ou símbolos - que parecem então existir objetivamente - quer em outros sujeitos, em objetos, em conjuntos de objetos no meio circundante, no cosmos. (MORIN, 2011a, p. 89)

O processo de projeção poderá “[...] desencadear ou determinar processos de identificação.” (MORIN, 2011a, p. 90) - sendo que o espectador, ao assistir um filme, tende a projetar alguns sentimentos no herói o que faz com que se identifique com ele e o identifica a si mesmo: “Nesse último sentido, a identificação é como uma propensão profunda, por certo nem sempre integralmente efetuada, de um processo introjetivo pelo qual o sujeito sente como subjetivo, pessoal ou próprio o que lhe é exterior ou estranho.” (MORIN, 2011a, p. 90).

Toda projeção é uma transferência de estados psíquicos subjetivos para o exterior; estes se fixam quer em imagens, representações ou símbolos, que parecem então existir objetivamente, quer em outros sujeitos, em objetos, em conjuntos de objetos no meio circundante, no cosmos. (MORIN, 2011a, p. 89)

A imagem traz em si o potencial de objetivação, uma forma de identificação do espectador com o mundo imaginário. A percepção do mundo real por meio das imagens pode permitir uma distinção entre objetos reais e imaginários, porém, da mesma forma que distancia, também aproxima de acordo com a subjetividade de cada sujeito que se relaciona com o objeto. A identificação do espectador com uma imagem de um filme pode elaborar a percepção do mundo real. Ao mesmo tempo em que a imagem projetada na tela se refere ao

mundo real, ela também representa o jogo entre o objetivo e o subjetivo. Os filmes tem o poder de conduzir o espectador a uma experiência estética, revelando a participação da consciência na ilusão, sendo que eles se constituem de um excelente objeto de leitura da realidade por meio dos complexos imaginários. Como diz Morin (2011a, p. 90),

A identificação, no entanto, não pode ser reduzida à projeção. Ela é também o efeito de um processo de [...] involução, por meio do qual o espectador não somente se identifica com o herói, mas identifica o herói a si mesmo. Nesse ultimo sentido, a identificação é uma propensão profunda, por certo nem sempre integralmente efetuada, de um processo introjetivo pelo qual o sujeito sente como subjetivo, pessoal ou próprio o que lhe é exterior ou estranho.

Nesse sentido, os complexos imaginários são determinantes na constituição da vida imaginária. É por meio deles que efetuamos as trocas entre nós e nosso meio, projetamos nossos desejos, nossos medos, nossas aspirações e nossas necessidades.

O complexo imaginário [...] determina a vida imaginária. [...]. Estes criam imagens, as alienam ou se agarram quer a imagens de antemão exteriores, quer a objetos, quer de modo mais amplo, ao mundo. Esse mundo colorido, transformado ou duplicado pelos poderes projetivos é também experimentado subjetivamente. Ele permite processos de identificação. Ao mesmo tempo ocorre uma grande quantidade de transformações internas no centro do próprio imaginário, do real para o imaginário e vice-versa. (MORIN, 2011a, p.90)

A magia, primeiro “estado” do complexo imaginário, definido como sistema imaginário diz respeito a visão de mundo e suas relações, compreendida como uma estrutura mental fundamental. É a partir deste conceito que tornamos o que é mágico em humano e o que é humano em mágico, que compreendemos o mito do duplo espectro do homem e “[...] se traduz por meio de fixações, fetichismos [...]” (MORIN, 2011a, p. 92).

Se alguma vez a magia tivesse existido sob uma forma acabada e total na história humana [...], ela seria de certo modo uma expansão acabada e total do complexo imaginário. No universo mágico, as transferências projetivas e introjetivas se traduzem por uma espécie de alienação mútua, entre, de um lado o sujeito (o homem) e, de outro lado, seu meio ambiente (o *cosmos*), ou pelo menos certos elementos desse meio ambiente. A identificação do tipo mágico é uma identificação rigorosa, substancializada. A projeção mágica é alienada, fixa, até mesmo fetichizada. Quando nossos estados subjetivos se desprendem de nós, aderem fortemente ao mundo e parecem mesmo constituir sua realidade, quando o homem se julga reciprocamente formado ou possuído por aquilo que não é ele – totem, espíritos, deus, clã para os antigos, partido, nação, Estado para os modernos – penetramos no universo da magia. (MORIN, 2011a, p.91)

Mas esse processo não é tão simples: o complexo imaginário não se traduz pela liberdade. Ele é controlado pelos tabus e crenças, pelas limitações da cultura, pelos dogmas religiosos, pelos *imprintings* culturais:

Na verdade, o complexo imaginário não cresce livremente no interior dos sistemas míticos ou mágicos. Algumas P.I.T. são privilegiadas, outros são proibidas; formam-se cristalizações e fixações particulares, como o totem, a projeção-identificação com um animal, com uma planta, um objeto, uma parte do corpo [...], um símbolo. No interior de cada sociedade, [...], sistemas de tabus, linhas de força sagradas polarizam, canalizam, imobilizam e fetichizam o complexo imaginário. Do mesmo modo, entre os indivíduos cristalizam-se fixações mágicas particulares. A partir do momento em que elas assumem um caráter infantil ou regressivo em relação a um estado mental coletivo médio, reputado são, a partir desse momento são consideradas neuróticas ou alienadas [...]. (MORIN, 2011a, p.93)

As projeções, identificações e transferências nos auxiliam nas análises das entrevistas por que acreditamos que quando o espectador assiste a um filme, lê um livro ou ouve uma música mobiliza os complexos imaginários, vinculando emoção e magia:

[...] a intensidade das emoções e das participações afetivas provoca inevitavelmente projeções, identificações, transferências que tomam de modo provisório ou definitivo, forma mágica [...]. A subjetividade extrema se realiza plenamente na magia, da mesma forma que a alucinação, visão permanente objetiva, é o ápice da visão subjetiva. A magia reaparece cada vez que nossos estados subjetivos juntam-se ao mundo exterior ou a um de seus elementos e vice-versa. (MORIN, 2013, p.95)

Morin propõe a lei dos três estágios para explicar os complexos imaginários, sendo o estágio da magia, o estagio sentimental-realista e o racional-empírico. O autor afirma que podemos encontrar os três estágios em qualquer sociedade, sendo que “[...] o que diferencia cada sociedade é a estrutura química e molecular do sincretismo dominante [...]. (MORIN, 2011a, p. 95).

Quanto ao estágio da magia, Morin explica:

A magia é uma das polarizações do complexo imaginário. Outros estados diferenciam-se da magia quando há consciência de que a subjetividade do homem e a objetividade do mundo estão separadas, quando os estados subjetivos não se prendem totalmente aos objetos exteriores, quando o mundo exterior não penetra totalmente na subjetividade. [...] Sentimento e Realismo determinam-se mutuamente. Assim, podemos falar de complexo realista-sentimental ou, para maior comodidade, de um complexo “afetivo”. (MORIN, 2011a, p.95)

As projeções, identificações e transferências são mais controladas nesse estágio e menos violentas de acordo com a consciência do sujeito. O estágio realista-sentimental é o inverso do estagio mágico, e nele a projeção ocorre antes da identificação, como expõe Morin (2011a, p.96. Grifos do autor)

O impulso exarcebado da projeção é, por assim dizer, barrado ou freado pelo *sentimento realista*: sentimento de realidade subjetiva, não modificada, independente de nossos desejos ou de nossos medos. Os mitos, as religiões etc., que seguem sustentando a magia, devem entrar em composição com a nova realidade, visto que as necessidades humanas tornaram-se exigentes: o homem sente-se *sujeito* e quer apropriar-se individualmente das virtudes de que se dispõe seus espectros, seus heróis, seus deuses. Estes devem, cada vez mais, assemelhar-se ao homem, para que os processos de identificação possam operar. Aos deuses das alturas sucedem-se deuses heróis, que participam da natureza humana, mais próximos do realismo e do sentimento, dos deuses de identificação. Mas o estado realista-sentimental forma-se de fato além ou exteriormente à religião enquanto tal.

O estágio realista-sentimental se caracteriza pelas projeções, identificações e transferências sentimentais, mistas e ambivalentes, é o reino da intensidade da vida, da afetividade, dos sentimentos como amor, amizade, ódio, rancor, ciúmes, raiva, desejo etc.

[...] No amor, por exemplo, nos projetamos no ser amado e o identificamos a nós, de acordo com uma verdadeira simbiose afetiva em que, entretanto, permanecemos distintos um do outro. Nós impregnamos suas fotos, seus lenços, seus objetos de sua presença. A participação amorosa estende-se, desse modo, do ser as coisas, reconstituindo fetichismos, cultos; mas não se trata mais do antigo fetichismo mágico, em que a imagem e o objeto identificam-se completamente com o ser real. A participação afetiva é como um meio coloidal, no qual mil partículas encontram-se em suspensão. (MORIN, 2011a, p.96)

Podemos verificar as manifestações presentes no estado realista-sentimental na relação do público com as estrelas de cinema. Em especial neste estudo, podemos observar que as projeções, identificações e transferências são fundamentais para que a uma pessoa se torne uma estrela cultuada por milhares de fãs, esse fenômeno faz com que o público se sinta representado na tela por aquele que é distante, porém, é próxima por possuir características semelhantes as suas.

O culto das estrelas de cinema, esse sucedâneo moderno de religião nascido no campo estético-lúdico [...], propõe, cada vez mais, após uma primeira fase de ídolos orgulhosos e inacessíveis, estrelas próximas das pessoas comuns no tocante a seus costumes, o que permite que seus fieis se pareçam com elas (maquilagem, penteados, atitudes etc). Todas as técnicas [...] inclinam-se hoje a favorecer a

identificação imaginaria, e a exaltar as paixões da alma, em primeiro lugar o amor. (MORIN, 2011a, p.97)

O estado racional-empírico diz respeito à rationalidade, à arrogância, às certezas. O mundo é considerado por Morin como um conjunto de fatos e tenta impedir que uma atitude racional torne-se mágica:

Na atitude empírica, o homem se abre aos fenômenos externos e se esforça por deixá-los falar por si. Na atitude racional, ele se esforça por projetar o *cosmos* as estruturas lógicas do discurso racional. O empirismo sozinho colocaria o homem diante de uma multiplicidade de fatos isolados. A razão sozinha seria um delírio abstrato, que faria desaparecer o mundo para substituí-lo por esquemas vazios. [...] A razão é essencialmente projetiva: ela se esforça por aplicar no mundo um sistema coerente engendrado pela atividade mental. Por si mesma, a razão não impede, necessariamente, a petrificação [...], o fetichismo [...]. Ela suscita atos de fé, adesões místicas etc. (MORIN, 2011a, p.98)

O estado estético-lúdico se refere aos em jogos. A estética, de acordo com o autor, diz respeito às atitudes diante das coisas. Um jogo pode ser representado pela participação estética do espectador ao assistir a um jogo de futebol, a uma novela ou a um filme, pois quando este é colocado diante da tela com seus jogos de sombra e luzes: “São suas projeções-identificações que dão corpo e existência às personagens e transformam a tela em janela aberta para o mundo vivo.” (MORIN, 2011a, p. 99). O autor explica que os heróis dos filmes capturam nossas almas e nos faz viver através de suas paixões, que somos possuídos por ele, num processo mágico próprio do cinema. “Ao mesmo tempo, o espectador permanece consciente de que ele é espectador. Ele continua a viver de um modo latente, amortecido, mas lúcido deste lado da tela.” (MORIN, 2011a, p. 99).

O campo estético-lúdico está em expansão na nossa cultura, as artes não são mais consideradas mágicas sendo que hoje representam o papel estético. Os jogos podem se transformar em paixão, essa paixão pode levar ao caos, como ocorrem nos estádios de futebol com torcedores enfurecidos com a derrota de seu time ou embriagados com a vitória.

Na vida estética, o homem é espectador: passivo fisicamente, salvo em algumas atividades de acompanhamento, de aprovação ou de reprovação (interjeições, aplausos, assobios). Sua atividade motora está em ponto morto, enquanto gira o moinho de suas participações imaginárias. Na vida lúdica, o homem não é mais um simples espectador. Ele intervém em uma *práxis*, mas trata-se de uma *práxis* condicionada pelas participações imaginárias, polarizada exclusivamente por uma estética de aposta: risco (que pode ir até o risco de vida) ou ganho (de prestígio ou de fortuna). (MORIN, 2011, p.100. Grifos do autor)

Os complexos imaginários estão presentes na vida prática como os rituais de nascimento e de morte, lazer, as festas, as religiões. Até mesmo as atividades práticas de sobrevivência como a pesca, a caça, os modos de trabalho, a escolha da profissão também carregam em si o imaginário, os sistemas mágicos impressos na cultura.

3. CULTURA E CINEMA

3.1 CÓDIGOS, VALORES, CRENÇAS, NORMAS E NORMATIZAÇÕES, CULTURA E *IMPRINTING CULTURAL*

O pensamento complexo enfatiza a necessidade de uma maior tolerância entre as pessoas e as ideias, assim como nos alerta sobre a necessidade urgente de um pensamento complexo. Nenhuma verdade e nenhuma certeza são apresentadas por ele, que defende os princípios da incerteza e desconstrói as ideias fragmentadas que mutilam o conhecimento.

Morin (2007) defende que a cultura possui um duplo capital: um que se refere às questões cognitivas com suas práticas, saberes e regras e outro que abriga todas as formas de crenças, valores, regulações, regras, sendo que a cultura possui linguagem própria a qual garante que os seus códigos sejam passados de geração em geração, garantindo sua sobrevivência na sociedade. Este processo inclui trocas e negociações, numa ação dialógica que garanta os seus valores, normas e normatizações. Assim, entende-se que a cultura e a sociedade estão em constante transformação.

A cultura contém o saber coletivo acumulado em memória social e é portadora de princípios, modelos, esquemas de conhecimento e gera visão de mundo, linguagem e mito. O autor compara a cultura a um megacomputador que tem o poder de memorizar os dados cognitivos que comportam os programas, normas práticas, ética e política da sociedade. Assim, o autor conceitua a cultura da seguinte forma:

[...] constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, *savoir-faire*, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social. (MORIN, 2011c, p. 35)

Do mesmo modo que a cultura abre, também fecha as potencialidades do conhecimento: fornece seu saber acumulado, a linguagem, os paradigmas, a lógica e seus esquemas ao mesmo tempo em que fecha inibindo com as normas, regras, proibições, tabus, etnocentrismo, autossacralização, ignorância da ignorância.

O ser humano é um indivíduo pertencente a uma tribo, família, cultura, sociedade. O indivíduo se reconhece nessas instâncias desde o nascimento, sendo que o conhecimento do indivíduo se alimenta de sua memória biológica e de sua memória cultural. Desse modo “[...] as culturas modernas justapõem, alternam, opõem, complementam uma enorme diversidade de princípios, regras, métodos de conhecimento (racionalistas, empiristas, místicos, poéticos, religiosos etc.)” (MORIN, 2011c, p. 22).

A cultura e a sociedade estão no conhecimento humano assim como o conhecimento está na cultura. A relação entre os espíritos e a cultura é hologramática, recursiva e dialógica. Morin (2011c, p.32) apresenta alguns questionamentos a respeito das ideias, do conhecimento e da cultura:

[...] as ideias movem-se, mudam, apesar das formidáveis determinações internas e externas que inventariamos. O conhecimento evolui, transforma-se, progride, regride. Crenças e novas teorias nascem enquanto outras, antigas, morrem. Por quê? Como? Será apenas porque as culturas morrem quando as sociedades vencidas desabam? Será necessário o desabamento de um poder de casta ou de classe para que desmorone um modo de conhecimento? Ou haverá, em função da vitalidade e da complexidade cerebrais, intelectuais, culturais, sociais, limites, falhas, fracassos no, aparentemente, implacável determinismo?

A cultura também nos molda de acordo com suas características. Os sujeitos estão inseridos na sociedade e são construídos pelos saberes culturais assim como os constroem. Desde o nascimento sofremos influência desses saberes, dessas marcas, das interdições e controles presentes na cultura. Morin nomeia esses códigos de *imprinting* cultural.

O conhecimento humano começa a ser construído desde a concepção. Os sons, a forma como a mãe lida com o bebê, os tipos de parto, enfim, as “Interdições, tabus, normas, prescrições incorporam em cada pessoa um *imprinting* cultural” (MORIN, 2011c, p. 25). Esse *imprinting* pode ou não acompanhar a pessoa pelo resto de sua vida, tudo depende das relações com o meio.

Imprinting cultural é tudo o que diz respeito a essas normas, interdições e tabus presentes na sociedade os quais se fixam nos sujeitos conforme sua história de vida, suas experiências, enfim, de acordo com a sua subjetividade. É uma espécie de carimbo que o indivíduo recebe ao ser inserido na sociedade e que marcará sua maneira de pensar e agir a respeito da vida, das coisas que o cercam e do mundo.

A partir dessa perspectiva, a cultura é organizada e organizadora de tudo o que é produto da sociedade, do “[...] capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade”. (MORIN, 2011c, p. 19)

Assim, a cultura é entendida como portadora dos saberes e práticas acumulados ao longo da história, constituindo-se do conjunto de normas e padrões que organizam a sociedade, mas que também é influenciada por essa sociedade, num processo infinito de idas e vindas, regenerando os saberes dos indivíduos e, em consequência, sendo regenerada por estes saberes.

A cultura possui duplo caráter: Morin (2011c) diz que ao mesmo tempo em que a cultura concede ao indivíduo sua linguagem, paradigmas, sua lógica e outras formas de ver o mundo, também regula as formas de viver com suas normas, padrões, tabus dando abertura e também regulando o conhecimento. A cultura também possui caráter controlador no momento em que os paradigmas relacionados ao conhecimento intelectual escolhem as ideias a serem validadas pela sociedade, aquelas que serão recusadas e tratadas com preconceito. Desta forma se validam alguns conhecimentos em detrimento de outros considerados de menor valor.

A cultura molda nossas percepções de realidade de acordo com as influências fisiológicas, psicológicas, culturais e históricas. Morin afirma que (2011c, p. 26)

Os homens de uma cultura, pelo seu modo de conhecimento, produzem a cultura que produz seu modo de conhecimento. A cultura gera os conhecimentos que regeneram a cultura. O conhecimento depende de múltiplas condições socioculturais, as quais, em retorno, condicionam.

Entretanto, nem a cultura e tampouco o conhecimento estão fechados. As pessoas possuem autonomia para mudar o curso de suas histórias, assim como a cultura está aberta a transformações por meio das novas descobertas e invenções, o que pode mudar o rumo da sociedade.

Os determinismos culturais formam nossas ideias: o meio, o clima, o momento histórico, as determinações de classe, de casta, de profissão, de seita, de clã, assim como os paradigmas, que estão presentes em todo o pensamento humano controlando e governando nossa visão de mundo e das coisas. O poder das crenças que impõem seus dogmas, tabus e a força do sagrado

para controlar atuam no sentido de inibir e fazer temer os seguidores destas doutrinas ou ideologias. Tais ações podem convergir em determinações de estereótipos, preconceitos, crenças, absurdos, rejeições de evidências que geram o conformismo. Morin (2011c) rejeita a pretensão de alguns intelectuais que afirmam que o conformismo cognitivo pertence somente às camadas inferiores da sociedade afirmando que o *imprinting* cultural atinge a todos e, nas pessoas de classe social inferior, esse fenômeno é até atenuado, ao passo que se observa um maior conformismo nas altas esferas intelectuais do que nas camadas mais baixas da sociedade.

A normalização, portanto, com seus subaspectos de conformismo, exerce uma prevenção contra o desvio e elimina-o, se ele se manifesta. Mantém, impõe a norma do que é importante, válido, inadmissível, verdadeiro, errôneo, imbecil, perverso. Indica os limites a não ultrapassar, as palavras a não proferir, os conceitos a desdenhar, as teorias a desprezar. (MORIN, 2011c, p. 31):

A cultura fechada reafirma e cristaliza o *imprinting* não permitindo as diferenças e a diversidade entre os indivíduos, perpetuando verdades universais e naturalizando as normatizações, enquanto a cultura aberta permite a diversidade, a diferença, o surgimento das novas ideias e a crítica é bem-vinda.

Alguns aspectos são aparentemente contraditórios a respeito da cultura: de um lado, certezas absolutas, oficiais, sacralizadas, mitos, dogmas e cegueiras, visão alucinada, paradigmas, *imprinting*, normalizações. De outro lado, as progressões e subversões da dúvida, contestações, descobertas, revoluções, brechas na normalização. A diversidade das pessoas numa sociedade é uma das causadoras do enfraquecimento da normalização do *imprinting* cognitivo por meio do debate de ideias e da comunicação, ou seja, por meio da linguagem. Uma das causas do enfraquecimento dos dogmas e dos preconceitos é justamente essa troca de ideias a respeito das coisas: o diálogo entre as ideias promove a criação de novas ideias. Porém, existem os desvios, em qualquer sociedade existem aqueles sujeitos que resistem aos padrões, às leis e às normas impostas.

Morin (2011c) explica as condições que provocam o enfraquecimento do determinismo cultural, as quais chama de brechas, buracos, rupturas e depressões. Existem as condições que, por um lado, regulam a cultura com as próprias regulações, regras do jogo, tradição crítica. E, de outro lado, o calor, as agitações e os acasos que geram as liberdades, as

polêmicas livres e os desvios tolerados que, por sua vez, subdividem-se em hibridizações, síntese gerando crítica, ceticismo e culminando em contestações e revolta.

Podemos colocar em xeque o paradigma da simplificação e da disjunção permitindo a dialógica entre o todo e as partes, admitindo as incertezas, o que contempla os anseios do pensamento complexo. O conhecimento autônomo deve estar pronto para o rompimento com as normalizações e imposições culturais apresentando-se de maneira complexa, sendo crítico, aberto ao diálogo com outros saberes tanto científicos quanto humanísticos, e, também, deve ser contextualizado social e culturalmente.

A organização das ideias é pensada e transmitida por meio da linguagem, como aponta Morin (2007, p. 197): “[...] a linguagem humana exprime, constata, transmite, argumenta, dissimula, proclama, prescreve [...] Consustancial à organização de toda a sociedade, participa necessariamente da constituição e da vida da noosfera”.

É por meio da linguagem que nos situamos na cultura do nosso tempo. Para Morin, a linguagem é hologramática, pois é integrante da cultura que a constrói; porém, é autônoma e dependente ao mesmo tempo, sendo que é dependente dos indivíduos assim como os indivíduos a ela se sujeitam.

A racionalidade e a lógica são elementos constitutivos da cultura e podem nos auxiliar para entendermos a organização das ideias. As teorias racionais são sistemas de ideias coerentes dependentes de mecanismos lógicos de indução e dedução, e nelas não há contradição. Assim, a superespecialização do conhecimento é a marca de uma “brecha” que põe em xeque a razão científica.

O conhecimento científico é produto do sistema cartesiano que foi o responsável por um pensamento redutor que esconde as “[...] solidariedades, inter-retroações, sistemas, organizações, emergências, totalidades” provocando conceitos “unidimensionais, fragmentados e mutilados do real”. (MORIN, 2011c, p. 232)

Até mesmo a racionalidade científica pode conter e perpetuar os “erros e cegueiras” do conhecimento. Tais “erros e cegueiras” reprimem a capacidade que temos de reconhecer a incerteza. É importante perceber que a verdade pode ser encontrada no vácuo, na brecha, no insondável, no indeterminável e na incerteza.

3.2 MITO E SEDUÇÃO DO CINEMA

Morin (1989) explica que o cinema encanta milhões de pessoas por se tratar de um produto cultural que atua no processo de projeção-identificação. Quando se vê projetado na tela, o sujeito se emociona, se encanta e se apaixona por aquele espectro que o representa.

O cineasta confere à cena significados de acordo com sua vontade. Fabris (2010, p. 53) afirma que “Ao utilizar o dispositivo *cinema*, o cineasta que manipula a câmera coordena um processo onde faz cortes, insere, edita etc., e é dirigido por um desejo de conhecer e de poder que resulta na captura dos objetos através da significação [...].” Assim, entendemos que a escolha do que é mostrado na tela, passa por um processo de significação daquele que tem o poder de escolher – naquele momento – o que julga correto ou não. Como diz a autora... “Nesse processo de seleção de imagens e uso de diferentes técnicas de filmagem o poder se exerce, produzindo suas representações sobre a escola, aluno/a etc. [...]”. (FABRIS, 2010, p. 53).

Morin (1989) compara as estrelas do cinema a semidivindades e as estuda enquanto mito moderno classificando esse fenômeno como simultaneamente estético-mágico-religioso, situado numa relação entre espectador e espetáculo num processo de projeção-identificação. Esse processo ocorre devido ao desenvolvimento da modernidade e da vida urbana burguesa que é representado nas telas por meio desse produto cultural, o cinema, que está situado numa economia capitalista que move milhões de espectadores.

O mito, neste caso, não possui o significado de algo surreal e sim de uma realidade psicológica que sobrevive no inconsciente coletivo. Para sobreviver, os mitos devem ser transmitidos de geração em geração. Antigamente isso ocorria por meio de comunicação oral, por meio de histórias. Ou seja, os pais passavam para os filhos valores a serem perpetuados como ideais de beleza, de coragem e de amor. Ao ouvir essas narrativas, os jovens se imaginavam no lugar de seus heróis, desejando possuir as mesmas qualidades narradas. Na definição de Morin (1989, p. 26),

[...] Um mito é um conjunto de condutas e situações imaginárias. Essas condutas e situações podem ter por protagonistas personagens sobre-humanas, heróis ou deuses; diz-se então o *mito de Hércules*, ou de Apolo. E, com toda a exatidão, Hércules é um herói, e Apolo, deus, de seus mitos.

Hoje, podemos observar que o tempo para contar histórias foi ocupado pelos meios de comunicação em massa. A televisão, o rádio, a internet, as revistas e gibis cumprem o papel de transmissores desses mitos, uma vez que são meios de comunicação.

Morin (1989) apresenta os mitos cinematográficos, ou as estrelas, como divindades cultuadas numa cerimônia religiosa. As manifestações de adorações são inúmeras: cartas quilométricas com dizeres amorosos, pedido do papel que a atriz utilizou para limpar a boca, um pedaço de chiclete mascado, e tantos outros fatos curiosos.

O processo de identificação ocorre por meio de projeção, no qual se tenta aproximar o imaginário do real, retroalimentando-se. Segundo Morin (1989, p. 11), o sujeito deseja ser no personagem ou no ator/a que se admira.

O mesmo movimento que aproxima o imaginário do real aproxima o real do imaginário. Em outras palavras: a vida da alma se amplia, se enriquece, se hipertrofia mesmo no interior da individualidade burguesa. A alma é precisamente o lugar de simbiose no qual o imaginário e real se confundem e se alimentam um do outro; o amor, fenômeno da alma que mistura de maneira mais íntima nossas projeções-identificações imaginárias e nossa vida real, ganha mais importância.

O poder de identificação do cinema com o público ocorre de acordo com os fenômenos de cada época. No início do século XX, a ascensão das classes populares - que passaram a contar com melhores condições de trabalho, redução da jornada, direito a férias - fez com que o modelo de sociedade a ser almejado fosse aquele vivido pela burguesia. É nesse sentido que “[...] o aburguesamento do imaginário cinematográfico corresponde ao aburguesamento da psicologia popular”. (MORIN, 1989, p. 12)

A identificação ocorre quando nos vemos naquela situação, nos colocamos no lugar do personagem e fazemos uma “ponte” entre nossa vida e o vivido na tela. Morin (2011a, p. 90) expõe que

A identificação, no entanto, não pode ser reduzida a projeção. Ela é também o efeito de um processo de introjeção, ou de involução, por meio do qual o espectador não somente se identifica com o herói, mas identifica o herói a si mesmo. Nesse último sentido, a identificação é como uma propensão profunda, por certo nem sempre integralmente efetuada, de um processo introjetivo pelo qual o sujeito sente como subjetivo, pessoal ou próprio o que lhe é exterior ou estranho. É nesse sentido que utilizaremos o termo identificação.

Dessa forma, os personagens heroicos dos filmes foram sendo modificados e se transformando para atender aos anseios do público e esse processo perdura até os dias de hoje. O cinema se apropria com facilidade dessas características para agradar e satisfazer o espectador; afinal, trata-se de uma indústria que visa lucros. As novas estrelas correspondem ao apelo das massas num sistema de relações entre o real e o imaginário.

É por esse motivo que o herói dos filmes se situa entre o mortal e o divino, são os semideuses na perspectiva da mitologia. O processo de divinização faz do ator do cinema um ídolo que arrasta multidões. Como diz Morin (1989, p. 26), “Os heróis atuam a meio caminho entre os deuses e os mortais; ambicionam tanto a condição de deuses quanto aspiram a libertar os mortais de sua miséria infinita”.

O mito divinizador do amor é amplamente utilizado pelo cinema. A atriz que encarna esse papel deverá ter um rosto e um corpo adoráveis, de acordo com o estereótipo de determinada época. Artifícios como maquiagem, figurino, enquadramentos, cirurgias plásticas, fotografia e iluminação dão suporte a essa caracterização da personagem heroína.

A juventude é ressaltada e exigida, as estrelas devem ser jovens para cumprir seus papéis, assim como seus fãs, que se espelham nelas. Sendo assim, a indústria cinematográfica move outras indústrias que se beneficiarão deste processo, como é o caso dos institutos de beleza que se esforçam para criar técnicas cada vez mais avançadas e sofisticadas de rejuvenescimento para eliminar rugas e devolver o frescor juvenil aos rostos que já não possuem mais essa jovialidade.

Talvez por esses motivos – pelo estado psíquico da projeção que o filme proporciona ao espectador –, o cinema invista tanto na aparência juvenil de seus atores. Morin (1958, p. 34) reflete que “[...] o duplo concentra em si, como se aí se realizassem todas as carências do indivíduo e, em primeiro lugar, o seu anseio mais loucamente subjetivo: a imortalidade”. O termo *duplo* utilizado por Morin refere-se a um estado psicológico alucinatório no qual o sujeito se vê refletido na imagem apresentada, ou seja, é *imagem-espectro* do homem. Essa imagem pode ser a visão de si mesmo construída por meio de sonhos, reflexo, sombras, nos cultos religiosos e nas crenças. O duplo é a imagem do indivíduo que se tornou exterior a ele, ou seja, é o seu mito. O duplo pode ser representado por meio de esculturas, imagens, imagens refletidas em espelhos, sombras nas paredes ou mesmo em personagens de filmes.

O autor explica que a assimilação de um astro do cinema é um processo no qual o fã se coloca no papel de fiel. Ao fiel cabe a incorporação de seu deus. Esse processo é um ritual no qual o sujeito se apropria de seu ser adorado de forma a incorporá-lo com o objetivo de possuí-lo, dominá-lo e digeri-lo. Isso se dá por meio de notícias que circulam na mídia como fofocas, mexericos e rumores sobre a vida de uma celebridade fazendo com que o sujeito se satisfaça em possuir essas informações. Esse ritual assemelha-se a algumas celebrações religiosas nas quais “[...] todos os seus deuses são feitos para serem comidos”. (MORIN, 1989, p. 60). Este é o caso de alguns eventos religiosos como os banquetes canibais nos quais se come um animal sagrado ou mesmo na eucaristia por meio da hóstia, que representa o corpo de Cristo. O conhecimento das notícias sobre os ídolos constitui-se em um meio de apropriação mágico. “A função das fofocas é não apenas transformar a vida real em mito e o mito em realidade, mas desvendar rigorosamente tudo, e tudo oferecer a uma curiosidade insaciável.” (MORIN, 1989, p. 60)

Para explicar como o cinema atrai este grande número de espectadores, Morin (1977) define o cinema como *arte industrial típica* (grifos do autor) e o compara a uma fábrica. O autor discorre sobre o modo como o cinema processa seus filmes de forma semelhante a uma linha de produção. Para produzir seus filmes, os grandes polos cinematográficos se utilizam do processo industrial que obedece a normas de produção especializadas e necessita de diversos profissionais, desde o início até o acabamento do que ele chama *obra coletiva*.

O processo de divisão do trabalho é um dos aspectos de fabricação de produtos, que se apoia nas técnicas de produção, de distribuição e culmina em estudos do mercado cultural. Desse modo se garante uma padronização que faz com que as produções se encaixem nos moldes desejáveis. A fragmentação do trabalho exige um número cada vez maior de profissionais para dar conta da produção, e isso não é necessariamente negativo, uma vez que a padronização também tem seu lado positivo. Porém, o que se visa neste caso é a lógica do mercado que centra seus esforços no consumo máximo.

A produção filmica não escapa à lógica do mercado por se tratar de uma produção de massa, que visa conquistar o maior número possível de pessoas para garantir o máximo de consumo. Desta forma, a maioria das produções do cinema hollywoodiano, “[...] se dirigem a todos e a ninguém, às diferentes idades, aos dois sexos, às diversas classes da sociedade, isto é, ao conjunto de um público nacional e, eventualmente, ao público mundial”. (MORIN, 1977, p. 35)

Esse caráter homogeneizador do cinema destinado ao grande público, Morin (1977) define como *sincretismo*. Esse termo se refere ao esforço da indústria cultural em homogeneizar a multiplicidade de conteúdos em uma mesma produção. Assim, em um filme de comédia haverá situações de romance, bem como, em um filme de aventura, algumas situações de comédia garantirão o público que se identifica com ambos os gêneros. Isso caracteriza a *cultura de massa*, ou seja, aquelas produções culturais que conquistaram o público em suas diferentes camadas sociais. Como diz o autor (1977, p. 43), “O cinema de Hollywood visa não apenas ao público americano, mas ao público mundial, e há mais de 10 anos as agências especializadas eliminam os temas suscetíveis de chocarem as plateias europeias, asiáticas ou africanas.”)

A indústria do cinema promove, além de suas obras cinematográficas, um mundo de alegria e prazer divulgando seus festivais e festas nos quais suas estrelas desfilam impecavelmente vestidas e com ares de felicidade e prazer por fazer parte desse mundo encantador. As poses, a maquiagem e o figurino utilizado para comparecer a essas ocasiões são especialmente pensados e criados pela indústria cinematográfica para despertar a admiração do público, de acordo com Morin (1989).

E quem consome essa cultura de massa? Morin (1977) explica que é o “homem médio e universal”, como ele define, que corresponde àquele que se identifica e se projeta na imagem apresentada, que se entrega ao jogo do mito e do divertimento. Portanto, é esse sujeito o consumidor das produções de massa. O homem que consome a cultura de massa é o mesmo que é consumido por ela.

3.2.1. Identificação com o herói: processos de identificação

Definir o que vem a ser o imaginário não é tarefa fácil. Morin (1977) discorre sobre o termo explicando que o imaginário é aquilo que se opõe ao real, ao mesmo tempo em que é também aquilo que o completa. As mitologias contêm os diversos níveis do imaginário, sendo que o imaginário se constitui de um sistema de projeção que ocorre em forma espiralada e que possui a capacidade de permitir a projeção e a identificação mágica, religiosa ou estética. Na relação estética se procura o divertimento livre dos rituais religiosos e mágicos. Porém, essa

relação poderá culminar em uma satisfação psíquica. Cenas que ocorrem em um filme, por exemplo, podem suprir alguma necessidade que o sujeito não consiga preencher em sua vida cotidiana, vivendo experiências que não tem coragem de encarar, ou não pode colocar em prática.

A identificação do espectador com o herói do filme ocorre por meio de ações desejáveis e tidas como boas na sociedade até que se atinja um patamar no qual esse personagem seja considerado um modelo a ser seguido. Porém, a morte trágica do herói remonta aos rituais de sacrifício arcaicos, assim como os de animais e virgens sacrificadas para purificar a alma dos humanos e acalmar os deuses. Assim ocorre com o espectador: ele se identifica com o sacrifício do herói que simboliza a exorcização, em níveis psíquicos, de seus pecados, promovendo sua própria purificação, como explica Morin (1977).

Para que ocorra o processo de identificação, alguns fatores devem ser levados em consideração, como, por exemplo, a semelhança entre as situações que são apresentadas nos filmes e o que o espectador vivencia no seu cotidiano. Porém, aquilo que é apresentado nas produções cinematográficas deve ser mais intenso que na vida real. Como diz o autor (1977, p. 83),

Num determinado *optimum* identificativo da projeção-identificação, [...] o imaginário secreta mitos diretores que podem constituir verdadeiros “modelos de cultura”. Inversamente, há um ótimo projetivo de evasão, como da “purificação”, isto é, da expulsão-transferência das angústias, fantasmas, temores, como das necessidades insatisfeitas e aspirações proibidas.

Esses processos identificatórios não são fixos e não ocorrem da mesma forma para todos os sujeitos. Vários fatores poderão influenciar em tal processo como o sexo, a idade, condição social, dentre outros. A cultura de massa tende a universalizar suas produções para atender ao maior público possível adaptando-se à multiplicidade de características presentes na sociedade.

Nesta pesquisa procuramos descobrir se a cultura de massa, representada aqui por um filme selecionado de acordo com critérios pré-estabelecidos, no caso, *Escritores da Liberdade*, que “[...] fornece modelos de vida dando forma e realce às necessidades que aspiram a se realizar. Isto é, em que medida a estética invalida e informa a vida prática.” (MORIN, 1977, p. 85). Ainda segundo o autor (1977, p. 109), “Como toda cultura, a cultura de massa produz seus

heróis, seus semideuses, embora ela se fundamente naquilo que é exatamente a decomposição do sagrado; o espetáculo, a estética”.

A valorização do final feliz é outro aspecto da cultura de massa. Essa característica oculta o caráter trágico do herói lastimável fazendo com que essa figura se torne cada vez mais próxima e semelhante do seu público. Tal mudança começa a ocorrer na década de 1930 quando o herói simpático promove uma relação de identidade com o espectador e garante o *happy end* rompendo com a tradição da tragédia grega, como ressalta Morin (1977).

O que se espera de uma produção é que seu herói obtenha sucesso em sua missão, garantindo uma valorização mitológica da felicidade. O reconhecimento da felicidade possui um lado negativo que é o de promover a ideia de uma segurança social e, em contrapartida, valorizar a felicidade.

Morin (1989) explica o mito das estrelas femininas ao longo do tempo. No início do século XX, fixou-se como padrão de beleza as mulheres que se encontravam na faixa etária compreendida entre os 20 e os 25 anos. Progressivamente, atributos desejáveis como a virgindade e a pureza vão se transformando na mulher chique, amante e companheira à espera do seu herói. Por volta de 1950, esse padrão se modifica, incorporando a sexualidade, metamorfoseando as estrelas em mulheres chiques sob uma aparência provocante. Essa nova mulher apresentada pelo cinema usa roupas leves, tem atitudes ousadas, relações suspeitas e é insinuante. Porém, ao final do filme, se revela que por traz dessa ousadia encontravam-se escondidas todas aquelas virtudes desejáveis para a mulher do início do século XX: “[...] alma pura, bondade inata e coração generoso”. (MORIN, 1989, p. 14).

Atrizes encarnam personagens condizentes com sua época e oferecem o que se espera delas em cada momento. Ninfetas como Audrey Hepburn, Leslie Caron, Françoise Arnoul, Marina Vladí, Brigitte Bardot e as atrizes brasileiras da atualidade como Aline Moraes, Carolina Dieckmann apresentam o erotismo ao público representando personagens nessa onda de “inocência perversa” ou por episódios polêmicos, como assinala Morin (1989, p. 17). Nesse sentido, surgem novas estrelas com a intenção de transformar a imagem da mulher em uma “deusa do amor” (MORIN, 1989, p. 18). Marilyn Monroe e Ava Gardner cumpriram esse papel com seus vestidos vermelhos e sua desinibição sexual.

Das estrelas do cinema espera-se compreensão, instinto maternal, bondade profunda tanto nos filmes por elas estrelados quanto na vida privada. O corpo e o rosto ideal refletem a alma

ideal. As estrelas precisam estar sempre impecáveis em suas aparições, assim como devem possuir também residências maravilhosas. Não são poucas as revistas brasileiras especializadas em mostrar esse lado dos atores famosos: desde a decoração de suas suntuosas casas até cenas do cotidiano que apresentam essas pessoas em situações de lazer, porém, sempre bem-vestidas, elegantes e saudáveis. O processo de identificação-projeção do público com essas estrelas garantem o sucesso dessas publicações.

A beleza e a espiritualidade são características que se esperam da estrela feminina. Esses atributos podem ser facilmente construídos pela indústria cinematográfica, que convertem mulheres comuns em celebridades idolatradas em pouco tempo.

Hollywood promove o maior concurso de beleza do mundo, o Miss Universo, que é um evento propício para angariar belezas para a indústria do cinema. Além de concursos de beleza, lança mão de outros artifícios para encontrar suas beldades, como é o caso do *talent scout*, num sujeito que vasculha as cidades em busca de futuras atrizes no meio da multidão de anônimos. O talento, nesse caso, se não é inato, poderá ser construído por uma equipe de profissionais que as ensinarão a dançar, andar e "perder o sotaque". Assim, atende-se aos anseios de uma sociedade dominante que molda e é moldada pelos padrões impostos, ou seja, uma atriz que exiba "[...] alma e rosto em que o erotismo se confunde com a espiritualidade". (MORIN, 1989, p.37)

Segundo Fabris (2010), o cinema hollywoodiano produz uma pedagogia irresistível, nos ensinando coisas e fazendo circular significados. Hollywood é um polo cinematográfico de grande proporção e é responsável pela produção de sentidos, não só nos Estados Unidos mas na maioria dos países movidos pela força da indústria. Seu apelo é convincente a partir de suas narrativas estrategicamente produzidas para cativar o público. Esses artifícios são minuciosamente elaborados por meio de técnicas de filmagem, ângulos perfeitos, edições, trilhas sonoras que nos transportam ao mundo da magia do cinema.

Assim, Hollywood atua no campo da colonização cultural pelo seu poder de atrair o público. O termo *colonização cultural* diz respeito às formas de padronizar identidades, fazendo circular noções de que algumas identidades são “normais”, “melhores” e “verdadeiras”, enquanto todas aquelas que se contrapõem a este modelo são marcadas como “exóticas”, “excêntricas” e “anormais”. (FABRIS, 2010, p. 234)

Morin (1977) ao explicar o fascínio que o cinema de Hollywood exerce, cita que até as características físicas peculiares dos sujeitos norte-americanos são fetichizadas por outros grupos étnicos. É o caso do Japão, que absorveu o ideal de beleza americano no qual os indivíduos possuem olhos mais arredondados e cabelos claros. Assim como existem países que se submetem ao ideal de vida americano, outros tantos resistem a essa colonização exercida pela cultura de massa. Deste modo, apesar das resistências, não há como negar que, da mesma forma com que a indústria cultural exerce seu poder colonizador e homogeneizador, ela também favorece o desenvolvimento da mundialização.

O senso comum afirma que a cultura de massa tende a destruir o folclore, mas Morin (1977) discorda dessa afirmativa. Para ele as manifestações folclóricas são transformadas e não destruídas, elas atendem a uma universalização da linguagem que faz com que mais pessoas tenham acesso a essas produções culturais. Atender a esse cosmopolitismo da cultura visa a beneficiar o *homo faber* moderno, este sujeito inserido na era da globalização que é aquele que procura uma vida melhor e sua felicidade.

Veremos, na continuidade deste trabalho, as implicações da cultura filmica sobre as professoras.

4. PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS: A ELABORAÇÃO DO ROTEIRO

Para investigar o processo de compreensão do sujeito ao assistir ao filme, optamos por entrevistar algumas professoras. O procedimento foi realizado somente com professoras atuantes no Ensino Fundamental de Escolas Públicas para que o processo de identificação com as situações expostas no filme, que se passa em uma escola pública, e também com a professora fosse mais próxima daquilo a que nos propomos, ou seja, analisar a compreensão de educação das professoras entrevistadas e de seu papel no processo educativo.

Enfrentamos dificuldade para encontrar docentes dispostas a conceder entrevista para a pesquisa, dentre as justificativas daquelas que foram convidadas e recusaram, destacam-se o temor em serem expostas, o receio em falar sobre seu trabalho e o medo de críticas negativas. Algumas alegaram que já haviam participado de outras investigações e se frustraram por não terem sido interpretadas da forma que tentaram se expressar e que suas falas foram distorcidas.

Frente a isso, solicitamos a alguns colegas que nos indicassem profissionais do Ensino Fundamental de escolas públicas que tivessem assistido ao filme *Escritores da Liberdade*. Esse processo foi positivo no sentido de que as quatro professoras entrevistadas foram provenientes destas indicações.

Para elaborar as questões e organizar a entrevista, recorremos a Morin (2002), que afirma ser finalidade da entrevista ir para além da simples troca ou divulgação de informações, sendo que o fenômeno psicoafetivo deve ser levado em consideração. Esse fenômeno possibilita, segundo o autor, um efeito libertador e purificador tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador. Sendo assim, procurou-se possibilitar que as entrevistadas tivessem conforto para exporem suas ideias, suas angústias, seus desejos, suas satisfações e seus descontentamentos a respeito do filme, sua atuação docente e com a educação.

Existem dois tipos de entrevistas, segundo o autor: entrevista extensiva e entrevista intensiva. A primeira se refere à coleta de dados para posterior formação estatística dos resultados. A segunda diz respeito ao aprofundamento do assunto em questão. As entrevistas também podem ser abertas - quando o entrevistador formula algumas questões para que o entrevistado

reflita e fale sobre determinado assunto - ou podem ser fechadas - quando houver questionário no qual o entrevistado responderá apenas com *sim* ou *não*.

4.1 AS ENTREVISTAS

Neste trabalho, optou-se por utilizar a entrevista do tipo aberta por contemplar os objetivos estabelecidos. Um dos interesses foi o de fazer com que cada uma das colaboradoras refletisse o máximo possível a respeito das questões em pauta, e que fossem críticas em relação à própria fala e o mais fiel possível às suas convicções, tabus, verdades e modos de ver a vida. Foram elaboradas duas perguntas que propuseram a livre expressão das entrevistadas procurando despertar confiança e simpatia para que houvesse identificação e projeção entre entrevistadas e entrevistadora de acordo com as observações feitas por Morin (2002). As perguntas foram: “O que você achou do filme?” e “Você se identifica com a personagem principal do filme?”.

Procurou-se promover e contemplar a tranquilidade das falas das professoras, tendo sido um momento gratificante, no qual houve uma sintonia direta com a pesquisa. Saborear cada fala, cada gesto, cada mudança na entonação da voz propiciou momentos de profunda reflexão sobre o tema que foi escolhido para esta dissertação.

Inicialmente, foi realizada uma entrevista-piloto com uma das professoras, objetivando a realização de um teste, com a intenção de ajustar as questões e treinar o fazer investigativo. Essa experiência foi positiva na medida em que foram descobertos alguns caminhos que deveriam ser percorridos para se realizar uma produtiva entrevista. A primeira observação foi em relação ao local escolhido para a entrevista: a sala da coordenação da escola na qual a professora atuava. Percebeu-se que não havia condições para a reflexão e a elaboração das respostas devido ao barulho externo que vinha do pátio e da aula de educação física que ocorria ao lado da janela da sala. Outro fator que foi determinante para realização das entrevistas fora do ambiente escolar foi a constante interrupção por parte de alunos, colegas, coordenadora que prejudicou o bom andamento da entrevista. Esses fatos levaram ao descarte da entrevista piloto e a escolher ambientes mais tranquilos nos quais as educadoras se sentissem à vontade.

Permitimos que as professoras escolhessem o local da entrevista, sendo que a Professora 1 optou por uma doceria localizada no bairro em que ela reside e em horário de pouca movimentação. Percebeu-se que ela se sentiu a vontade e a entrevista foi produtiva no sentido de riqueza de detalhes.

Tanto a Professora 2 quanto a Professora 3 concederam a entrevista em suas residências, e foram momentos ricos de descontração e fluidez de ideias. Percebeu-se que se sentiram muito a vontade por estarem em suas casas, tranquilas e seguras em relação as respostas.

A Professora 4 concedeu a entrevista em um café próximo à universidade na qual realiza um curso de pós-graduação, e o horário foi adequado pois o estabelecimento estava vazio e pudemos realizar a entrevista com calma e tranquilidade.

Sobre a interpretação do conteúdo das falas recolhidas nestes depoimentos, é interessante recorrer a Morin (2002, p.66), que explica que o cuidado com a interpretação do material deve ser minucioso e crítico, pois “A entrevista se fundamenta na fonte mais rica e duvidosa de todas, a palavra. Ela traz, quase sempre, o risco da dissimulação e da fabulação”. Para que não incorresse neste erro, as professoras foram motivadas a se expressarem da melhor forma possível e eliminaram-se alguns fatores que poderiam influenciar as reflexões das entrevistadas tais como inibição, timidez, desatenção, racionalização, exibicionismos e defesas pessoais, de acordo com as orientações expostas pelo autor. Quanto mais o entrevistado discorre sobre o tema, maior é a quantidade de material a ser analisado a fim de eliminar estes riscos.

As entrevistas, todas gravadas e integralmente transcritas, serão identificadas com os nomes fictícios, como mostra o quadro:

NOME	TEMPO DE TRABALHO NO MAGISTÉRIO	FORMAÇÃO	IDADE	LOCAL DE TRABALHO
Professora 1	10 anos	Magistério, História e Pedagogia	33 anos	Prefeitura do Município de São Paulo
Professora 2	6 meses	Letras	47 anos	Governo do Estado de São Paulo
Professora 3	5 anos	Letras	28 anos	Governo do Estado de São Paulo
Professora 4	16 anos	Educação Física e Pedagogia	36 anos	Prefeitura do município de São Paulo

Segue uma descrição mais detalhada do perfil das professoras entrevistadas.

Professora 1

Tem 33 anos, atua há 10 anos no magistério municipal de São Paulo, professora de Ensino Fundamental I de uma escola localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo, formada em História pela Universidade de São Paulo – USP (2008), magistério pelo *CENTRO ESPECÍFICO DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO* – Cefam (1998), e pedagogia pela Universidade Nove de Julho – Uninove (2011). Atua há 7 anos na Sala de Apoio Pedagógico , atual Projeto de Recuperação Paralela, é Professora Efetiva de Ensino Fundamental I concursada no Município de São Paulo. A escola na qual leciona está

localizada próxima a divisa de 3 municípios: Diadema, São Bernardo do Campo e São Paulo. Segundo a professora seus alunos são oriundos de condomínios de prédios localizados no próprio bairro e também dos bairros vizinhos, sendo que um deles está localizado no município de Diadema. A escola não é considerada de alto risco e não possui os adicionais referentes a distancia, difícil acesso ou periculosidade.

Professora 2

Tem 47 anos, atua há 6 meses no magistério Ensino Fundamental II na disciplina de Português Formada em Letras em 2009 pela Universidade Fundação Santo André, não é concursada, porém atua como professora contratada em duas escolas estaduais situadas em bairros distintos do município de Santo André, uma no centro da cidade e outra na periferia, localizado na Grande São Paulo. Uma das escolas na qual leciona está localizada no centro da cidade de Santo André, atende ao público de diversos bairros do município e principalmente estudantes trabalhadores, não é considerada uma escola de alto risco. A segunda escola está localizada na periferia de Santo André e segundo a professora, seus alunos são oriundos de bairros próximos e também não é considerada uma escola de alto risco ou difícil acesso.

Professora 3

Tem 28 anos, formada em Letras em 2009 pela Universidade da Fundação Santo André, atua há 5 anos no magistério como Professora de Ensino Fundamental II concursada no Estado de São Paulo, leciona a disciplina de Português em uma escola estadual localizada na zona leste da cidade de São Paulo. A escola na qual a professora leciona é considerada de alto risco e de difícil acesso por estar localizada na periferia da cidade de São Paulo e possuir elevado índice de criminalidade.

Professora 4

Tem 36 anos, graduada em Educação Física pela Universidade Ibirapuera em 1999, Especialista em Educação Física Escolar pela Fefisa – Faculdade de Educação Física de Santo

André - em 2003 e Graduada em Pedagogia pela Uninove – Universidade Nove de Julho - em 2012. Atua no magistério há 16 anos na disciplina de Educação Física como Professora de Ensino Fundamental II concursada do Município de São Paulo. A escola está localizada na Zona Sul de São Paulo, no bairro de Santo Amaro, a professora a considera uma escola de alto risco por estar inserida num bairro com alto índice de assalto.

4.2 O FILME ESCRITORES DA LIBERDADE

A seguir, apresentamos um breve resumo do filme Escritores da Liberdade.

O filme narra a história real da professora Erin Gruwell, que assume uma classe de alunos problemáticos da turma 203 do Colégio Wilson, uma escola pública nos Estados Unidos. Formada em Direito, Erin se torna professora, desagradando seu pai e marido. No início, ela demonstra ingenuidade, timidez, curiosidade e determinação; sua vocação para o magistério vai se construindo conforme os desafios que ela encontra entre os alunos e ao lidar com a burocracia e o conservadorismo dos funcionários do sistema pedagógico da escola. Os diversos obstáculos, próprios de qualquer sistema escolar faz com que ela se sinta desafiada a fazer mais por aqueles alunos.

A princípio, a relação da professora com os alunos não é satisfatória, sendo que é vista por eles como representante da elite americana. Suas iniciativas iniciais para conseguir quebrar as barreiras encontradas na sala de aula são frustradas a cada intervenção no início do filme. Apesar das dificuldades encontradas nas tentativas de resultados positivos no trabalho com aqueles alunos, ela não desiste de se reinventar a cada proposta não alcançada.

Erin não teve apoio da direção da escola e dos demais professores, porém acredita nas possibilidades de superar as mazelas sociais e étnicas ali existentes. Para ultrapassar esse obstáculo, cria um projeto de leitura e escrita, no qual utiliza o livro *O Diário de Anne Frank*, orientando seus alunos para que registrassem em cadernos personalizados o que quisessem sobre suas vidas.

Como não pôde contar com o apoio da direção para comprar os livros utilizados em aula, Erin começa a trabalhar em outros lugares para comprar os materiais necessários para dar conta de sua prática docente.

Na busca por criar um elo de contato dos jovens com o mundo, Erin fornece aos alunos um elemento real de comunicação que permite a eles se libertar de seus medos, anseios, aflições e inseguranças. Um de seus métodos de ensino consistiu em entregar para cada aluno um diário na qual registrariam os aspectos de suas próprias vidas, emoções, sensações, tristezas, angústias, problemas familiares e sociais. Além disso, motivou-os a ler o livro *O Diário de Anne Frank* com o objetivo de despertar identificação e empatia pelos personagens e suas histórias de vida; a partir desta atividade cada aluno poderia desenvolver uma atitude respeito para com aqueles que lhe pareciam diferentes. O diretor Richard LaGravenese foi inspirado a produzir o filme pelos diários reais dos alunos que foram reunidos em um livro publicado nos Estados Unidos, em 1999.

Atualmente, Erin Gruwell atua na Fundação *Escritores da Liberdade* como palestrante divulgando seu método de ensino a educadores interessados. Além disso, a Fundação *Escritores da Liberdade* age de diversas formas: oferecem atividades de grupos de estudos em alojamentos tanto para professores quanto para líderes corporativos, atuam em um programa na qual os professores são treinados a usar o método *Escritores da Liberdade*, (este evento tem cinco dias de duração e é ministrado por Erin Gruwell e alguns de seus alunos do projeto inicial). O programa conta com o oferecimento de bolsas de estudo, fornece suporte acadêmico e financeiro para alunos que não possuem condições de arcar com as despesas e que sejam os primeiros de suas famílias a se formar em uma faculdade. Outros alunos são beneficiados com o programa: estudantes que têm o inglês como segunda língua, que possuem dificuldade de aprendizado, e que estão em risco de abandonar os estudos.

4.3 O QUE CONTARAM AS ENTREVISTAS

A percepção de um filme é única e individual. Cada indivíduo possui uma compreensão a respeito daquilo a que assistiu. Algumas entrevistadas apreciaram a figura daquela professora por gostar da atriz ou da proposta didática por ela exposta; uma das entrevistadas afirmou não ter gostado do filme logo na primeira frase. As experiências são únicas e construídas de

acordo com as realidades vividas por esses sujeitos: a ocasião em que lhe foi apresentado o filme, a época em que estava vivendo, identificação com alguma situação mostrada na narrativa, transferência das suas experiências para a personagem do filme e vice-versa. A partir das primeiras entrevistas percebe-se como cada sujeito se identifica com as produções culturais; cada entrevistada me fez perceber o quanto um sujeito pode ser e é complexo. Ao construir um projeto de pesquisa carregam-se as tintas com compreensões e verdades, porém, é na interação com o objeto que ocorre a verdadeira dimensão do estudo.

Foram identificados alguns aspectos nas falas das professoras entrevistadas e percebeu-se que algumas situações apresentadas no filme também as incomodaram em alguns momentos e em outros as confortaram ou inspiraram.

Os conceitos de *projeção*, *identificação* e *transferência*, *complexos imaginários* e os *operadores da complexidade*, foram utilizados para a análise a partir do entendimento de compreensão complexa, conforme foi explicitado anteriormente.

4.3.1 Análise da entrevista da Professora 1

A professora inicia a entrevista afirmando que não gostou do filme: “**Eu não gosto do filme. Para falar a verdade eu detestei o filme desde a primeira vez que eu assisti.**” Percebe-se em seu discurso um possível rancor por ter participado de uma situação na qual houve imposição por parte dos agentes formadores. “**A gente assistiu numa reunião pedagógica na escola; eu achei o filme tendencioso, leviano e oportunista porque é muito fácil chegar numa reunião de professores e impor para aqueles professores assistirem para que se sintam culpados, né?**”

A fala da professora demonstra que a situação impôs incomodo-a, sendo que, desta forma, não conseguia ter uma visão global a respeito do filme. O incômodo é anterior à apresentação - aparentemente detestar o filme mostra uma articulação entre o assujeitamento e o poder externo. Ao longo da entrevista, houve repetição da negação em diversos momentos explicitando esta característica. “**Então, eu detesto o filme, não gosto do filme e não gosto da atriz também**”, e “**Esse filme é ridículo. A mulher tem dois empregos para sustentar a escola, isso já é o fim [...]**”.

A crítica ao comportamento da protagonista é enfatizada em diversos momentos: “**ali já demonstra, pra mim, a total despolitização da professora, porque em vez dela brigar por melhores condições para que ela consiga coisas na escola para os alunos [...]**”. A professora entrevistada atenta para as propostas didáticas que demonstram que o ensino focado no aluno não prioriza as ações políticas que poderiam causar alguma transformação no meio social no qual aqueles adolescentes vivem. A preocupação com o caráter educativo desta ação se encontra presente no momento em que afirma: “**Então você não ensinou nada ali de cidadania pra eles, – ‘vamos nos cotizar entre nós mesmos’, basicamente é o que você acaba ensinando. A gente se cotiza, deixa o mundo como ele está, a gente aqui se resolve. E não é assim, você não ensinou nada para os caras desse jeito.**”

De acordo com sua concepção, define o papel social do professor: “**O profissional luta por boas condições de trabalho, e é função do professor também isso, porque quando você luta por melhores condições de trabalho, você não está lutando só por você, você está mostrando para o aluno que ele também tem direito a certas coisas.**” Por meio deste discurso explica o que entende por profissão docente e critica a ação da protagonista mais uma vez: “**E ela não tinha organização política, o que acontecia para ela era: ‘eu vou na caridade’, então ‘eu vou caridosamente’, meio que uma missão. Então não era profissional, era missão**”. Observa-se um discurso político em sua fala na qual inicia um processo de questionamento a respeito das ações da professora do filme e propõe outras ações: “**não daria tanto resultado quanto o que ela fez se ela tivesse mobilizado os alunos pra cobrar do governo o acesso ao livro? Do que ela ter trabalhado pra comprar o livro por fora pra dar pros alunos? Será que o resultado não seria melhor? Será que eles não aprenderiam muito mais?**” E explica como chegou a esta reflexão: “**Por que foi assim: eles foram aprendendo várias coisas; obviamente, aprenderam a trabalhar com as diferenças, aprenderam a ver o que eles tinham de igual, mas também não teriam aprendido bastante se sentindo cidadãos? Eles teriam lutado pra ter garantido o direito deles, que era ter os livros pra poder estudar**”.

Ao longo da entrevista, observa-se maior flexibilidade na fala da professora, demonstrando seu caráter de sujeito *sapiens-demens*, de acordo com o pensamento complexo. A reflexão, na qual se inicia um processo de identificação com a personagem principal, começa a se delinear. Nota-se que, apesar da afirmativa inicial, na qual enfatiza que não aprecia o filme, demonstra uma compreensão complexa a respeito da narrativa, onde observamos as várias facetas do ser humano, suas contradições, suas cegueiras e seus erros, o que reafirma seu caráter complexo.

A contradição é a base da complexidade, e o discurso demonstra que apesar de não ter apreciado o filme pelos motivos explicitados por ela, ao mesmo tempo possui empatia com relação às ações didáticas desenvolvidas, reconhecendo seu caráter positivo, como a questão do trabalho com as diferenças. A compreensão também é passível de erros e cegueiras e de algum modo há uma compreensão complexa em que a subjetividade e objetividade caminham juntas. **“Outro ponto positivo é o fato de valorizar os alunos, ela saber ouvir qual é a realidade deles, sabe trabalhar com isso, tenta buscar algo que vem do mundo deles, faz essa ida e vinda dos conteúdos, ela busca algo que é deles, traz, discute, faz com que eles aprimorem isso, revejam seus conceitos. Acho que essa é a função do professor”.**

Observa-se o incômodo em relação ao segundo emprego da professora: **“Ela tutelou, lá foi ela com o dinheiro dela, de dois empregos em que ela trabalhava, comprou os livros e deu para os meninos”**. Todavia, percebe-se identificação com a personagem: **“Óbvio que eu também já fiz isso, você sempre paga uma xerox, você acaba um dia ou outro trazendo de casa um litro de álcool pra rodar um mimeógrafo, você faz essas coisas; agora, isso não pode virar uma regra, você sustentar uma prática pra sempre nisso [...]”**. Neste trecho demonstra aspectos da subjetividade da professora que, ao criticar, coloca angústias e limitações para fora por meio da projeção. O sujeito, mesmo com seu caráter egocêntrico, necessita da relação com o outro, sendo que compreender a personagem é um caminho para se compreender subjetiva e objetivamente.

A formação dos professores é um assunto que vem à tona em vários momentos. A professora questiona a postura autoritária da coordenadora responsável pelo momento de formação na qual o filme é apresentado e indigna-se pelo fato de ter sido desvalorizada na questão profissional. Partimos do pressuposto, explicitado por Lorieri (2008), que afirma que todo o pensamento só faz sentido quando situado em determinado contexto. As ideias nunca estão isoladas, e a partir desta prerrogativa, inferimos que a fala da professora diz respeito a um contexto complexo no qual vários outros fatores são envolvidos. **“A fala da formadora, que no caso era a coordenadora pedagógica da escola, foi péssima, [...] uma parte dos professores concorda com isso porque a gente tem sim um grupo de professores que pensa que está fazendo missão, e pensa que veio pra escola para poder ficar fazendo a bondade e a caridade pros alunos.”** A professora volta a se referir ao processo de formação no final da entrevista. Este é um assunto que visivelmente a incomoda. **“[...] o formador tem que ter mais noção na hora de selecionar um trabalho, o tipo de texto que ele escolhe, o que ele quer com aquele filme. Acho que falta para os coordenadores esse olhar também**

[...]" A resistência ao assujeitamento pode ter levado às cegueiras que impedem de observar e assumir o caráter positivo da situação. Porém o contexto também deve ser levado em consideração. Ao longo da entrevista expõe outros fatores que culminaram com a crítica dura com relação ao filme *Escritores da Liberdade*, que por sua vez, resvala no cotidiano escolar e educacional.

O contexto, que não conhecemos em profundidade, poderia nos levar a compreender o discurso da professora, que nos dá algumas dicas: “**Como você está fazendo um trabalho para mestrado, acho que é interessante a gente pensar em como os coordenadores formadores usam esses filmes contra o professor. Acho que isso é péssimo. Você pega essa experiência pontual e traz pra esfregar na cara do professor**”. É provável que se sinta diminuída em sua função e atribui ao outro esse descontentamento: “**É assim, menospreza-se o trabalho do cara que está na base fazendo um monte de coisas, se matando para sair vivo de uma aula - porque a gente sabe que tem escola onde o professor agradece se sai vivo de dentro de uma sala [...]**”. E responsabiliza ao sistema as dificuldades enfrentadas no dia a dia.

Nota-se também uma preocupação em relação à profissionalização docente: “**Não se vê como profissional, e um outro grupo se revoltou e meteu o pau na coordenadora, tanto que depois ela não conseguiu mais fazer a discussão [...]**”. Assim, observa-se, em outro momento da entrevista, a fala da professora em relação à (não) sexualidade da protagonista, que tem raízes no processo de feminização do magistério: “**Ela até perde o marido, mas para ela também fica uma coisa natural. Parecia que aquele marido não influenciava muito, é aquela ideia da professora quase sem sexualidade porque o marido foi embora e ela estava empenhada, porque mais do que um casamento, mais do que um relacionamento, mais do que a vida dela fora da escola era dar aula para aqueles alunos, o marido foi embora, ela continuou trabalhando não sei em quantos empregos, como se fosse uma coisa normal [...]**”. De acordo com Louro (1997), a ideia da assexualização das professoras possui um caráter histórico, as mulheres professoras eram associadas àquelas que deveriam ser cuidadoras das crianças, comparadas às mães, ou atuando em substituição a essas. O discurso da professora corrobora essa ideia: “[...] e acho que é isso que se espera da professora - uma professora que não vai chamar atenção, ela é neutra, é quase um elemento neutro dentro daquela realidade, ela não vai disputar com ninguém, fica até desfocada [...]”.

Essa preocupação com a assexualidade da profissão docente encontra-se presente muitas vezes no discurso da professora: “**A professora era quase uma santa. Aquela sainha no meio do joelho, a blusinha fechada sem decote, o colarzinho de pérolas no pescoço, o cabelinho liso cortado básico, o rosto praticamente sem maquiagem, toda aquela doçura, aquela coisa meiga [...]**”.

As formas de se ver o magistério são por vezes conflituosas, e a figura do professor, em geral, foi e ainda é ligada à autoridade e ao conhecimento enquanto a da professora se liga ao cuidado da criança. Assim, existe contradição no discurso o qual profere que a professora não possui características positivas segundo seu entendimento, sendo que, em alguns momentos, afirma o caráter positivo do envolvimento emocional com aos alunos. “**Um ponto positivo é o envolvimento da professora com a turma, pois o professor, apesar de ser um profissional da educação, precisa ter um envolvimento com o que esta fazendo e eu acho que ela tinha esse envolvimento**”. Ao mesmo tempo em que se nega o caráter materno da profissão, reafirma-se a importância da afetividade na relação professor-aluno.

O papel da mulher na docência e na sociedade é explicitado várias vezes, demonstrando a projeção e a identificação com a personagem: “**É tudo padronizado, aquela sainha, aquela blusinha, aquele jeitinho “há” de falar, aquela coisinha... acho que é o que esperam também da professora, que seja essa representação morna. Talvez seja o que socialmente se deseja para a classe dela, que ela seja uma representação de mulher**”.

Há também um preconceito de classe revelado nas críticas ao vestuário e à postura, e uma discriminação quanto às padronizações. A entrevistada se entrega ao filme e suas observações indicam identificação intensa e angustiante: “[...] você vê uma diferença de classe clara na própria representação de mulher, as meninas da periferia estão vibrando , têm cabelos diferentes, têm cor, têm estilo. A professora da classe média não tem estilo, ela é uma coisa chapada, e só”.

O aspecto religioso, que historicamente, segundo Louro (1997), também esteve presente na construção da profissão docente, e ainda hoje é presente em algumas instituições como as escolas confessionais, também é citado pela entrevistada: “**A professora é essa coisa neutra, morna, uma coisa sem cor, e que está dentro de uma norma, ela é uma professora enlatadinha, está dentro de um padrão que se espera, ela não pode usar nada curto, nada muito colado, nada com decote, nada com muita cor que chame atenção. Você tem**

que ser uma referência mínima, quase uma santa, uma Maria, porque você olha pra representações de Maria, mãe de Deus, e é aquilo [...].

Os estereótipos de mulher e de mulheres professoras são enfatizados. A professora afirma que Hollywood tem o poder de fazer transitar padrões de comportamento, vestimentas, ideias e atitudes, fixando o que considera certo e errado de acordo com o pensamento hegemônico, supostamente exposto pelo filme. “[...] qual é a ideia de uma professora ideal? [...] então teoricamente seria a professora-padrão, a professora que seria a representação de onde você deveria chegar, porque fica um estereótipo mesmo, a professora toda arrumadinha [...] Ela vem como uma professora de um nível mais alto, uma professora estudada que vem de uma família de pessoas que têm condições. Eles são um nível acima daquelas crianças que ela foi atender. [...] Naquele momento você já estabeleceu uma hierarquia e acho que aquela professora está representando um padrão que se deveria seguir.” Há controvérsias a respeito deste assunto, o pensamento complexo afirma o caráter dialógico, hologramático e recursivo de qualquer ação e de qualquer fenômeno. É por meio desses operadores que os filmes, assim como podem fazer circular, fixar e validar algumas verdades, também são influenciados pela cultura. Quando nos identificamos pela história e pelos personagens de alguma narrativa, significa que estamos no filme assim como o filme está em nós.

O discurso desta entrevista nos fornece ferramentas que nos levam a identificar nos aspectos da subjetividade da professora, formas de resistência e luta, sendo que demonstra sua preocupação com a profissão e com exercício educativo que encaminha à emancipação em muitos momentos: “**Ela agiu com aquele grupo de alunos durante dois anos, só que ela não conseguiu ganho nenhum pro resto da escola, então, o que acontece?**”.

Apesar da resistência em falar positivamente do filme, apresenta algumas soluções para o que considera errado, isso demonstra sua identificação com o filme e revela a ambivalência que permeia suas características individuais *sapiens/demens*, no qual procura a resolução dos conflitos por meio de ideias: “**Mas ela poderia ter conseguido partir do micro, feito aqueles alunos se mobilizarem e conseguirem condições pra escola como um todo, por exemplo, ou até para eles, mas no decorrer dos próximos anos, mas o que ela fez? Conseguiu tudo aquilo pra uma única turma, os outros professores continuam sem nada do mesmo jeito, porque não teve mobilização política, não foi um trabalho político, foi um trabalho individual...”.**

O discurso da *pedagogia do herói*, exposto por Fabris (2010), encontra-se presente na entrevista: “[...] e aí é onde entra essa visão de Hollywood na qual a salvação é individual, o crescimento é individual, se cresce individualmente porque é assim, - se você investir, se você lutar você fica rico - essa é a máxima dos Estados Unidos [...]”. De acordo com a autora, os heróis dos filmes *de escola* alcançam o sucesso e encantam o público reafirmando o caráter de sacerdócio da docência. Privam-se da vida pessoal em nome da salvação dos alunos e agem contra as regras impostas pelas instituições. Essa é uma preocupação presente ao longo da entrevista em diversos momentos, a entrevistada se rebela contra isso, contra a imposição externa. “**Acho que o negativo é a anulação dela enquanto ser humano porque eu acredito que quando você se respeita, você ensina isso para o outro, e ali parecia um desrespeito a ela mesma, a vida dela não importava, ela enquanto ser humano, enquanto pessoa, enquanto mulher, só importava o trabalho com aqueles alunos, eu acho que isso o filme oculta. Mas acho que isso é uma coisa que se ensina também - que você precisa se respeitar, até para se mostrar para o outro como é que se respeita e se é respeitado**”.

Apesar de afirmar que Hollywood fixa padrões hegemônicos e criticar essa característica, encontram-se presentes no discurso da professora, por um lado, aspectos que pode-se atribuir ao pensamento dominante, o que reafirma a complexidade do sujeito com sua contrariedade. Mas por outro, ao falar corretamente mostra um cultivo à língua: “[...] **não faço a linha de que eu tenho que falar a linguagem do aluno, eu não vou falar a linguagem do aluno, realmente não chego a esse ponto, não vou. Não é porque meu aluno é da periferia que fala gíria e fala palavrão dentro da linguagem normal e coloquial dele, que eu vou fazer isso também.**”. Pode-se questionar: é somente na periferia que se utilizam palavrões e gírias? O que podemos caracterizar como *normal* ou *coloquial*? Todas as crianças da periferia possuem este tipo de comportamento e linguagem? O que está por trás da fala da professora, que a elite deve se comportar de forma diferenciada? Ou que ao privilegiar a correção da linguagem se está também ensinando?

Os processos de transferência, identificação e projeção também passam pela negação. A professora nega a possível semelhança da personagem com ela durante toda a entrevista, somente em poucos momentos assume pontos em comum: “[...] **eu não me identifico com a professora, mas a gente já escorregou várias vezes nessas coisas que a professora faz, já paguei cópia xerox de aluno, já trouxe coisa de casa para o aluno [...]**”, em outro momento justifica sua ação. “**Eu comprei do próprio bolso o sabonete para lavar as mãos**

das minhas crianças. Então é assim, é uma coisa que eu abomino, é uma coisa que eu já tinha visto no filme, já tinha feito a crítica, mas eu tive que fazer, foi emergencial.”

Olhar para nossas dificuldades e anseios pode ser uma tarefa difícil, sendo que a identificação pode levar à reflexão, devido ao aspecto terapêutico que uma entrevista pode tomar, “[...] **não vou precisar me identificar com ele (aluno) dessa forma, mas também não vou chegar ao ponto de ser uma santa como ela faz, praticamente assexuada, que perde todas as referências externas do mundo e vive apenas para o mundo do aluno [...]**”, e também quando afirma: “[...] **ela se envovia demais e tornou isso quase que uma obsessão e perde até o marido por isso.**”

O aspecto egocêntrico impede outras formas de pensar, sendo que em oposição à ideia de complexidade, surgem as certezas, que provocam as cegueiras: “[...] **ela tinha que ter ficado na escola, ela tinha que ter ficado mais anos lá e tentado fazer outras coisas [...]**”, em muitos momentos o tom de certeza é enfatizado: “**Acho negativo também - obviamente não tem como não dizer - é ela trabalhar em três empregos para sustentar a escola, por favor! Ridículo!**”.

Entende-se que houve, por parte da professora, mais identificação com a protagonista do que podia admitir, pois teve atitudes semelhantes que condena em seu cotidiano. O filme a fez rever situações imponderáveis, que a fizeram, talvez, subverter suas convicções em benefício de uns poucos alunos, exatamente como retratado na película.

A mobilização interna desencadeou, de algum modo, a dualidade egocêntrica e altruísta quando entram em ação os princípios de inclusão e exclusão.

Além disso, a criticidade da colaboradora não lhe permite admitir a possibilidade ou pensar dialogicamente, ou seja, que dois elementos contraditórios podem se completar. O fato de ela ter ajudado os alunos em alguns momentos não a impediu de ensinar-lhes pela via cidadã.

4.3.2 Análise da entrevista da Professora 2

A professora entrevistada relata sua compreensão a respeito do filme com forte carga emocional. Sua percepção a respeito da narrativa centra-se nas questões afetivas e

pedagógicas, pois em vários momentos explicita sua admiração pela personagem principal do filme e suas ações em sala. Ela se projeta e se identifica com a protagonista durante a entrevista “**...de cara, eu já gostei dessa visão do filme, da maneira como ela age, porque ela demorou muito tentando até descobrir um ponto de conexão entre a realidade dela e a deles, ela pegou um fio e foi em frente e é isso que me inspira nas minhas aulas.**” , “**Digo isso porque sou professora de português, nem todos usam isso, cada um usa sua linguagem. Ela é professora de inglês, o inglês é a língua deles, é como eles pensam e como eles se relacionam e a nossa é o português, então me identifico muito com ela porque sou professora de português.**”. O espectador tende a se projetar no herói quando se identifica por ele.

Apesar de não negar os conflitos existentes na escola, a professora se compara à protagonista do filme, afirmando que possui a mesma garra e vontade de lecionar de uma forma diferente e inovadora. É dessa maneira que se identifica com a personagem e projeta nela suas experiências na carreira docente. “**Sou professora há seis meses e quando entrei em sala de aula fiquei chocada porque eu não esperava que existissem tantos conflitos.**”

Ao ressaltar a importância da afetividade na relação professor-aluno, exemplifica com ternura na voz o que entende por prática docente, sendo que enfatiza em vários momentos sua posição em defesa de um maior entendimento e compreensão do universo dos alunos e respeito a sua história de vida “**Aos poucos fui ganhando confiança e vínculo, porque no filme ela mostra isso, é muito mais fácil quando o aluno cria um vínculo e gosta de você, confia em você, mas isso não quer dizer que ele não possa questionar, mas você tem que estar aberta a isso, ter essa relação**”.

Os estudos de complexidade podem nos auxiliar na análise sobre as questões interpessoais que ocorrem na sala de e como essas relações podem influenciar o processo de ensino aprendizagem. Morin (2007) propõe que a afetividade atua diretamente nas manifestações de inteligência, sendo esse um fator importante na construção do conhecimento e do processo ensino-aprendizagem. A complexidade aponta um caminho na qual professores e alunos são construtores de ações que podem levar a uma melhor compreensão do mundo visando uma ética planetária e uma sociedade mais justa.

A compreensão de educação exposta pela entrevistada perpassa por uma prática transformadora e diversificada, a professora parece acreditar e utilizar em suas aulas estratégias criativas para cumprir seus objetivos, respeitando a linguagem dos alunos e

incorporando-a em suas aulas “**E assim eu transformo, você estava cantando essa música e nem sabia que ele estava dizendo isso, é lindo, gostaria de fazer essa união de música e língua portuguesa que é bem possível, eu ainda não sei, tô tentando, faço isso em uma aula, crio esse vínculo porque a música te sensibiliza porque é a linguagem deles;**” em outro momento celebra o sucesso de sua aula e da estratégia escolhida para a compreensão do conteúdo aplicado, demonstrando sua preocupação com a aprendizagem significativa dos alunos “**...foi bom pra eles porque eles tomaram contato com a realidade por meio do filme..**”.

Elá explicita que o professor aprende tanto quanto o aluno e ressaltou a importância da pesquisa para o sucesso da prática de ensino-aprendizagem “**...e pra falar a verdade eu também não tive isso no colégio, eu aprendi assistindo filmes, eu assisti todos os filmes sobre o nazismo, eu me aprofundei sobre o nazismo mesmo não sendo minha área.**”

Em seu discurso, a professora relembará sua formação e realiza uma análise crítica a respeito de procedimentos didáticos além de refletir sobre sua prática. Explica, neste momento, que as situações expostas no filme colaboraram para que sua atuação como professora sofresse alterações a despeito do modelo de sua formação inicial. As seguintes falas denotam isso: “**Gostei por causa da didática, eu sou da época da ditadura, a minha formação e a pedagogia que eles usavam são completamente diferentes. Pra mim foi chocante, eu já comecei o primeiro ano numa faculdade tradicional, de aluno sentado um atrás do outro, de professor só mandando conteúdo e você desesperado para anotar tudo... lá tinha de tudo. Tinha professora que ficava falando, falando, falando e você ficava desesperado, e tinha professores que usavam outros métodos, como a professora que faz isso na aula: usando outras maneiras de se aproximar do aluno**”, e “**Sem perceber eu comecei a trabalhar de acordo com as coisas que eu vi no filme.**”

A concepção de educação, para a professora, atravessa o ensino formal e se envereda por outros caminhos e experiências, para além da escola. Em seu entendimento, a formação se dá em outros espaços e outras vivências, sendo que relembará sua trajetória refletindo sobre as várias formas de aprendizagem. É na dialogia exposta por Edgar Morin que entendemos as relações que completam e complementam o sujeito durante toda a sua vida. A educação formal e não formal são regidas, também, pelo princípio recursivo dialógico, na qual o sujeito se alimenta de suas experiências e as enriquece também. É o ser humano se beneficiando do meio assim como o meio se beneficia dele. “**...toda a minha base intelectual que consegui**

na vida foi conversando com amigos, saindo, indo a cinema, indo a teatro, lendo, lendo jornal, Então, minha formação não é só de escola, até porque naquela época era muito limitado...”

Parece que é na profissão docente que a professora entrevistada se realiza como profissional e ser humano. Ela afirma que faz seu trabalho com paixão e supõe que só ao atuar como professora se pode entender a intensidade das ações e a entrega ao trabalho. Ela procura compreender a postura profissional e pessoal da protagonista do filme e reflete a respeito de sua realização com a profissão “**Quando assisti ao filme pela primeira vez eu não estava dando aula e achei um absurdo a relação que ela teve com o marido... Ninguém consegue entender porque você é professor... quando comecei a trabalhar na escola, minha companheira começou a sentir a diferença porque eu comecei a falar o que eu sentia, a casa começou a se movimentar de maneira diferente, e é o que ...e já tendo essa experiência do filme eu tenho que tomar muito cuidado senão eu fico falando de aula o tempo inteiro. A gente invade, passa a ser invasiva e em todos os lugares a gente acaba falando de aluno porque a gente fica mesmo muito envolvida, tem que tomar cuidado com isso.**

Apesar de justificar sua empolgação e dedicação ao trabalho, a professora tece críticas à escola pública e a política de educação atual do Estado de São Paulo e expõe suas angústias: **a gente fica empolgada no início apesar de tudo o que a gente enfrenta, problemas de aceitação na sala de aulas, aceitação dos outros professores, todos os problemas do sistema do Estado, que é todo torto e complexo, as pessoas não entendem, a gente mesmo não entende esse sistema. Temos que segurar esta empolgação pra continuar vivendo...”**

Valorizar a cultura de chegada do aluno e sua linguagem parecem ser as principais preocupações expostas pela professora: “**...eu ficava rezando com medo de não entenderem minha linguagem porque os valores são tão distantes. E ela faz isso porque valoriza e se coloca no mesmo nível que os alunos, se alinha a eles no sentido de admitir que não sabe mais que os alunos, o aluno já tem o conhecimento dele e você tem que se aproximar e no filme ela faz isso.”**

Porém, em oposição a este aspecto, analisamos a fala da professora a respeito de uma dificuldade apresentada por eles, e percebemos que neste momento os alunos são considerados por ela como seres individuais e não como parte de um todo e de uma cultura na qual estão inseridos. **“Já com “Sociedade dos Poetas Mortos” eles não conseguiram, não**

conseguiam ler a legenda, que era muito rápida pra eles, ou era desculpa pra não assistir ao filme, é muito lento e eles têm velocidade, eles querem tudo rápido, não tinha violência e eles gostam de filmes violentos, acho que é costume.” Ela desconsidera as questões relativas as características socioeducacionais, econômicas e políticas e culpa o aluno pela dificuldade apresentada ao ler a legenda ou para acompanhar a história do filme apresentado, possivelmente, de forma impositiva. O egocentrismo e o autocentrismo aparentemente exposto pela professora ao não entender a falta de atenção dos alunos podem levar as cegueiras e incompreensões em relação ao outro, principalmente quando as atitudes não lhe parecem familiares ou pertencentes a sua cultura.

O material didático fornecido pela Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo também é alvo de críticas, sendo que a professora demonstra a preocupação em oferecer um ensino de qualidade e contextualizado a seus alunos. “**Quando eu peguei o material, não sabia o que fazer porque eu peguei aquela apostila do Estado e fiquei pensando que os caras estão loucos porque as coisas não tem conexão e nem uma linha de raciocínio lógico do meu ponto de vista.**” A descontextualização e a falta de continuidade do material é citado “Cai do nada um parnasianismo e não pode, tem que saber de onde vem, o que acontecia naquele momento histórico.” Além da falta de contextualização do material oferecido, a professora se queixa da falta de orientação e de acompanhamento pedagógico “**Então, quando eu vi aquilo, eu não queria seguir aquilo, ninguém me orientou.**” A professora critica o material didático oferecido, utilizando-o da forma na qual acredita ser mais efetiva e mais educativa “**Aí, quando eu via o assunto, eu destrinchava o assunto, por isso eu demorava pra preparar a aula**”.

A professora demonstra ainda interesse e sensibilidade para entender os alunos e captar suas necessidades. Atitudes como empatia e afetividade se encontram presentes em seu discurso, apesar da contradição exposta anteriormente quando parece não compreender a dificuldade dos alunos ao ler a legenda do filme apresentado “**Os alunos são muito inteligentes porque, de cara, eles sacaram o preconceito, e a resistência deles foi grande, e eu percebi que eles não se identificaram com os alunos do filme... quando falei de homossexuais eles imediatamente disseram que na sala não havia homossexuais e tinham dois, porque sou homossexual e identifiquei de cara, mas eles afirmavam que não tinha, a sala era totalmente dividida em grupos... mas eles não conseguiram identificar, eles identificaram no outro, bom... é um começo**”. Porém, parece demonstrar que, apesar de procurar entender a real dificuldade dos alunos, se preocupa em lecionar de forma

diferenciada para aqueles que, em sua concepção, são merecedores de aulas consideradas melhores que as outras “...e guardei na minha caixinha de aulas boas para turmas boas”.

Em diversos momentos da entrevista, ela demonstra identificação tanto com a personagem principal quanto com as situações vivenciadas por ela e apresentadas no filme “...o fato dele mostrar a realidade da escola, porque, apesar de ter sido feito na década de 90, já se passaram 20 anos e continua tudo do mesmo jeito. Não é tão violento porque a realidade deles é diferente, mas a nossa também não é muito diferente, pois existe aquela agressividade dos alunos”, “...é um filme que tem tudo a ver com o que eles viviam - os meninos do filme moram em conjuntos habitacionais e os meninos de onde eu dava aula moram em conjuntos habitacionais”, sua preocupação ao utilizar o filme como instrumento pedagógico foi a de proporcionar aos alunos ferramentas para reflexão sobre suas vidas. A identificação comporta em sua complexidade o egocentrismo e a projeção. Ao se projetar e colocar para fora suas limitações o sujeito se coloca no centro de seu mundo e exclui o outro.

O processo de identificação também ocorre quando nos enxergamos em algum personagem devido suas características. Pode haver ou não a negação da identificação, isso depende do que entendemos como certo ou errado, das nossas experiências e dos *imprintings* culturais. “Só fui me identificar com a personagem quando eu comecei a dar aula, porque eu pensei que dá pra fazer diferente, ela fez diferente e funcionou”. A professora se revela comprometida com sua prática e justifica suas ações e a ação da professora do filme com a seguinte frase: “E tem amigos que nem aguentam mais ouvir falar de escola, isso é uma das identificações com a professora do filme, levamos o trabalho pra nossa vida pessoal pela intensidade dele.”.

4.3.3 Análise da entrevista da Professora 3

A professora 3 inicia sua fala elogiando o filme: “Eu achei muito bom porque eu sou professora, vivo aquilo...”, porém, nega a relação com a realidade explicando que, apesar de possuírem as mesmas características pedagógicas, suas aulas se diferem das apresentadas na produção por se tratar de outra cultura, outro país “ eu achei um pouco fora da nossa realidade porque lá é outro país, outra cultura”.

Durante a entrevista a professora afirmou que pensou em desistir da docência no início de sua carreira, porém, diz que aprendeu a lidar com os alunos e com o sistema educacional. Ao citar que a professora do filme também esteve prestes a desistir, supomos que ela se projeta na personagem “**ela não conseguia acreditar que ia conseguir, achava que aqueles alunos não tinham jeito, mas ela teve força de vontade e pensou num jeito de conseguir a atenção**”. É provável que a professora 3 possua tanta garra e determinação para exercer sua profissão que se identifique com a personagem a ponto de se projetar nela.

Ao se transportar para o filme, a professora reflete sobre suas experiências e também sobre o seu ideal a respeito da educação “**Os pontos negativos do filme e da professora, não são só negativos; é o fato da realidade deles ser diferente da nossa, então não são pontos negativos e, sim, diferentes da nossa realidade. Foi o fato dela trabalhar só com uma turma, o que para nós seria ótimo e, querendo ou não, é fora da realidade porque aquela turma tem 20 alunos, e a gente lida aqui com turmas de 45 a 50 alunos. Para a cultura deles o filme está ótimo, por ser baseado em fatos reais**”.

Morin (2007, p.120), afirma que “Tudo o que é humano comporta a afetividade, inclusive a racionalidade. A empatia permite a compreensão e também favorece a projeção/identificação com o outro, porém, por sermos seres complexos, comportamos o antagonismo das relações em nossas fontes de realidade, a racional e a afetiva”. O antagonismo está presente no discurso da professora no momento em que justifica sua postura contrária a da protagonista do filme, que se dedica a outros empregos para comprar materiais pedagógicos para uso dos alunos “**Pode ser que a gente compre um livro e presenteie um aluno que a gente sabe que gosta de ler, mas a gente não vai gastar dinheiro adoidado com os alunos porque acho que nossa cultura não se tira da nossa boca para colocar na do outro, ainda mais de aluno.**”

No momento em que a professora mergulha no universo dos alunos, consegue comprehendê-los como sujeitos que possuem suas histórias de vida, diversidade cultural, pluralidade de linguagens e leituras de mundo e que constituem a realidade complexa da escola. O exercício de ouvir e compreender, pode modificar o olhar em relação ao outro.

A escola é um espaço de transformação na qual as relações entre professores e alunos podem definir os rumos do processo ensino aprendizagem “**Quando eu perguntei qual a criança cuja mãe faleceu, percebi que várias crianças se aproximavam da linha e comecei a me**

questionar... eles têm tão pouca idade. Fui perguntando quem já tinha ouvido tiro, quem já tinha presenciado um assassinato, e aí comecei a olhá-los com outros olhos porque me chocou, porque a gente fala que o moleque é bagunceiro e não presta, mas, depois dessa brincadeira, eu percebi que ele tem dificuldade de aprendizagem por causa do passado dele ... isso modificou em mim.”

As atividades propostas pela professora dão conta do que Morin (2006) defende como ensino educativo baseado na ética e na solidariedade que respeite a natureza humana em busca da reforma paradigmática do pensamento. A professora demonstra a compreensão da importância da reforma do pensamento quando relembra uma das estratégias pedagógicas utilizada no filme “**...e foi quando ela teve a ideia do livro. O livro teve muita importância no filme e pros alunos dela porque a Anne Frank era uma adolescente e serviu para que os alunos se colocassem no lugar da Anne. O professor tem que fazer de uma forma que o aluno se coloque no lugar dele e se coloque no lugar dos personagens dos livros, senão eles não vão querer ler. Tudo passa pela identificação.**”

É importante ressaltar que a professora busca novas maneiras de ensinar, procurando contextualizar os saberes, inclusive os saberes afetivos tão importantes para a formação de sujeitos éticos e solidários “**...fiz com meus alunos foi a brincadeira da linha, e deu certo... Perguntei coisas sobre namoro, ... ia perguntando coisas sobre assuntos mais sérios e expliquei que, quando descobrimos pessoas que têm coisas em comum com a gente, podemos fazer amizade. Eu ia percebendo as coisas sobre os alunos e me inspirei no filme para conhecer mais os alunos e, no decorrer do ano, eu percebi que quem não tinha amizade, depois dessa brincadeira se tornaram mais amigos ... eles se aproximaram.**”

As formas reducionistas de ensino não favorecem a articulação dos saberes, pelo contrário, fragmenta e reduz o conhecimento. A reforma do pensamento tem o objetivo de favorecer a compreensão da complexidade do ser e do saber. Percebe-se que a professora possui a sensibilidade para captar os interesses e aspirações de seus alunos e propõe atividades que a façam mergulhar no universo deles. Ao compreender o outro, nos projetamos e nos sensibilizamos, isso também acontece na relação professor aluno.

A proposta da complexidade favorece uma educação emancipadora porque a reflexão a respeito do cotidiano encontra-se presente nas ações didáticas em oposição a fragmentação

dos saberes. A Professora 3 parece compreender a importância de suas ações como agente de transformação social: “...ela percebeu que aquela turma precisava realmente dela; não só na língua inglesa, portuguesa ou matemática, eles precisavam de ajuda na vida porque eles iam acabar se destruindo e se transformando em alguma coisa que ela não queria que eles virassem: ladrões, bandidos... a gente fica o tempo todo tentando transformar aquele aluno pra sociedade, pra ele ser uma pessoa boa, pra ele fazer coisas boas pra ele, conseguir um bom emprego, dentre outras coisas.”

Ao narrar sua trajetória no magistério reafirma a intensidade do trabalho docente com suas dificuldades e desafios cotidianos: “... o professor precisa desabafar. É muita coisa em cima da gente, muito problema e você quer resolver.” E também: “Nós, professores, temos que lidar ao mesmo tempo com uma sala de 40 alunos, e cada aluno tem a sua personalidade, você tem que ter um jogo de cintura para envolver cada um na sua aula...”.

O pensamento complexo comporta a contradição e as várias nuances do sujeito. O professor deve educar-se para que haja uma verdadeira aprendizagem. Todavia, tanto alunos como professores são agentes do processo, sendo que a razão e a emoção estão presentes nas ações educativas, não podendo ser dissociadas do sujeito. “No ato do conhecimento, portanto, deve ser levados em conta o prazer, a dor e a paixão”, como diz Petraglia (2001, p.139). A fala da professora denota isso: “... temos que envolver os alunos, só que cada um é diferente e temos que aprender como envolver cada um e isso pesa muito,,, e pelo fato de não ser uma profissão tão reconhecida, porque a gente se esforça muito ... pra ser professor tem que gostar, porque senão não aguenta. O salário é pouco, não temos o apoio que gostaríamos e precisamos... cada dia é uma coisa nova que temos que passar...”.

Durante a entrevista, percebemos a insatisfação da professora ao afirmar que não existe apoio ao professor por parte dos gestores da escola, ela se queixa que esse fato dificulta o trabalho docente e que se sentem desamparados e precisam desabafar pois não são ouvidos: “...eu acho que os professores, no geral, falam muito sobre o assunto pra descarregar mesmo, porque muitas vezes a gente vai conversar com a coordenação e eles não querem nem nos ouvir.”

A saída encontrada por ela para solucionar esse problema foi a de melhorar a relação com os alunos, o que indica que a cumplicidade e a diminuição do conflito favorece o sucesso da

aprendizagem: “**Muitas vezes, temos que tomar outro rumo na nossa aula assim como a professora do filme fez, ela achou um jeito para que eles primeiro se respeitassem, gostassem dela, até a aluna Eva tinha uma cisma com a professora e isso acontece na nossa vida, tem aluno que não vai com a nossa cara e a gente precisa o tempo todo tentar, ou a gente larga mão e acaba maltratando também... Ou a gente tenta entender a realidade do aluno...”.**

O processo educativo é um sistema complexo e dependente de vários fatores que também dependem dele, num círculo hologramático constituído de inter-retro-ações entre si que envolvem sujeitos, sociedade, relações, metodologias, cultura. Para a complexidade, a educação formal é influenciada pela educação não formal e por toda a história de vida dos atores que nela atuam com suas vivências. Os conflitos na relação podem ser vistos como parte constituinte do processo ensino aprendizagem, pois, apesar de ser visto como negativo, favorece a compreensão do outro: “**... a gente prepara uma aula para cinco turmas e em uma sala a aula vai bem, em outra tem que ser totalmente diferente...**”. Ela questiona que: “**... eu penso o porquê de ensinar verbo, substantivo se eles não sabem nem sentar direito, não sabem ler e escrever.”**

Observamos que a professora se dá conta de que para resolver o conflito deve penetrar na alma dos alunos com o objetivo de favorecer o processo de aprendizagem e favorecer uma educação complexa em oposição a superespecialização: “**Eu tinha um aluno que não ia com a minha cara... era agitado, conversava demais, não fazia nada e não abria o caderno... até que um dia resolvi conversar com ele questionando o porquê dessa agitação... acabou dizendo que morava com o irmão mais velho, viciado em crack, a mãe morreu no parto dele, o pai já havia falecido... A gente não sabe a realidade do aluno**”, e finaliza sua fala com uma frase que aparentemente norteia sua prática em sala de aula, de acordo com a entrevista concedida: “**...e isso eu achei que o filme mostrou bem, temos que sondar o que acontece na realidade do aluno antes de maltratá-lo.”**

4.3.4 Análise da entrevista da Professora 4

A professora 4 inicia sua fala pontuando que o filme lhe forneceu instrumentos de reflexão a respeito do sistema educacional, das situações vivenciadas em sua escola: “**Eu acho o filme um instrumento de analise na escola com relação a pratica docente. Eu achei o filme interessante para ser analisado de maneira crítica.**” Além de refletir criticamente a respeito da narrativa, demonstra interesse em levar os colegas docentes a um debate a respeito das situações expostas no filme e julga ser pertinente apresentá-lo em um dos momentos de formação: “**Eu assisti o filme antes de assistir na escola e fiz a sugestão de passar o filme na escola para os professores no horário coletivo de formação.**” Esta ação nos leva a compreender a professora como uma profissional atuante e preocupada com as questões educacionais e também disposta a refletir, dialogar e transformar sua prática e a escola.

Em seu discurso, também observamos a criticidade em relação ao conteúdo apresentado no filme, afirmando que este não é uma receita de sucesso e sim um importante instrumento de reflexão e transformação: “**Uma coisa que me chamou muita atenção é que o filme é interessantíssimo, mas não é um modelo a seguir em vários aspectos**”. A consciência nos fornece ferramentas para pensar e repensar nossos pensamentos e nossas ações. A professora demonstra possuir uma compreensão complexa do filme que vai além daquilo que se apresenta na tela, ela faz ligações entre o a narrativa e a suposta realidade da escola, ponderando aquilo na qual acredita ser negativo e o que considera positivo ao longo da entrevista: “... o filme é bacana porque trás muitos elementos, vai depender até onde as pessoas querem aprofundar.”

Edgar Morin propõe que a superação do reducionismo deva ser a base da complexidade, sendo que o sujeito pode ser entendido como um todo participante das partes e uma parte participando do todo. O sujeito é um ser vivo que busca sua auto-organização, sendo que pertence a uma espécie e está situado em uma determinada sociedade que possui *imprintings* culturais. Não há como separar o sujeito da sociedade, sendo que existe unidade e multiplicidade em cada ser humano. A professora 4, em alguns momentos da entrevista, nos faz entender essa rede complexa que envolve indivíduo, sociedade e cultura: “**Uma coisa legal no filme é que mostra a questão dos grupos e das gangs, e de repente o que prevaleceu não foi o seu grupo e sim a classe, no caso a classe pobre...**” e também no momento na qual reflete sobre a dinâmica da sociedade “...isso que é legal porque mostra todas essas idas e vindas, esse dinamismo todo que é a sociedade...”.

Ao refletir sobre sua experiência ao assistir ao filme com os colegas professores, a professora se depara com essas nuances, e aparentemente consegue perceber as contradições, os erros e as ilusões a que estão submetidos os sujeitos de acordo com suas vivências, suas características biológicas e sociais, o que reafirma o caráter complexo do sujeito e das relações com o mundo: “**É um negocio que provocou, ficou um clima na escola, as pessoas tem um discurso uma ideologia burguesa na escola, as pessoas acham que no fim tudo vai acabar bem, mas não tiram a bunda da cadeira para fazer nada, essa é a lógica. Elas não conseguem se ver naquela situação, elas não se reconhecem no filme, porque aquilo é muito ruim, mas na verdade nós somos aquilo ali também...**”

Os complexos imaginários projetam nossos medos, aspirações, necessidades e negações, a professora relata a reação dos colegas de escola ao se depararem com situações que ocorrem no cotidiano escolar, porém as negam: “**...na escola as pessoas não se dão conta, elas acham que estão numa bolha e que estão longe de tudo o que está acontecendo...**” e também quando diz que “**Na minha escola, quando assisti com os outros professores, eles ficaram super incomodados, dizendo que isso não tem nada a ver com a nossa realidade, eles tem dificuldade de enxergar a realidade sendo que isso acontece na nossa escola.**” De acordo com o pensamento complexo, o todo está nas partes assim como as partes estão no todo, ou seja, a sociedade está presente no sujeito assim como o sujeito está presente na sociedade. A relação entre os sujeitos espectadores do filme naquele momento exemplifica que assim como somos influenciados pelos produtos culturais, também os influenciamos sendo que a personagem do filme comporta as características dos representantes da classe docente com seus sonhos, aspirações, medos e alegrias.

Podemos dizer que a professora do filme está nos espectadores assim como os espectadores estão na protagonista do filme. Essa relação dialógica provoca identificações e projeções, além de transferências que incluem todas aquelas emoções provocadas pela multidimensionalidade do ser e toda a complexidade envolvida nas relações: “**E o filme é isso, é lindo, eu choro, volto, vejo outras coisas, e ele mostra as contradições e as pessoas tem medo, elas não querem se ver, é uma espécie de cortina de fumaça, elas não se reconhecem, não conseguem fazer uma relação porque ela faz questão de ser outra coisa**”.

De acordo com o pensamento complexo, as idéias são alimentadas também pelos meios de comunicação e é na noosfera que ocorre a rede de origem/degradação/degeneração/

regeneração das idéias. A professora nos mostra que o filme foi um importante instrumento de reflexão para ela no momento em que diz: “**foi bem interessante assistir sozinha e depois assistir com os colegas, porque eu imediatamente identifiquei várias coisas condicionadas a minha historia de vida e minha compreensão do mundo.**” A fala da professora nos revela uma consciência crítica e demonstra que a compreensão complexa se faz presente em seu discurso. “**O filme é bacana. Gera resistência de todos porque as pessoas querem se defender: aquele que quer manter aquilo, aquele que quer sair daquela situação.**”

A compreensão complexa, de acordo com Morin, une as compreensões objetivas e subjetivas com o objetivo de contextualizar um fato. No discurso da Professora 4 podemos perceber a compreensão que ela possui de si e do outro, no momento em que reflete sobre a sua trajetória no magistério e na escola na qual leciona “**... quando eu assisti ao filme eu já assisti pensando no que eu podia analisar como professora, porque na verdade a gente vive um conflito na minha escola, muita indisciplina, muitos problemas que assemelham aos problemas do filme**” e também realiza uma reflexão sobre as compreensões dos seus colegas ao assistirem ao filme “**...e a gente percebe que as pessoas na escola querem resolver o problema ali na escola e não tem compreensão que o problema é focal, é local.**”

A multidimensionalidade do ser é a base da compreensão complexa, sendo que ao procurar entender o sujeito de acordo com a complexidade, precisamos situá-lo no tempo e no espaço, para que não ocorram erros e ilusões, como a Professora diz, “**Eu achei que a professora num primeiro momento entra numa realidade que ela não tinha noção e imediatamente tomou um balde de água fria daquela diretora, totalmente aparelhada pelo Estado. E no decorrer do filme ele mostra os equívocos da escola, do Estado e do professor, a confusão.**” Ela também reflete a respeito das falas dos colegas enfatizando os erros e as ilusões que levam a incompreensão: o “**Na nossa escola os alunos mexem nos carros dos professores, tacam bomba na sala de aula, brigam de porrada, como no filme, mas eles não conseguem visualizar isso dentro da escola, eles ficaram incomodados, falaram que é muito forte, e pra ir contra a idéia da professora a coordenadora perguntou se ela achava que não tem nada a ver , se nós não temos gang e o que é que temos na escola, disse que não era para demonizar os alunos mas que existe essa situação na escola mas ela quis camuflar, quis esconder**”.

Podemos inferir que, ao negar um fato, o sujeito camufle sua contribuição no ocorrido. Se toda a situação é complexa, pode-se responsabilizar todos os envolvidos no processo, inclusive aos professores. Existem diversas situações nas quais a escola e sua equipe pedagógica e gestora podem intervir no processo de indisciplina, seja com alterações no regimento interno, com propostas previstas no projeto pedagógico, porém, ao se deparar com algumas situações de violência, o medo de compreender pode ser justificado pelo temor de ser levado a agir para solucionar determinada situação. Para Morin, a compreensão poderia levar o planeta a ser mais fraternal, o que culminaria em uma sociedade mais lúcida, ética e com mais empatia entre as pessoas.

O cinema, como qualquer outro produto cultural além gerar tendências comportamentais pode favorecer reflexões e críticas já que os espectadores também são mediados pelos processos educativos e pela cultura. No discurso da professora, identificamos elementos que nos remetem a uma visão de educação fragmentada e contraditória: “**achei um absurdo a mulher ter que trabalhar em três lugares para implementar uma forma de trabalho na escola, porque ela acaba substituindo o que é de competência do Estado... porque as escolas estão organizadas de maneira a enfraquecer o grupo, ela divide, ela fragmenta.**” A professora também critica a atuação da personagem do filme explicando que suas atitudes poderiam levar a outros caminhos: “**mas ela acaba fazendo com que de certa maneira isso não contribua, contribui para aquela turminha, vai contribuir para aquela escola, mas e o todo? Você fica preso naquela escola e eu acho que dá uma fragmentada nesse sentido e isso no filme é muito real**”. A visão complexa do ser e do saber nos leva a refletir sobre a dialogicidade das relações. De acordo com a fala da professora, podemos inferir que o princípio dialógico trataria das relações entre partes e todo, sendo que o jogo de desordem/ordem/interações/organizações é aparentemente abalado de acordo com supostos interesses políticos e também pela ação ingênua da protagonista do filme. Morin defende que unir o que está compartmentado poderia colaborar para a religação dos saberes e para o enfrentamento das incertezas, sendo que o objetivo desse ensino passa a ser a compreensão de mundo favorecendo um modo de pensar aberto e livre.

A professora corrobora com a lógica exposta por Morin, sendo que questiona a atual concepção de escola da instituição na qual atua e critica as ações pedagógicas e estruturais impostas: “**...eu não acredito no formato da escola... É um espaço que é contraditório porque dizem que é ali que você vai emancipar ... na verdade é um espaço onde aprisiona, onde não tem uma real democracia ... tudo faz de conta onde na verdade as**

coisas não funcionam dessa maneira porque sempre tem uma diretriz que vem de uma secretaria que vem de um sei lá do que e te aprisiona.”

O ser humano é um ser 100% biológico e ao mesmo tempo cultural, e de acordo com o pensamento complexo, nossas vivências, modos de vida, herança de nossos antepassados e os bens culturais que acessamos, podemos nos transformar em seres destruidores, construtores, ou até mesmo em certos momentos termos estas duas características afloradas em nossas ações. A fala da professora entrevistada demonstra que esta comprehende o sujeito de forma complexa, muitas vezes contraditória, pois, sendo a professora do filme uma representante da classe dominante norte americana, de acordo com sua vestimenta e adereços, nota-se que ela consegue cumprir seu papel docente naquele espaço, mesmo com todas as contradições expostas pelo senso comum, ela transformou o que tinha em algo produtivo e educativo para aqueles alunos: “...eu achei que o filme foi positivo nesse sentido pelas contradições... porque cada coisa tem sua contradição, e a professora foi fantástica, lembro que quando ela chegou toda bonequinha, toda bonitinha, com o colar que a outra disse para não usar, mas não, ela apostou no humano, ela não conhecia a realidade e foi de colar de pérolas... e nada aconteceu, ela continuou acreditando nas pessoas, sendo que os problemas existem, mas vamos em frente, e o sistema é tão cruel que invade, né?”.

O egocentrismo e altruísmo são características do sujeito, sendo que em determinados momentos podem ser antagônicos e em outros complementares, identificamos que a professora comprehende a ação altruísta da professora ao conseguir mais empregos para manter seu trabalho na escola quando diz que “...para estimular a consciência de classe ela se vale de questões que são totalmente contrárias a que ela acredita...”, e também quando diz “...para entender a realidade ela se vale da contradição, que é arranjar outro emprego, fazer feirinha vendendo coisas para trazer dinheiro para trazer a senhora que participou do holocausto...” e relembra os momentos de entrega de sua vida pessoal em defesa da causa daquela sala “...ela perde o marido, perde todo mundo, o pai acaba se envolvendo na história quando vê a filha naquela situação, aí ele se vê naquela situação e nem sei se ele se dá conta disso...” porém discorda dessa ação de forma crítica e reflexiva, identificando que este é um assunto pertinente para ser debatido entre os professores da sua escola “O mais complicado foi ela garantir o que ela pretendia ali, aí ela se valeu de vários instrumentos que para mim são contraditórios, eu jamais vou tirar dinheiro do meu bolso, jamais vou conseguir outro trabalho pra conseguir coisas, tem que correr para as organizações, isso não era o foco do filme, mas isso trás o gancho para a

discussão na escola.” E propõe uma reflexão a respeito das responsabilidades do Estado para com a educação “...armadilha é procurar três empregos para comprar livros para aluno, quem tem que dar livro para o aluno? Não é o Estado? Não é ele que tem que garantir uma educação de qualidade, porque gente tem que fazer isso?”.

Para compreender a fala da professora a respeito da ação da protagonista do filme, lembramos de Morin que defende a reforma do pensamento como meio de uma transformação do ensino em uma prática na qual se una os saberes que foram disjuntados e fragmentados com o advento da superespecialização do conhecimento e divisão das disciplinas no currículo escolar, com o objetivo de levar os alunos desenvolverem suas inteligências para serem capazes de resolver os dilemas sociais: “**Elá comprou a maior briga com a família, com o pai, com o rapaz e no dia do julgamento ela falou a verdade, e isso foi através da pratica da professora. Eu acho que a pratica da professora é contraditória porque ao mesmo tempo em que ela estimula a consciênciа de classe explicando que foi por conta dos desenhos dos narizes grandes que os judeus foram perseguidos no holocausto, ela faz toda a explicação, mas na prática... foi aí que a galera começou a se ligar de outras coisas, o que fez a menina...não ficar contra os iguais a ela foi o todo... ela não mentiu para defender aquele grupo porque ta todo mundo ferrado... porque ao mesmo tempo que a professora tem esse trabalho ... ela trabalha a consciênciа mesmo, leva os alunos a passeios para compreender na prática como foi**”.

A compreensão de um ensino educativo exposto pela entrevistada nos leva a entender que ela defende a educação na qual os saberes dos alunos sejam considerados, contextualizados e situados de acordo com seu tempo histórico e as situações de seu cotidiano. Essas ações poderão levar a uma tomada de consciência planetária, a uma noção de indivíduo/espécie/sociedade e a nossa existência na terra. Podemos perceber que também coloca em prática essa concepção de ensino na qual as crianças se tornam protagonistas do processo: “**nesta semana mesmo eu to trabalhando dança e forró, faz um mês que eu to na luta mas a gente conseguiu e hoje a gente fez um fechamento com um vídeo bem legal chamado Vida Maria, que mostra o sertão, é um curta de oito minutos e eu consegui minimamente fechar o trabalho.**” Se sente representada pela protagonista em alguns momentos: “**E é interessante que ela idealiza: queremos um mundo tal, mas ela mostra primeiro a realidade ... acho importante o trabalho dela, o trabalho que ela fez e na escola eu me identifico com isso.**” E faz uma crítica em relação a concepção do senso comum a respeito da escola e da educação: “**E a escola é isso, reflete isso, mostra as**

mudanças o tempo inteiro, e as pessoas tem dificuldades para compreender isso, elas tem as coisas como certas, tem que ser tudo muito linear, cartesiano, um horror.”

São vários momentos de identificação entre a professora entrevistada e a protagonista do filme: “**...eu gosto de sair, levar os meninos na exposição e não ficar preso só no espaço físico da escola, um espaço detentor de todo o conhecimento, ela foi no museu, na exposição explicar como era, as pessoas tiveram contato não só com as obras mas com outras pessoas, você estabelece outras relações...**”. Também quando expõe as dificuldades enfrentadas no cotidiano do trabalho docente de uma escola pública: “**...essa coisa de ser muito teimosa e de não obedecer as instâncias, ela foi direto ao representante do Estado conseguir com que os alunos fossem fazer uma atividade fora da escola. Ela quebrou essa coisa de hierarquia, ela não alimentou os egos e eu achei super legal isso ... eu gosto disso e achei super minha cara (risos). Essa coisa de insistir, fazer a luta no dia a dia e tentar fazer o trabalho, porque é difícil, a gente pasta**”.

Apesar de se identificar em várias questões, estabelece críticas a respeito da estrutura imposta pelo Estado: “**Tem outra coisa que me identifico com ela que é essa coisa de sair do espaço da escola pra ... você vai no museu e se depara com outras coisas que você não conhece ... e se estabelece uma relação social diferente ... sai daquele ambiente e na escola, que eu acho um horror, escola pra mim é uma instituição falida, doente e como você vai conseguir propiciar um debate sobre a realidade num espaço que está ali justamente para fazer o contrário?**”.

Podemos inferir que essas situações são provenientes de um ensino baseado na fragmentação dos saberes e na ausência de contextualização. Isso aponta para uma real necessidade da religação dos saberes que seja capaz de situar qualquer informação em seu contexto, sendo que o conhecimento só é conhecimento quando é organizado. Um dos desafios propostos por Morin diz respeito ao desafio cívico, que fragmenta e torna cada um a ser responsável por sua tarefa especializada. A percepção do global conduz ao aumento da responsabilidade individual, a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria, e para Morin, uma das maiores dificuldades em pensar o Estado-Nação está inscrita em seu caráter complexo, pois ele é ao mesmo territorial, político, cultural, místico, religioso.

4.4 DISCUSSÃO DAS ANÁLISES

Este trabalho foi além da simples constatação e organização de ideias, sendo que buscou-se compreender aspectos relacionados à subjetividade do professor, sua compreensão de mundo, de educação e da profissão docente. Cada professora demonstrou uma concepção de mundo e de educação, de acordo com sua história de vida, que permitiu o aprofundamento e realização das análises de cada uma das entrevistas. Identificamos temas comuns entre as colaboradoras. São eles:

- a) afetividade;
- b) procedimentos didáticos e crítica à formação e ao material didático oferecido;
- c) formação docente;
- d) distanciamento e aproximação com a realidade;
- e) intensidade do trabalho docente;
- f) conflitos na relação;
- g) reconceito à linguagem do aluno;
- h) dedicação ao trabalho;
- i) compreensão de escola e de educação.

A análise das entrevistas leva a refletir sobre a complexidade das relações interpessoais que mobilizam a prática educativa. A compreensão de ensino e aprendizagem exposta pelas professoras entrevistadas remetem a uma prática contextualizada, porém, repleta de contradições. Cada experiência diz respeito a um sujeito complexo e situado em seu tempo, história de vida, cultura, educação. O filme *Escritores da Liberdade* expõe os aspectos relacionados à prática educativa exercida pela professora protagonista e também a apresenta como sujeito com suas angústias, frustrações, vida afetiva. O filme foi um importante veículo de compreensão e reflexão para esse estudo.

Observamos que as professoras se identificam e se projetam na protagonista do filme quando assumem que a afetividade é um importante fator a ser levado em consideração na relação professor-aluno, para que o processo de aprendizagem seja satisfatório. Ao relatarem que adotam estratégias de ensino diversificadas, se inspirando ou não no filme, demonstram que para ensinar de forma complexa deve-se levar em consideração aspectos da subjetividade dos alunos e todo o contexto no qual eles estão inseridos.

O pensamento complexo aponta para a compreensão do sujeito planetário e se posiciona contra a fragmentação do ser e do saber em superação ao pensamento linear e a narrativa do filme demonstra esses aspectos em momentos que são levadas em consideração a história de vida dos alunos, seus medos, angustias, cultura local e outros elementos para a elaboração de estratégias de ensino que visem uma aprendizagem significativa. Observamos que as professoras entrevistadas possuem essa preocupação e procuram levar em consideração a condição de vida dos alunos no momento de elaboração de suas atividades educativas de acordo com o que expuseram nas entrevistas.

Foi recorrente a fala a respeito de uma urgente reforma da educação, com séria revisão das políticas públicas, atentando à questão da adequação dos materiais didáticos oferecidos aos alunos e que, de acordo com o discurso dos professores, nem sempre se adéquam às necessidades educacionais dos educandos. A crítica em relação ao trabalho solitário da professora foi recorrente sendo que foi justificado que ao atuar no local, perde-se a noção do global. Morin chama atenção para uma educação planetária, na qual todos os envolvidos o processo sejam protagonistas de ações que visem a uma ética na qual se reconheça os erros, as ilusões do conhecimento e as incertezas para uma sociedade mais justa e humana e que una tudo aquilo que foi disjuntado por um pensamento linear. A educação compreendida de forma complexa daria conta de atuar de forma global em oposição a fragmentação e a ações locais e isoladas.

Encontramos vários elementos contraditórios nos discursos dos professores, seja em relação as concepções de educação ou mesmo quando opinavam sobre o filme. Em alguns momentos elogiavam a narrativa, teceram críticas em relação a postura da professora, seu trabalho em uma sala isolada e descontextualizada do restante da escola e em outros, elogiaram e se sentiram motivadas pelas práticas pedagógicas, criatividade em elaborar estratégias de ensino e afetividade com os alunos. Essa característica própria do sujeito complexo exposta por Morin reafirma suas características de *demens* e também de *sapiens*, oscilando entre o alucinatório e o lúcido, a loucura e a sanidade. Do mesmo modo em que o sujeito está propenso a questionar uma situação, também pode observar aspectos positivos nela. Isso ocorreu nas entrevistas em diversos momentos, em especial quando se referiam a postura da professora Erin, em algumas situações elogiando sua postura, em outros criticando e negando seus atos. A racionalidade nos defende dos erros e das ilusões, porém, a racionalidade construtiva é responsável pela elaboração de teorias coerentes enquanto a racionalidade crítica se constitui dos erros e das ilusões, das crenças, dogmas e postulados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura, a sociedade e a educação influenciam a compreensão que temos a respeito do mundo, temos a tendência de separar as coisas para pensá-las, isso favorece a incompreensão, pois ao olharmos somente para aspectos fragmentados a respeito da educação, como a questão das políticas públicas, salariais, organizacionais, ignorando os outros, como a prática educacional e a questão da subjetividade dos professores. Ao ser deslocado da rede complexa que envolve esses diversos fatores, percebemos que o professor se sente fora do processo, o que o leva a desconsiderar sua importância.

As entrevistas nos forneceram uma multiplicidade de informações que enriqueceram a pesquisa e nos levaram a reconhecer sujeitos engajados no processo educacional, assim como constatamos, a insatisfação com o sistema educacional atual. Encontramos elementos que denunciaram um sistema que fragmenta os saberes e não beneficia os alunos com relação a aprendizagem. As queixas a respeito da quantidade elevada de alunos por sala, da baixa qualidade do material didático oferecido e sua inadequação, a deficiente formação continuada de professores nos fornecem dados para deduzir que estes são fatores que desconsideram toda a complexidade da educação e dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Para Morin, a incerteza é própria dos fenômenos humanos sendo que o processo educativo, apesar de todas as queixas apresentadas pelas professoras poderá ser satisfatório ou não porque dependem de condições adversas e da subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo. Nem sempre os fatores apresentados pelas entrevistadas influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos, pois há interferência de outras condições ambientais.

A reforma do pensamento, de acordo com o que Morin defende, aponta a necessidade de enfrentamento de muitos desafios que visem a superação do pensamento linear e da fragmentação dos saberes. A proposta é de uma maior contextualização das práticas pedagógicas, a religação dos saberes e a reforma do pensamento. As inter-relações entre todo e partes não podem ser reduzidas a processos lineares que reduzem a uma sequência ou amontoado de saberes desconexos, alheios à realidade dos alunos. A relação parte-todo leva em consideração o educando como um ser pensante, ativo no processo educativo e atuante nas relações com o meio ambiente e a sociedade.

O discurso das professoras a respeito da prática docente nos forneceu dados que reafirmam que o conhecimento é um processo na qual a incerteza, o erro e as ilusões se fazem presentes num mundo de certezas. A complexidade permite a crítica e a autocrítica, além da reflexão e da abertura às novas idéias e conceitos de acordo com o conceito de multidimensionalidade do ser, que comprehende o sujeito de forma complexa, situando-o no tempo e no espaço.

A pesquisa trouxe elementos para a observação e apreciação das compreensões dos professores a respeito do filme *Escritores da Liberdade*. As professoras entrevistadas demonstraram que a compreensão de um filme ou qualquer outro produto cultural passa por percepções individuais e subjetivas, de acordo com aquilo que vivenciaram. Foram quatro entrevistas diferentes, com visões de mundo e de educação diversificadas, que reafirmaram a complexidade das relações e a subjetividade dos sujeitos de acordo com o jogo de desordem/ordem/interações/organizações que nos fez compreender a dinâmica da complexidade e de seus operadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Cleide R.S. Literatura, cinema e complexidade. In: **Notandum**, n. 23, p.51-56. CEMEOrOc: São Paulo/Porto, 2010.
- AO MESTRE, COM CARINHO. To Sir, With Love. Direção de James Clavell. Estúdios Columbia. USA, 1967. 105 min.
- DIAS, Elaine T. Dal Mas. *Subjetividade, Docência e Adolescência: Impactos no ato educativo*. Notandum Libro II. CEMEOrOc: São Paulo/Porto. 2008. Disponível em : http://www.hottopos.com/notand_lib_11/elaine.pdf. Acessado em 04/02/2014.
- ESCRITORES DA LIBERDADE. FreedomWrites. Direção de Richard LaGravenese. Jersey Films / MTV Films / Paramount Pictures. USA, 2007. 123 min.
- FABRIS, Elí T. H. **Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- _____. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Revista Educação e Realidade**. Jan/Jun, 2008. p. 117 a 134.
- _____. A Pedagogia do herói nos filmes hollywoodianos. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n.1, Universidade Vale dos Sinos, São Leopoldo, Jan/Jun, 2010. p. 232-245.
- GOMES, Paolla Basso M. B. **Princesas**: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo. Dissertação de mestrado. Universidade do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação – Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema**: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro. Rocco, 1995. Tradução de Hellen Marcia Potter Pessoa.
- LORIERI, M. A. Educação e subjetividade na cultura globalizada: ideias a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. In: **Notandum**. Libro 11. CEMOrcOC – Feusp/IJI – Universidade do Porto, 2008. p. 76-86
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MENTES PERIGOSAS. Dangerous Minds. Direção de John N. Smith. Buena Vista Pictures/Hollywood Pictures/ Don Simpson/ Jerry Bruckheimer Films. 1995. 99 min.
- MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Ed. Relógio Éditions de Minuit. 1958. Tradução de António-Pedro Vasconcelos.

- _____. **Culturas de massas no século XX - Neurose.** Rio de Janeiro, Forense/Universitária, 1977.
- _____. **Estrelas:** mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- _____. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- _____. **Duas globalizações:** complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. SILVA, Juremir M., CLOTET, Joaquim (org). Ed. Sulinas/EDIPUCRS, 2002.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez. Brasília – DF. UNESCO, 2003. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Janne Sawaya. Revisão técnica de Edgard Assis de Carvalho.
- _____. **O método 6:** ética. Porto Alegre. Sulinas, 2005.
- _____. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro. Tradução Eloá Jacobina. Editora Bertrand Brasil, 2006.
- _____. **O método 5:** A humanidade da humanidade e a identidade humana. Porto Alegre. Sulinas. 2007.
- _____. Os Complexos Imaginários (Projeção – Identificação – Transferência). In: Pena-Vega, Alfredo, Petraglia, Isabel, Almeida, Cleide R. S.. **Edgar Morin:** ética, cultura e educação. Cortez. 2011a.
- _____. Para um pensamento do Sul. **Anais do Encontro Internacional Para um Pensamento do Sul.** SESC, Departamento Nacional, Rio de Janeiro, 2011b. p. 20-28.
- _____. **O método 4:** As ideias: Habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre. Sulinas. 2011c.
- PETRAGLIA, Isabel. **Edgar Morin:** a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis. Vozes. 2010.
- SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS. Dead poets society. Direção de Peter Weir. Estúdios Touchstone Pictures. USA, 1989. 129min.

ANEXOS

ANEXO 1: FICHA TÉCNICA DO FILME

Titulo: *Escritores da Liberdade*

Gênero: Drama

Direção: Richard LaGravenese

Roteiro: Richard LaGravenese

Elenco: Anh Tuan Nguyen, Blake Hightower, David Goldsmith, Deance Wyatt, Hilary Swank, Imelda Staunton, Jason Finn, John Benjamin Hickey, Kristin Herrera, Pat Carroll, Patrick Dempsey, Scott Glenn, Vanetta Smith, Will Morales

Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg, Stacey Sher

Fotografia: Jim Denault

Trilha Sonora: Mark Isham, RZA

Duração: 123 min.

Ano: 2007

País: Estados Unidos/ Alemanha

Cor: Colorido

Estúdio: Jersey Films / MTV Films / Paramount Pictures

Informação complementar: Baseado em livro de Freedom Writers e Erin Gruwell

ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

PROFESSORA 1

O que você achou do filme?

Eu não gosto do filme. Para falar a verdade eu detestei o filme desde a primeira vez que eu assisti. A gente assistiu numa reunião pedagógica na escola; eu achei o filme tendencioso, leviano e oportunista porque é muito fácil chegar numa reunião de professores e impor para aqueles professores assistirem para que se sintam culpados, né? “Ai, nossa, olha como dá certo”, mas eu nunca tentei fazer isso... Eu nunca coloquei meu salário pra sustentar a xerox do aluno... Então eu detesto o filme, não gosto do filme e não gosto da atriz também.

Esse filme é ridículo. A mulher tem dois empregos para sustentar a escola, isso já é o fim, ali já demonstra, pra mim, a total despolitização da professora, porque em vez dela brigar por melhores condições para que ela consiga coisas na escola para os alunos. Tudo bem, ela até tentou, viu que não deu. É aquela coisa bem cristã: “vou tirar do meu próprio salário, vou fazer um sacrifício, vou trabalhar em dois empregos, vou acabar com minha vida, mas o melhor é que estou fazendo essa caridade”. É praticamente um serviço de caridade, então não entra o profissional, ela não se vê como profissional, porque o que o profissional faz? O profissional luta por boas condições de trabalho, e é função do professor também isso, porque quando você luta por melhores condições de trabalho, você não está lutando só por você, você está mostrando para o aluno que ele também tem direito a certas coisas. Quando o professor briga porque a gente quer ter uma escola limpa, não é só porque ele tem direito a entrar num banheiro limpo, a tomar uma água bem-tratada ou estar num lugar mais organizado, é porque aquilo também é direito do aluno. Então consequentemente, quando o professor politicamente está organizado, o aluno também tem esse reflexo na aula. E ela não tinha organização política, o que acontecia para ela era: “eu vou na caridade”, ou, então, “eu vou caridosamente”, meio que uma missão. Então, não era profissional, era missão, “vou na minha missão, é minha missão, então vou lá trabalhar em mais dois empregos, juntar dinheiro e invisto pros alunos”, e ao mesmo tempo você fica pensando - “E essa comunidade, esse grupo de alunos, eles não podiam se organizar de outra forma? Não, a gente vai brigar porque a gente tem direito àqueles livros , então vamos achar uma outra forma”. Não daria tanto resultado quanto o que ela fez se ela tivesse mobilizado os alunos pra cobrar do governo o

acesso ao livro? Do que ela ter trabalhado pra comprar o livro por fora pra dar pros alunos? Será que o resultado não seria melhor? Será que eles não aprenderiam muito mais? Por que foi assim: eles foram aprendendo várias coisas; obviamente, aprenderam a trabalhar com as diferenças, aprenderam a ver o que eles tinham de igual, mas também não teriam aprendido bastante se sentindo cidadãos? Eles teriam lutado pra ter garantido o direito deles, que era ter os livros pra poder estudar.

Ela tutelou, lá foi ela com o dinheiro dela, de dois empregos em que ela trabalhava, comprou os livros e deu para os meninos. Óbvio que eu também já fiz isso, você sempre paga uma xerox, você acaba um dia ou outro trazendo de casa um litro de álcool pra rodar um mimeógrafo, você faz essas coisas; agora, isso não pode virar uma regra, você sustentar uma prática pra sempre nisso, então é assim “eu vou trabalhar o ano inteiro em dois empregos pra sustentar minha escola sendo que existe verba” - sendo que as pessoas pagam os impostos, eu pago imposto e aquelas crianças pagaram os impostos, os pais deles pagaram os impostos pra que houvesse melhores condições. Então você não ensinou nada ali de cidadania pra eles - “vamos nos cotizar entre nós mesmos” - basicamente é o que você acaba ensinando. “A gente se cotiza, deixa o mundo como está, a gente aqui se resolve”. E não é assim, você não ensinou nada para os caras desse jeito.

A fala da formadora, que no caso era a coordenadora pedagógica da escola, foi péssima, ela terminou o filme e abriu para a discussão e a discussão era exatamente assim: “Olha, quando a gente quer... se o professor quer ele consegue”. Era aquela ideia do professor-salvador - “só dá errado porque o professor não está investindo o suficiente”. Na visão desse tipo de gente, quem usa esse filme como base é mais ou menos assim: “olha, mas tá vendo, se você investisse um pouco mais no seu aluno... mas se você fosse lá e fizesse um pouquinho mais do que você já está fazendo daria certo”. Então, uma parte dos professores concorda com isso porque a gente tem, sim, um grupo de professores que pensa que está fazendo missão, e pensa que veio pra escola para poder ficar fazendo a bondade e a caridade pros alunos. Não se vê como profissional; e um outro grupo se revoltou e meteu o pau na coordenadora, tanto que depois ela não conseguiu mais fazer a discussão porque a gente disse: “Olha, ela não é uma profissional, ela está aqui praticamente como uma religiosa, querendo salvar a pátria”.

Se a pessoa faz isso, prejudica sua própria carreira, fazendo esse tipo de ação, porque a ação que ela fez acaba tendo um resultado simplesmente individual, porque ela ficou com a

turma mais um ano. Ou seja, ela ficou dois anos com a turma, e logo em seguida, como o projeto dela ficou super famoso, porque foi para processo e aquela coisa toda, ela foi dar aula em universidade. Então o que ela fez que melhorou efetivamente as condições da educação? Nada. Ela agiu com aquele grupo de alunos, durante dois anos, só que ela não conseguiu ganho nenhum pro resto da escola, então, o que acontece? “Ah, a gente tem que partir, em muitas situações, partir do micro.” Mas ela poderia ter conseguido partir do micro, feito aqueles alunos se mobilizarem e conseguirem condições pra escola como um todo, por exemplo, ou até para eles, no decorrer dos próximos anos, mas o que ela fez? Conseguiu tudo aquilo pra uma única turma, os outros professores continuam sem nada do mesmo jeito, porque não teve mobilização política, não foi um trabalho político, foi um trabalho individual e aí é onde entra essa visão de Hollywood na qual a salvação é individual, o crescimento é individual, se cresce individualmente porque é assim - se você investir, se você lutar ,você fica rico - essa é a máxima dos Estados Unidos, “aqui é a terra da oportunidade, todo mundo que tiver vontade pode ficar milionário”. E é individual, é sempre “EU tive a vontade, EU vou conseguir”; não se faz pelo coletivo, porque se ela tivesse lutado pelo coletivo e organizado no coletivo talvez o ganho fosse maior, talvez não tivesse só 35 livros da Anne Frank, talvez eles tivessem uma biblioteca inteira à disposição, porque o governo teria que aceitar que ali a situação está precária. Mas ela não fez isso, ela mobilizou um pequeno grupo e de lá ela foi pra universidade. Então é assim: “Você é tão boa que no final você não fica na base”. Geralmente a pessoa faz um trabalho, aparece e então vai pra universidade, e não quer mais trabalhar na base. Ela vai trabalhar com a formação do outro porque ela é boa o suficiente só pra isso, quem é bom tem que trabalhar na base, ficar na base trabalhando com o aluno...mas isso ninguém aguenta, ninguém aguenta ficar na base, são dois anos fazendo um projetinho X. Apareceu, aí vai para um centro de formação, vai pra uma DRE, para poder trabalhar com formação de professores. Eu quero ver ficar na base até o fim, eu quero ver dar certo com outra turma, eu quero ver dar certo com outro tipo de aluno, quero ver tentar isso o resto da vida, eu quero ver ficar 10 anos como professora trabalhando em dois empregos para sustentar uma aula. Porque é fácil fazer isso durante alguns anos, eu quero ver você fazer isso 10 anos porque a escola vai continuar sem os livros, a escola continua sem estrutura, se você não fez nada que mude essa situação, quem está lá vai ter que fazer o quê? Todo mundo vai ter que trabalhar em dois empregos para poder custear os materiais dos alunos?

Acho que outra questão bem complicada foi que o filme passa como algo muito tranquilo o fato dela arrumar os dois empregos. Ela até perde o marido, mas para ela também

fica uma coisa natural. Parecia que aquele marido não influenciava muito, é aquela ideia da professora quase sem sexualidade porque o marido foi embora e ela estava empenhada, porque mais do que um casamento, mais do que um relacionamento, mais do que a vida dela fora da escola, era dar aula para aqueles alunos. O marido foi embora, ela continuou trabalhando não sei em quantos empregos, como se fosse uma coisa normal. Obviamente porque ganha pouco, ela era uma professora substituta e era uma das últimas a pegar sala na escola, então é normal você se matar e ela normalizou também aquilo, foi como se aquilo tudo já fosse esperado. “Meus alunos não têm as condições, eu vou trabalhar em dois, três empregos, é normal, eu vou fazer isso, vou conseguir atingir ali uma coisa específica que eu quero com eles” - e ela não pesou, em momento nenhum, o dano pessoal que ela tinha - e aí volta o que eu falei sobre a questão de não se ver como profissional, porque não se faz isso como profissional. É só nessa área, só nessa profissão que as pessoas ficam achando isso: que elas têm que abrir mão da vida, que elas têm que abrir mão de serem felizes, elas têm que abrir mão de serem bonitas, de poder comer bem ou se vestir bem, ou de ter uma boa casa, um bom carro porque é uma missão maior: ser professora. Então, se eu estou gastando tudo pra poder ir e vir de uma escola, porque tem professor que gasta todo o salário, mantém dois empregos mas gasta quase a metade em gasolina, e isso é normal, porque o importante é que você está trabalhando , o importante é que você está ali fazendo algo de bom para aqueles alunos. Mas quando você faz algo de bom por você? Acho que essa é a questão também, ela não demonstra assim, ela gosta tanto dos alunos, que o marido vai embora, ela acaba se matando ali, e fica ali como que uma coisa obsessiva. Ela quer é dar aquelas aulas, é fazer sozinha como se ela fosse um super herói, porque é sozinha contra o mundo em prol daqueles alunos – o que por um lado, não seria ruim se estivesse numa missão religiosa - ela poderia fazer isso lá na África, na Índia, como uma missão religiosa. Aí não é ruim porque esse é o propósito. Agora, se a gente é professor esse não é o propósito, você não está ensinando nada ali pra eles. É claro que ela tem uma didática legal, ela fez todo um trabalho com eles.

A professora era quase uma santa. Aquela sainha no meio do joelho, a blusinha fechada sem decote, o colarzinho de pérolas no pescoço, o cabelinho liso cortado básico, o rosto praticamente sem maquiagem, toda aquela doçura, aquela coisa meiga, e logo no começo do filme a gente percebe o impacto, o choque dela com as meninas da sala. São meninas de descendência mexicana, negra, você percebe que ela é um bicho fora do lugar, ela está totalmente fora do lugar.

Ela reforça uma ideia da mulher classe média. Provavelmente eles estão retratando mais fortemente ali a classe média norte-americana. Aquela coisa da mulher mais alinhada, com uma roupa social, que não chama muita atenção, e acho que é isso que se espera da professora -uma professora que não vai chamar atenção, ela é neutra, é quase um elemento neutro dentro daquela realidade, ela não vai disputar com ninguém, fica até desfocada, é uma coisa que choca quando você vê aquelas meninas e a vê, vê aquele ambiente da escola e vê a professora, você diz: de onde saiu essa figura? Eu acho também que é um pouco da ideia que se tenta passar de professora. A professora é essa coisa neutra, morna, uma coisa sem cor, e que está dentro de uma norma, ela é uma professora enlatadinha, está dentro de um padrão que se espera, ela não pode usar nada curto, nada muito colado, nada com decote, nada com muita cor que chame atenção. Você tem que ser uma referência mínima, quase uma santa, uma Maria, porque você olha praas representações de Maria, mãe de Deus e é aquilo: uma coisa coberta que não tem brilho nenhum, cor nenhuma, cabelo igual, é sempre do mesmo jeito, ela é daquele jeito, é tudo um padrãozinho de professora, você não consegue ver ela como gente, não parece que ela tem um gosto - qual é a preferência daquela pessoa? Tem alguma coisa ali que demonstra quais são as preferências dela? Que tipo de música ela escuta? Que tipo de perfume ela gosta? Nada, não tem nada ali, que tipo de estilo? Ela não tem estilo, ela é uma coisa chapada, uma coisa só, foi um carimbo.

É tudo padronizado, aquela sainha, aquela blusinha, aquele jeitinho “hã” de falar, aquela coisinha, acho que é o que esperam também da professora, que seja essa representação morna. Talvez seja o que socialmente se deseja para classe dela, que ela seja uma representação de mulher. É o que se espera de uma professora, claro, não para as meninas dali. As referências de mulher pra elas são outras. Você vê claramente que elas estão se maquiando, estão arrumando o cabelo, elas têm as unhas compridas, vermelhas, elas estão em outra referência - e aí também tem um choque - tem um choque grande até para gente que está assistindo. É um choque a representação de mulher, você vê uma diferença de classe clara na própria representação de mulher, as meninas da periferia estão vibrando , têm cabelos diferentes, têm cor, têm estilo. A professora da classe média não tem estilo, ela é uma coisa chapada, e só.

Ali apareceram outras poucas representações de mulheres, mas acho que ficou uma ideia da professora mesmo - de qual é a ideia de uma professora ideal? Ela vem como uma professora de um nível mais alto, uma professora estudada que vem de uma família de pessoas que têm condições. Eles são um nível acima daquelas crianças que ela foi atender.

Então, teoricamente, seria a professora-padrão, a professora que seria a representação de onde você deveria chegar, porque fica um estereótipo mesmo, a professora toda arrumadinha e as meninas uma coisa mais escrachada, uma coisa mais sensual. De certa forma tem um juízo de valor ali: na professora certinha e as meninas que são mais vulgares, vamos dizer assim. Naquele momento você já estabeleceu uma hierarquia e acho que aquela professora está representando um padrão que se deveria seguir.

Você se identifica com a personagem principal do filme?

Como eu já falei, eu não me identifico com a professora, mas a gente já escorregou várias vezes nessas coisas que a professora faz, já paguei xerox de aluno, já trouxe coisa de casa para o aluno poder fazer e por quê? Porque você acaba entrando num desgaste tão grande com a instituição por exigir... Quando eu estava com a primeira série, qual era a minha exigência? Eu queria sabonete para lavar as mãos das crianças. As crianças ficavam em período integral dentro da escola e o diretor não comprava. Então chega uma hora que você está vendo a criança rolar no chão e a mão dela está preta e logo em seguida você vai levá-la para almoçar - criança de primeira série rola muito no chão, você fica desesperada e o que você faz? Eu comprei do próprio bolso o sabonete para lavar as mãos das minhas crianças. Então é assim, é uma coisa que eu abomino, é uma coisa que eu já tinha visto no filme, já tinha feito crítica, mas eu tive que fazer, foi emergencial. Mas também o que eu fiz paralelamente a isso? Eu infernizei a vida do diretor, até ele comprar o sabonete líquido. E também ficamos infernizando nas reuniões de Conselho de Escola, falando que a escola precisa fornecer sabonete líquido pra essas crianças, porque você não pode ter uma escola integral onde não tem sabonete pra lavar a mão da criança. Então, acho que essa é a diferença: ela evitou ir para esse desgaste institucional que é o que eu falo da questão da politização, da questão política, e ela foca no individual. Então é o vencer pelo indivíduo somente e mais nada. Então eu me identifico nesse ponto, já errei também fazendo esse tipo de coisa, mas era o que dava pro momento, era o que deu naquela hora pra fazer, mas não é algo em que eu vou ficar fixada, fazendo isso constantemente.

Sobre a representação de mulher, eu acho que não tenho a mesma identificação com ela, também não faço a linha de professora, porque tem professor que faz isso. Então não faço a linha de que eu tenho que falar a linguagem do aluno, eu não vou falar a linguagem do aluno, realmente não chego a esse ponto, não vou. Não é porque meu aluno é da periferia que fala gíria e fala palavrão dentro da linguagem normal e coloquial dele, que eu vou fazer isso

também. Para dar aula pra ele eu não preciso fazer isso e para me identificar com o aluno eu também não preciso fazer isso, existe uma diferença entre o que eu faço e o que ele faz, não vou precisar me identificar com ele dessa forma, mas também não vou chegar ao ponto de ser uma santa como ela faz, praticamente assexuada, que perde todas as referências externas do mundo e vive apenas para o mundo do aluno. Então acho que nesse ponto a gente se diferencia.

Um ponto positivo do filme é o envolvimento da professora com a turma, pois o professor, apesar de ser um profissional da educação, precisa ter um envolvimento com o que está fazendo e eu acho que ela tinha esse envolvimento.

Um lado negativo, no mesmo âmbito, é que ela se envolvia demais e tornou isso quase que uma obsessão e perde até o marido por isso. Outro ponto positivo é o fato de valorizar os alunos, ela saber ouvir qual é a realidade deles, sabe trabalhar com isso, tenta buscar algo que vem do mundo deles, faz essa ida e vinda dos conteúdos, ela busca algo que é deles, traz, discute, faz com que eles aprimorem isso, revejam seus conceitos. Acho que essa é a função do professor - um aluno tem uma ideia X, apresentamos uma ideia X, surge uma ideia Y e ele vai transformar isso, talvez se transforme numa ideia Z, - acho que é isso que a gente tem que fazer agora.

Acho que o negativo é a anulação dela enquanto ser humano porque eu acredito que, quando você se respeita, você ensina isso para o outro, e ali parecia um desrespeito a ela mesma, a vida dela não importava, não importava nada, ela enquanto ser humano, enquanto pessoa, enquanto mulher, nada importava, só importava o trabalho com aqueles alunos, eu acho que isso o filme oculta. Mas acho que isso é uma coisa que se ensina também - de que você precisa se respeitar, até para se mostrar para o outro como é que se respeita e se é respeitado.

Acho negativo também - obviamente não tem como não dizer - ela trabalhar em três empregos para sustentar a escola. Por favor! Ridículo! Outra coisa negativa também é esse fato dela sair da escola, ela tinha que ter ficado na escola, ela tinha que ter ficado mais anos lá e tentado fazer outras coisas. Mas esse é um problema da cultura norte-americana, você faz uma coisa pontual, aquilo ganha um destaque gigantesco e aí você sai para outro lugar, porque lá tem essa coisa do herói sozinho contra o mundo. Isso é muito valorizado, essa coisa de você vencer sozinho, tanto que eles têm na própria cultura deles, na identificação cultural eles têm

isso, de que é “o homem que se fez sozinho”, eles valorizam muito isso do homem que se faz sozinho. E é a terra da oportunidade exatamente por isso- se você investir, você vai conseguir, você vai vencer - e acho que isso fica incutido também nessa imagem do filme de que a professora fez tudo sozinha e ela conseguiu e venceu. Ela devia ter ficado mais porque se a prática é tão boa a gente precisa ficar na base. Não tenho nada contra quem vai fazer mestrado e doutorado e depois vai dar aula em faculdade, mas acho que é bom ficar mais um tempo na base até para colocar em xeque tudo aquilo que está proondo. Porque você fazer isso um ano e já achar que isso é a salvação da escola pública, não basta. Você tem que ficar mais tempo lá, tem que testar, testar de novo, tentar mais uma vez, tem que ir fazendo isso, porque se é tão bom, então que fique lá e faça mais. Aqueles alunos, com certeza, precisam muito mais dela do que ela dando aula em uma universidade. Isso é um ponto negativo, e o que o filme vende até que é positivo - ela agora está dando aula em universidade – mas, não é o contrário? Passa o tempo inteiro mostrando como ela criou um vínculo de amizade, como ela se relacionou bem com os alunos. Ela criou um vínculo com eles, porque não ficar na base? Então quer dizer que todo o professor bom, que faz um bom trabalho, tem que sair fora e dar aula em uma universidade? Acho que isso é um ponto negativo também. Acho que as pessoas precisam ficar e a universidade tem que valorizar isso, passar a valorizar que as pessoas boas fiquem na educação de base. Porque senão a gente nunca vai ter isso também porque você faz uma coisa, pipoca e vai embora. Depois é fácil dizer que o pessoal da base é ruim, não faz um serviço que presta... Mas também, ninguém quer ficar lá. Alguma coisa está errada porque nem ela quis ficar. Nem ela que criou uma fórmula quis ficar na base.

Como você está fazendo um trabalho para mestrado, acho que é interessante a gente pensar em como os coordenadores formadores usam esses filmes contra o professor. Acho que isso é péssimo. Você pega essa experiência pontual e traz pra esfregar na cara do professor: “Olha, tá vendo, quando a gente quer, olha o que a gente faz!”. É assim, menospreza-se o trabalho do cara que está na base fazendo um monte de coisas, se matando para sair vivo de uma aula - porque a gente sabe que tem escola onde o professor agradece se sai vivo de dentro de uma sala... Isso eu acho um desrespeito, o formador tem que ter mais noção na hora de selecionar um trabalho, o tipo de texto que ele escolhe, o que ele quer com aquele filme. Acho que falta para os coordenadores esse olhar também. Os caras não estudam o suficiente para isso, porque é filme clichê, filme com ideia clichê, com embasamento fraco e sem ideia nenhuma. Chegam e colocam isso, aí levam um sacode dos professores, porque isso é o que sempre acontece. Os professores não são trouxas, porque o coordenador pensa que

professor não lê, que professor não assiste filme, que professor não vai a teatro, que professor não assiste ao Roda Viva, que professor não assiste nenhuma palestra. Aí, quando leva um sacode quando passa um filme desse, fala assim: “Ah! São todos resistentes, você viu como eles são resistentes, a gente traz uma coisa nova e eles não querem...”. Mas não é que a gente é resistente, é que isso é ridículo. Vou ficar vendo uma mulher que trabalha em dois empregos pra sustentar uma escola e vou achar isso normal? Eu não sou uma retardada, eu tenho uma formação, isso é desrespeitar minha formação, é me desrespeitar enquanto profissional porque eu tenho 10 anos de trabalho. Acho que é se achar muito acima do professor e que está pensando além do professor. Parece que o coordenador tem uma visão muito além do professor e não tem. Muitas vezes ele nem refletiu sobre o que ele está passando, e não está dentro da sala de aula porque está tão embrenhado no papel, está tão acostumado só com o burocrático que ele perdeu a mão, ele não sabe mais o que a gente está fazendo pra sobreviver dentro da sala, que estratégias estamos usando. Traz esse filme achando que é uma estratégia revolucionária e não tem nada de revolucionário. Está mais pra uma formação filantrópica. Vai passar isso numa igreja, vai levar num convento, vai levar pra essas pessoas ficarem chorando: “Ai que lindo, olha o que fizeram, ai que mulher maravilhosa, olha como ela é boa, isso que é professora”. Não! Eu sou profissional, sou formada numa boa faculdade, tenho pós-graduação, a gente não é qualquer coisa. Isso é o que falta pros coordenadores, não sou qualquer coisa, acho que a formação dos coordenadores está muito deficiente. As pessoas acham que o professor está com uma formação precária, mas eu acho que os coordenadores e a direção estão com uma formação muito mais precária que a gente. E aí é isso, se eles não são bons formadores como eles querem que façamos coisas tão revolucionárias na sala de aula? A formação não está sendo tudo isso.

PROFESSORA 2

O que você achou do filme?

Tirando toda a emoção, porque ele é muito emocionante, eu achei fantástico em vários aspectos. Primeiro, o fato dele mostrar a realidade da escola, porque, apesar de ter sido feito na década de 90, já se passaram 20 anos e continua tudo do mesmo jeito. Não é tão violento porque a realidade deles é diferente, mas a nossa também não é muito diferente, pois existe aquela agressividade dos alunos. Ele é bem atual e bem realista deste ponto de vista. Gostei

por causa da didática, eu sou da época da ditadura, a minha formação e a pedagogia que eles usavam são completamente diferentes. Pra mim foi chocante, eu já comecei o primeiro ano numa faculdade tradicional, de aluno sentado um atrás do outro, de professor só mandando conteúdo e você desesperado para anotar tudo. Muito conteúdo é muito bom, mas hoje a gente tem outro contexto e outra realidade, então não é só isso. Eu tinha interesse porque eu sou uma pessoa interessada nas coisas, mas nem todo mundo pensa da mesma forma, as pessoas estão acostumadas com imagem, velocidade e eu não acreditava nisso. Quando eu mudei de faculdade e vi uma professora com outra didática, que colocava a gente em círculo, ia mostrando todos os tipos de maneiras de passar o conteúdo, porque lá tinha de tudo. Tinha professora que ficava falando, falando, falando e você ficava desesperado, e tinha professores que usavam outros métodos, como a professora que faz isso na aula: usando outras maneiras de se aproximar do aluno.

Eu fiquei maravilhada com aquilo porque é diferente, porque na escola eu aprendi muita coisa contra a minha vontade, e toda a minha base intelectual que consegui na vida foi conversando com amigos, saindo, indo a cinema, indo a teatro, lendo, lendo jornal, Então, minha formação não é só de escola, até porque naquela época era muito limitado, na minha época não tinha filosofia, eu acho que ela usa outras coisas, ela leva os alunos ao museu sendo que na nossa época íamos visitar a Coca-Cola, íamos à Cidade da Criança e, de cara, eu já gostei dessa visão do filme, da maneira como ela age, porque ela demorou muito tentando até descobrir um ponto de conexão entre a realidade dela e a deles, ela pegou um fio e foi em frente e é isso que me inspira nas minhas aulas. Tenho que dar aula de gramática porque eu não acredito que uma pessoa vá aprender automaticamente porque é idioma dela, porque se você tiver esse conhecimento, a leitura e a estrutura como conectores irá facilitar muito a aprendizagem. Você pode não estar entendendo por intuição, mas se você souber o porquê das coisas, das regras gramaticais fica muito mais fácil, mas o aluno não tem isso, então ele não quer, mas nós que temos que mudar, mostrar que eles vão aprender uma coisa que vai modificar a frase. Digo isso porque sou professora de português, nem todos usam isso, cada um usa sua linguagem. Ela é professora de inglês, o inglês é a língua deles, é como eles pensam e como eles se relacionam e a nossa é o português, então me identifico muito com ela porque sou professora de português.

Sou professora há seis meses e quando entrei em sala de aula fiquei chocada porque eu não esperava que existissem tantos conflitos. Eu já sabia, mas quando você sente na pele, entra em contato, é bem diferente; eu ficava rezando com medo de não entenderem minha

linguagem porque os valores são tão distantes. Aos poucos fui ganhando confiança e vínculo, porque no filme ela mostra isso, é muito mais fácil quando o aluno cria um vínculo e gosta de você, confia em você, mas isso não quer dizer que ele não possa questionar, mas você tem que estar aberta a isso, ter essa relação, e ela faz isso porque valoriza e se coloca no mesmo nível que os alunos, se alinha a eles no sentido de admitir que não sabe mais que os alunos, o aluno já tem o conhecimento dele e você tem que se aproximar e no filme ela faz isso.

Quando assisti ao filme pela primeira vez eu não estava dando aula e achei um absurdo a relação que ela teve com o marido. Achei o homem insensível, machista, burro, se sente desvalorizado porque ela está brilhando, porque ela não tinha apoio da direção e nem dinheiro e ela arruma dois empregos pra continuar dando aula, isso demonstra um valor diferente. Ninguém consegue entender porque você é professor, meus alunos perguntam por que eu não vou tocar em barzinho porque eu vou ganhar mais dinheiro, mas o que eu vou ganhar? O que eu vou deixar? Nada, porque você canta e todo mundo acha bacana, acha legal, e daí? Não tem nada, agora quando eu entro em uma aula hoje coloco uma música do Renato Russo, os alunos gostam, todo mundo canta e eles começam a fazer uma análise da música, o que ele está dizendo, o que você sente, o que ele traz pra mim. E assim eu transformo, você estava cantando essa música e nem sabia que ele estava dizendo isso, é lindo, gostaria de fazer essa união de música e língua portuguesa que é bem possível, eu ainda não sei, tô tentando, faço isso em uma aula, crio esse vínculo porque a música te sensibiliza porque é a linguagem deles; então isso é o que eu tento copiar dela, ela leva a música e chama atenção para a rima interna que na língua portuguesa é uma coisa raríssima, ela tenta fazer isso, eu tento fazer isso com gramática, ensino os verbos e peço para que eles os procurem na música, faço uma tabela na lousa e peço para que eles coloquem o que eles acham nessa tabela, como gerúndio, passado, às vezes eles nem sabem, tento fazer isso - que ela também faz, - mas ela pega um outro viés, ela falou do preconceito que é importantíssimo, e acho que as pessoas não tem noção disso, não conseguem, acham que não existe, tanto a sociedade quanto os alunos, porque a sala de aula é um reflexo da sociedade, eles não têm noção disso, mesmo os negros são discriminados mas não têm noção de que são discriminados, uma parcela bem grande, como vemos um Feliciano nazista que fala de negros e dentro da igreja dele tem negros, ele é descendente de negros, tem cabelo de negro e discrimina.

O filme fala disso. Lá nos Estados Unidos é bem claro, tem várias etnias, são latinos, são negros, são cambojanos e aqui a gente tem toda essa mistura com os peruanos, os chineses, coreanos invadindo, os haitianos, e a gente não percebe porque não convive com

eles. Aqui no prédio têm chineses e eles têm uma cultura diferente, os vizinhos não gostam deles porque eles são agressivos, batem nas filhas, é outra cultura e a gente não entende isso. Mas na minha época eu apanhava do meu pai, é que hoje as coisas vão se modificando muito rápido.

Quando eu assisti ao filme achei o marido dela um idiota, machista, mas quando comecei a trabalhar na escola, minha companheira começou a sentir a diferença porque eu comecei a falar o que eu sentia, a casa começou a se movimentar de maneira diferente, e é o que acontece com ela, ela levava os trabalhos pra casa e eu trazia as redações pra corrigir e chegava cansada porque trabalhava muito longe, dormia, arrumava a casa e à noite ia preparar minhas aulas, tudo estava se modificando e ela foi sentindo isso, e já tendo essa experiência do filme eu tenho que tomar muito cuidado senão eu fico falando de aula o tempo inteiro.

Eu viajei no começo do ano para o Espírito Santo e, por coincidência, havia senhoras que eram professoras do Estado. No meio do assunto, a minha companheira pergunta se é conselho de classe. A gente invade, passa a ser invasiva e em todos os lugares a gente acaba falando de aluno porque a gente fica mesmo muito envolvida, tem que tomar cuidado com isso. Ela tem a profissão dela, as relações dela e temos que “baixar nossa bola” senão a gente perde o casamento mesmo.

Eu não acredito em certo e errado, temos que ter consciência de que, se você se deixar levar só pelo trabalho, acaba destruindo seu casamento. Você tem que fazer uma análise: é importante ter um relacionamento? Sim, é importante, ou às vezes passa a não ser mais; eu conheço professores que se separaram mesmo, porque já não viam mais alguma coisa em comum. Se não existe mais isso, rompe. Temos que ter um cuidado; ela estava muito empolgada por ter descoberto que aquela era a vocação dela, que ela gostava daquilo, a gente também, fica empolgada no início apesar de tudo o que a gente enfrenta, problemas de aceitação na sala de aulas, aceitação dos outros professores, todos os problemas do sistema do Estado, que é todo torto e complexo, as pessoas não entendem, a gente mesmo não entende esse sistema. Temos que segurar esta empolgação pra continuar vivendo, eu mudei toda a minha casa, eu tinha um escritório pequeno e agora o quarto principal vai se transformar no meu escritório de trabalho, então eu comecei a me valorizar como profissional e comecei a elevar o trabalho acima da família e não pode, tem que ter equilíbrio. Não vou criticar a postura dela, na vida dela foi errado porque ela descobriu que aquele cara não tinha nada a ver com ela, é uma coisa muito pessoal; e tem muita mulher separada porque não conseguiram se

respeitar. Na minha casa não, lá a gente quer manter nosso casamento, a gente gosta muito uma da outra em todos os sentidos: emocional, financeiro, porque meu salário é muito mais baixo que o dela e ela tem uma dependência de mim, das coisas que eu faço dentro de casa, minha casa é arrumadinha e eu faço questão de que seja arrumadinha, então eu gosto de manter, sou bem esposa mesmo.

É legal, mas a gente tem que ter ser sempre uma autocrítica. Sem perceber eu comecei a trabalhar de acordo com as coisas que eu vi no filme. Quando eu entrei na escola eles estavam acostumados com uma professora convencional, ela teve um problema de saúde e teve que se afastar, entrou outro professor. Pelo que eu vi no diário, que demorou pra aparecer. Quando eu peguei o material, não sabia o que fazer porque eu peguei aquela apostila do Estado e fiquei pensando que os caras estão loucos porque as coisas não tem conexão e nem uma linha de raciocínio lógico do meu ponto de vista. Cai do nada um parnasianismo e não pode, tem que saber de onde vem, o que acontecia naquele momento histórico. Então, quando eu vi aquilo, eu não queria seguir aquilo, ninguém me orientou. Aí, quando eu via o assunto, eu destrinchava o assunto, por isso eu demorava pra preparar a aula. Aí que comecei a perceber. Quando veio o diário do professor, eu vi que ele seguia a apostila. Não quero criticar o trabalho dele, mas os alunos queriam muito mais que isso porque eles pegavam o resultado da apostila na internet; pra que eu vou dar a matéria da apostila se eles copiam?

Eu pegava o assunto, destrinchava e criava um questionário diferente a partir do conhecimento deles, e eles passaram a confiar mais em mim. Fiz essa modificação e entrei no terceiro ano já passando os filmes “Sociedade dos Poetas Mortos” e “*Escritores da Liberdade*”. Eu queria ver o que eles pensavam e fiz um questionário da compreensão, que é o meu objetivo da matéria de português, querendo saber se eles estavam entendendo mesmo o filme, porque antes de ser filme, era um texto. Não utilizei questões de múltipla escolha, como alguns professores da faculdade, o cara elimina duas imbecis e “chuta” as outras. Eu queria verificar como eles transcrevem o pensamento e como eles pensam, se está tudo certo, e saber se eles sabem argumentar.

Os alunos são muito inteligentes porque, de cara, eles sacaram o preconceito, e a resistência deles foi grande, e eu percebi que eles não se identificaram com os alunos do filme -que eram eles - eles tinham preconceito de si mesmos, disseram que não tinham preconceito porque eram amigos, pretos e brancos, mas quando falei de homossexuais eles imediatamente disseram que na sala não havia homossexuais e tinham dois, porque sou homossexual e

identifiquei de cara, mas eles afirmavam que não tinha, a sala era totalmente dividida em grupos. Tinha um grupo que só jogava baralho, tinha um outro grupo no fundo, tinha uma menina insuportável, grávida, que ficava escondida, era chata, gritava, todo mundo separadinho, ou seja, existia a separação, mas eles não conseguiram identificar, eles identificaram no outro, bom... é um começo.

Eles fizeram um trabalho excelente, eu fiz perguntas de detalhes pra ver se eles percebiam o drama da menina, a Eva, porque ela assistiu a dois crimes. Eles conseguiram identificar, eu tive um resultado muito bom com esse filme. Já com “Sociedade dos Poetas Mortos” eles não conseguiram, não conseguiam ler a legenda, que era muito rápida pra eles, ou era desculpa pra não assistir ao filme, é muito lento e eles têm velocidade, eles querem tudo rápido, não tinha violência e eles gostam de filmes violentos, acho que é costume. A gente hoje tem tudo muito mastigado e pronto, o que vale é o imediatismo e o prazer, isso dificulta muito, porque tudo na vida demanda esforço. Se você quer estudar, precisa abrir mão de outras coisas. Você precisa ter dinheiro, esforço, você tem que ter um momento em que você vai ler e fazer um esforço para entender e eles acham que tudo vem pronto, não acreditam nesse esforço.

Você se identifica com a personagem principal do filme?

Usei esse filme como procedimento didático porque ele se passa dentro da sala de aula. Segundo, por causa da identificação, comigo e com os alunos. Eu acho que é um filme que tem tudo a ver com o que eles viviam - os meninos do filme moram em conjuntos habitacionais e os meninos de onde eu dava aula moram em conjuntos habitacionais ou favelas, que hoje são chamadas de comunidade. Tinha essa identificação com a maneira que eles se vestem, mesmo tipo de música, tudo tinha a ver, e eu queria que eles se vissem, eu queria ver se eles conseguiam se identificar com o filme e eles se identificam, mas não se reconhecem. O trabalho foi bom, porém, minha preocupação era que eles vissem como a gente vê, como o professor entra na sala de aula e eu vejo essas crianças, porque eu tenho 47 anos e, pra mim, eles são crianças. Com 15 anos eu não achava que era criança, mas hoje eu vejo que eles são crianças, e a visão do filme que tem que colocar uma câmera onde se observa tudo, era o que eu queria que eles vissem: como a gente os vê. Eu fico pensando: como ele está pensando? Será que ele tem algum objetivo na vida? Será que ele sabe que ele vai ter que fazer um teste? Será que ele sabe como se comportar numa entrevista? Será que ele sabe que vai pagar aluguel, que vai trabalhar? Será que ele tem noção disso, ou ele acha que

tudo vai cair do céu? Tem aluno que me diz que está com preguiça e eu digo que ele tem que vencer essa preguiça, digo para ele imaginar sua mãe dizendo que está com preguiça e não faz almoço, que seu pai está com preguiça e não vai trabalhar. Aí, chega no final do mês e cortam a luz da sua casa, cortam a internet, porque tudo demanda esforço. Aí, eles dizem que eu estou parecendo a mãe deles porque eles não aguentam muito argumento, é muita informação e eles não querem, aliás eles não querem fazer nada. Eu queria muito que eles se vissem, foi meu primeiro objetivo. Depois se eles entenderam, fiz um trabalho que eles tinham que se reunir em grupo e dizer o que entenderam, e eles entenderam! Fizeram o trabalho, eu dei a nota e, na verdade, eu desconsideraria todos os erros de português, coerência e coesão pra poder dar uma nota adequada. Pedia pra eles virem falar comigo a respeito do que eles haviam escrito que não tinha a ver com o que eles pensavam e eu dei uma nota alta com prazer, fiquei feliz, eles entenderam e aí decidi dar outro filme pra eles e o resultado foi excelente, e guardei na minha caixinha de aulas boas para turmas boas.

A questão do nazismo como conteúdo: eu pergunto se já tiveram aula sobre o holocausto e eles não sabem o que é, e isso é importante e eles não sabiam nada disso, não sabiam o que era um judeu, foi bom pra eles porque eles tomaram contato com a realidade por meio do filme, e pra falar a verdade eu também não tive isso no colégio, eu aprendi assistindo filmes, eu assisti todos os filmes sobre o nazismo, eu me aprofundei sobre o nazismo mesmo não sendo minha área. Como entrei em agosto, eu fui apagando fogo e não fiz nenhum projeto interdisciplinar; fui destrinchando o assunto sem que eles percebessem que aquilo fazia parte do conteúdo, porque eles têm preconceito com conteúdo. Você tem que falar com os alunos como eles gostariam de ser e não como eles são.

A personagem do filme não consegue fazer isso porque eu aprendi isso conversando com um gerente de banco que me deu essa dica. Ele faz isso com os funcionários, que são muito limitados como nossos alunos. Eu não percebi isso no filme, percebi que ela quer criar vínculo com os alunos para ter a confiança para que ela dê o conteúdo. O irmão da cantora Marina, Antonio Cícero, que é compositor e filósofo, diz que “o susto faz parte da sedução” e isso faz com que ele crie um tipo de maravilha, ou “eu não sabia!”. Olha que legal, você vai criando uma vontade de aprender. A protagonista faz isso quando pergunta se alguém sabe sobre o holocausto e só o branco levanta a mão; aí um menino pergunta do que ela está falando, ela só jogou e o aluno pescou perguntando o que aconteceu, começou assim, com desenhos, acharam que os judeus eram os culpados. Pergunta se eles acham que são uma

gangue, mas, que gangue são eles que invadiram países, então ela começa a jogar neles a vontade de aprender.

Eu gosto muito do filme, acho que foi muito bem-feito, a ideia de contar a própria história é bem interessante. O filme está dividido em duas partes, parte do filme ela que conta, e, a partir do momento que ela dá o diário pra eles, a história se modifica, porque eles estão contando a própria história. Eu gostaria de fazer isso em forma de quadrinhos, porque as crianças não gostam de ler, gostam de desenho, violência, imagens. É mais fácil fazer assim. E aí ela criou e formou um filme. Quem gosta de ler, leu, achou interessante e viu o filme; eu achei bem bacana.

Acho que o filme é bem amarrado. No inicio é meio perdido, aqui a gente não vê esse tipo de violência, com terrorismos. Aqui parece que a violência está mais longe da gente, apesar de que ontem um aluno nosso morreu, foi atropelado por uma pessoa drogada que sequestrou a namorada e estava sendo perseguido e pegou justamente nosso aluno que estava no ponto esperando o ônibus pra ir pra escola. No final você consegue fazer a ligação com o início. Só fui me identificar com a personagem quando eu comecei a dar aula, porque eu pensei que dá pra fazer diferente, ela fez diferente e funcionou. Apesar de que não dá pra ser com todo mundo, até porque eu não fico com uma sala o ano inteiro, não é uma sala só minha, são várias salas, cada uma delas é diferente, as crianças são diferentes, as relações são diferentes, não dá pra aplicar a mesma coisa com todo mundo, você tem que ficar se reinventando toda hora, criando métodos pra atingir aquele público.

O método dela não funciona com todo mundo, tem sala de aula que tem que ser o básico, não adianta. Estou junto com minha companheira há 15 anos e muitas coisas ela não conseguia entender, aí um dia eu falei que ia passar um filme para os alunos e ela quis saber o que eu ia fazer com ele, não entendia meu objetivo, pedi para ela assistir e após assistir ela concordou comigo, que eu deveria passar. Mas eu queria que ela entendesse que aquilo é o que eu passo em sala de aula e pra ela entender como é o trabalho, essa intensidade, essa relação que a gente cria que não é em toda profissão que a gente tem. Tem gente que vai pro trabalho, sai e esquece. E tem amigos que nem aguentam mais ouvir falar de escola, isso é uma das identificações com a professora do filme, levamos o trabalho pra nossa vida pessoal pela intensidade dele.

PROFESSORA 3

O que você achou do filme?

Eu achei muito bom porque eu sou professora, vivo aquilo, mas, ao mesmo tempo em que eu achei legal a questão dela ter desenvolvido ações contra o preconceito - porque eles tinham muita briga entre si, entre as gangues -, eu achei um pouco fora da nossa realidade porque lá é outro país, outra cultura.

Achei fora da realidade porque ela foi atrás de dois empregos fora da área da sala de aula, mas não era para suprir as necessidades dela, mas sim a dos alunos, pra comprar os livros para os alunos lerem porque a direção não apoiou, não quis emprestar para os alunos. E, na nossa escola, a direção faz de tudo para doar os livros aos alunos porque não cabem mais livros na escola. Ela foi atrás desses dois empregos para comprar esses livros, para comprar os cadernos que se transformariam nos diários, então achei isso totalmente fora da realidade, porque eu não conheço algum professor que tenha feito isso na realidade, no Brasil. Até precisamos de mais materiais para trabalhar com os alunos, mas a gente não vai arrumar outro emprego pra isso e, sim, pra sustentar nossa família, viver um pouquinho melhor, não para comprar livros para os alunos. Pode ser que a gente compre um livro e presenteie um aluno que a gente sabe que gosta de ler, mas a gente não vai gastar dinheiro adoidado com os alunos porque acho que nossa cultura não se tira da nossa boca para colocar na do outro, ainda mais de aluno.

Outra coisa que ficou fora da realidade, por ser outra cultura e outro país, é o fato de ser uma sala de aula só. Lá, eles têm aula de uma matéria só o semestre inteiro. Esse fato de ser uma sala de aula só fez com que ela tenha focado tanto e se dedicado tanto aos alunos. Nós temos 50 minutos de aula, com cinco aulas por semana, isso é diferente. Claro que adorei o jeito que ela desenvolveu, ela começou de um jeito, viu que não funcionou passar a literatura daquele jeito, mudou.

A gente percebe, em sala de aula, que a gente prepara uma aula para cinco turmas e em uma sala a aula vai bem, em outra tem que ser totalmente diferente, a gente vê que a professora do filme percebeu isso. É a professora do filme quem reflete: como eu vou ensinar língua inglesa, que no caso é o português daqui, verbo, sujeito e predicado se eles não se sentaram na sala de aula? Eles não se suportam, não tem educação. A gente passa por isso também, eu penso o porquê de ensinar verbo, substantivo se eles não sabem nem sentar

direito, não sabem ler e escrever. Muitas vezes, temos que tomar outro rumo na nossa aula assim como a professora do filme fez, ela achou um jeito para que eles primeiro se respeitassem, gostassem dela, até a aluna Eva tinha uma cisma com a professora e isso acontece na nossa vida, tem aluno que não vai com a nossa cara e a gente precisa o tempo todo tentar, ou a gente larga mão e acaba maltratando também... Ou a gente tenta entender a realidade do aluno e porque ele te trata assim, isso é uma coisa que acontece.

Eu tinha um aluno que não ia com a minha cara, e nem eu com a dele, na sexta série, eu vivia dando bronca nele porque era agitado, conversava demais, não fazia nada e não abria o caderno. E nos maltratamos por seis meses até que um dia resolvi conversar com ele questionando o porquê dessa agitação. Ele começou a desconversar, mas acabou dizendo que morava com o irmão mais velho, viciado em crack, a mãe morreu no parto dele, o pai já havia falecido... A gente não sabe a realidade do aluno, e foi o que aconteceu no filme quando a aluna Eva não se dava bem com os professores e os colegas por causa do passado dela, de tudo o que ela tinha visto. Ela tinha uma mágoa de todo mundo, e isso eu achei que o filme mostrou bem, temos que sondar o que acontece na realidade do aluno antes de maltratá-lo.

Ela ameaçou desistir várias vezes pela dificuldade, assim como eu também, principalmente no começo. Agora não, porque a gente já sabe como lidar. Mas ela, no começo, tentou desistir várias vezes porque ela não conseguia acreditar que ia conseguir, achava que aqueles alunos não tinham jeito, mas ela teve força de vontade e pensou num jeito de conseguir a atenção, e foi quando ela teve a ideia do livro. O livro teve muita importância no filme e pros alunos dela porque a Anne Frank era uma adolescente e serviu para que os alunos se colocassem no lugar da Anne. O professor tem que fazer de uma forma que o aluno se coloque no lugar dele e se coloque no lugar dos personagens dos livros, senão eles não vão querer ler. Tudo passa pela identificação.

Você se identifica com a personagem principal do filme?

Eu me identifico porque tudo o que ela passou eu também passei. Em cinco anos, que estou na área da educação, já passei por coisas: aluno que não vai com a minha cara, dificuldade na escola, não ter material suficiente, às vezes a gente quer simplesmente tirar uma cópia xerox e a escola não tem. Deveria, mas não tem, então a gente faz isso, imprime em casa, elabora a prova e imprime para não ter que passar na lousa.

Me identifiquei com o esforço dela, com as dificuldades. Só não me identifiquei com o casamento dela porque meu marido também é professor, rs. Então não conversamos sobre aluno, é muito difícil. Só quando um pergunta ao outro como foi o dia porque a gente já sabe como é o dia a dia. O que destruiu um pouco o casamento dela foi ela ter se dedicado demais ao trabalho, e o marido não ter aceitado muito bem isso, e também não é culpa dele porque qualquer casamento acaba, e não é só com professor, qualquer outro emprego que a pessoa se dedique demais. Ela estava em casa e só falava disso. Teve uma cena em que ele preparou um jantar pra ela, todo romântico, e ela começou a falar sem parar sobre os problemas da escola e isso acabou fazendo com que ele desanimasse um pouco; ele falou para parar de falar sobre isso e ela continuava e isso acabou tendo um fim. Acontece na vida real, porque principalmente o professor precisa desabafar. É muita coisa em cima da gente, muito problema e você quer resolver. Você chega em casa e quer desabafar, com os amigos você quer falar. Quando se juntam vários professores só ficam falando de alunos; não adianta, a grande maioria dos meus amigos é professor e a gente vai em barzinho e fica falando de escola, direção, coordenação, alunos, e a gente sente essa necessidade de desabafar, de conversar sobre o assunto e passar a experiência para o outro.

Nem todas as minhas amigas são casadas com professor e eles ficam meio de lado. Alguém tem que perceber que estamos falando demais, que está parecendo HTPC, mas eu acho que os professores, no geral, falam muito sobre o assunto pra descarregar mesmo, porque muitas vezes a gente vai conversar com a coordenação e eles não querem nem nos ouvir.

A gente lida com muita gente ao mesmo tempo, o advogado lida com seu cliente, o dentista lida com seu paciente. Nós, professores, temos que lidar ao mesmo tempo com uma sala de 40 alunos, e cada aluno tem a sua personalidade, você tem que ter um jogo de cintura para envolver cada um na sua aula porque tem um ouvindo música, outro dormindo, outro que diz “lá vem aquela chata de novo!”. Então, temos que envolver os alunos, só que cada um é diferente e temos que aprender como envolver cada um e isso pesa muito, e por isso temos que desabafar mais; e pelo fato de não ser uma profissão tão reconhecida, porque a gente se esforça muito, a gente faz porque gosta, porque, pra ser professor tem que gostar, porque senão não aguenta. O salário é pouco, não temos o apoio que gostaríamos e precisamos, por isso precisamos desse desabafo de falar, trocar experiências, trocar aulas; cada dia é uma coisa nova que temos que passar.

Como ponto positivo no filme eu vejo o fato de os alunos terem superado o preconceito e as diferenças, o fato da professora não ter desistido porque ela percebeu que aquela turma precisava realmente dela; não só na língua inglesa, portuguesa ou matemática, eles precisavam de ajuda na vida porque eles iam acabar se destruindo e se transformando em alguma coisa que ela não queria que eles virassem: ladrões, bandidos... A gente faz muito isso porque faz parte da nossa profissão, a gente fica o tempo todo tentando transformar aquele aluno pra sociedade, pra ele ser uma pessoa boa, pra ele fazer coisas boas pra ele, conseguir um bom emprego, dentre outras coisas.

Os pontos negativos do filme e da professora, não são só negativos; é o fato da realidade deles ser diferente da nossa, então não são pontos negativos e, sim, diferentes da nossa realidade. Foi o fato dela trabalhar só com uma turma, o que para nós seria ótimo e, querendo ou não, é fora da realidade porque aquela turma tem 20 alunos, e a gente lida aqui com turmas de 45 a 50 alunos. Para a cultura deles o filme está ótimo, por ser baseado em fatos reais.

A professora se dedicou tanto que acabou destruindo a família, ou não... pode ser que já estivesse para acontecer e só foi um estopim.

O filme é ótimo, gostei muito, já estou trabalhando com os alunos, já passei para as sétimas séries, e uma coisa que eu gostei do filme e que fiz com meus alunos foi a brincadeira da linha, e deu certo. Coloquei a linha no chão e pedi ajuda para arrastar as carteiras, pedi para dividir a sala e eles se dividiram em meninas e meninos, fiz perguntas como no filme e pedi para aqueles que se identificassem com a pergunta que se aproximassem da linha. Perguntei coisas sobre namoro, para descontrair, e depois ia perguntando coisas sobre assuntos mais sérios e expliquei que, quando descobrimos pessoas que têm coisas em comum com a gente, podemos fazer amizade. Eu ia percebendo as coisas sobre os alunos e me inspirei no filme para conhecer mais os alunos e, no decorrer do ano, eu percebi que quem não tinha amizade, depois dessa brincadeira se tornaram mais amigos, principalmente depois das perguntas mais descontraídas, eles se aproximaram.

O fato é que essa brincadeira modificou muita coisa pra mim. Quando eu perguntei qual a criança cuja mãe faleceu, percebi que várias crianças se aproximavam da linha e comecei a me questionar - “Caramba! Esse menino não tem a mãe!”-, eles têm tão pouca idade. Fui perguntando quem já tinha ouvido tiro, quem já tinha presenciado um assassinato, e

aí comecei a olhá-los com outros olhos porque me chocou, porque a gente fala que o moleque é bagunceiro e não presta, mas, depois dessa brincadeira, eu percebi que ele tem dificuldade de aprendizagem por causa do passado dele, por não ter uma mãe que cobre isso dele, ou não ter um pai, isso modificou em mim. O filme foi muito importante em minha formação, e sempre que eu posso, passo esse filme para os alunos. Inclusive, aviso aos alunos que no filme se fala a língua inglesa, mas que, para nós, é a minha matéria, a língua portuguesa; dou uma explicada como é a cultura deles. Quando passo o filme para os alunos, às vezes nem passo trabalho, só vou observando de acordo com alguns tópicos que faço para observar e a maioria tem um resultado muito bom.

PROFESSORA 4

O que você achou do filme?

Eu acho o filme um instrumento de análise na escola com relação à prática docente. Eu achei o filme interessante para ser analisado de maneira crítica, quando eu assisti ao filme eu já assisti pensando no que eu podia analisar como professora, porque na verdade a gente vive um conflito na minha escola, muita indisciplina, muitos problemas que assemelham aos problemas do filme, e a gente percebe que as pessoas na escola querem resolver o problema ali na escola e não tem compreensão que o problema é focal, é local.

Eu assisti o filme antes de assistir na escola e fiz a sugestão de passar o filme na escola para os professores no horário coletivo de formação que é a JEIF. E foi bem interessante assistir sozinha e depois assistir com os colegas, porque eu imediatamente identifiquei várias coisas condicionadas a minha história de vida e minha compreensão do mundo. Então o que eu achei do filme? Eu achei que a professora num primeiro momento entra numa realidade que ela não tinha noção e imediatamente tomou um balde de água fria daquela diretora, totalmente aparelhada pelo Estado. E no decorrer do filme mostra os equívocos da escola, do Estado e do professor, a confusão.

Uma coisa que me chamou muita atenção é que o filme é interessantíssimo, mas não é um modelo a seguir em vários aspectos, que achei um absurdo a mulher ter que trabalhar em três lugares para implementar uma forma de trabalho na escola, porque ela acaba substituindo o que é de competência do Estado, e você fica se matando, complicando sua vida pessoal, você acaba criando conflitos dentro da própria escola porque as escolas estão organizadas de

maneira a enfraquecer o grupo, ela divide, ela fragmenta. Já começa por aquele grupo, existem os avançados, os adiantados e tem os não avançados.

Os não avançados são as gangs, aqueles grupos. Eu sempre vou e volto no filme, porque fico lembrando. Uma coisa legal no filme é que mostra a questão dos grupos e das gangs, e de repente o que prevaleceu não foi o seu grupo e sim a classe, no caso a classe pobre, porque o que a menina fez? Aquela que presenciou o crime, o cara da gang dela atirou num japonês e as pessoas da loja de conveniência pensavam que tinha sido o negro, e ela tinha sido testemunha, ela tinha que defender o cara do grupo ou falar a verdade, que havia sido o outro cara. Ela comprou a maior briga com a família, com o pai, com o rapaz e no dia do julgamento ela falou a verdade, e isso foi através da prática da professora.

Eu acho que a prática da professora é contraditória porque ao mesmo tempo em que ela estimula a consciência de classe explicando que foi por conta dos desenhos dos narizes grandes que os judeus foram perseguidos no holocausto, ela faz toda a explicação mas na prática, mesmo com a experiência dela, ela estimula a consciência de classe porque foi aí que a galera começou a se ligar de outras coisas, o que fez a menina não mentir, não ficar contra os iguais a ela foi o todo, foi a classe, o que está em questão foi a classe, ela não mentiu para defender aquele grupo porque ta todo mundo ferrado, e percebo uma contradição, porque ao mesmo tempo que a professora tem esse trabalho, que para mim é nítido, ela trabalha a consciência mesmo, leva os alunos a passeios para compreender na prática como foi. Olha que louco: para entender a realidade ela se vale da contradição, que é arranjar outro emprego, fazer feirinha vendendo coisas para trazer dinheiro para trazer a senhora que participou do holocausto pra explicar aquilo. Então é muito louco, isso que é legal. Mostra todas essas idas e vindas, esse dinamismo todo que é a sociedade, e o mais legal é isso, que para estimular a consciência de classe ela se vale de questões que são totalmente contrárias a que ela acredita que quem tem que dar conta de tudo aquilo que ela deu conta trabalhando em três lugares é o Estado, é o governo e a escola e não ela, mas ela acaba fazendo com que de certa maneira isso não contribua, contribui para aquela turminha, vai contribuir para aquela escola, mas e o todo? Você fica preso naquela escola e eu acho que dá uma fragmentada nesse sentido e isso no filme é muito real.

Na minha escola, quando assisti com os outros professores, eles ficaram super incomodados, dizendo que isso não tem nada a ver com a nossa realidade, eles tem dificuldade de enxergar a realidade sendo que isso acontece na nossa escola. Na nossa escola

os alunos mexem nos carros dos professores, tacam bomba na sala de aula, brigam de porrada, como no filme, mas eles não conseguem visualizar isso dentro da escola, eles ficaram incomodados, falaram que é muito forte, e pra ir contra a idéia da professora a coordenadora perguntou se ela achava que não tem nada a ver , se nós não temos gang e o que é que temos na escola, disse que não era para demonizar os alunos mas que existe essa situação na escola mas ela quis camuflar, quis esconder.

Outra questão é com relação a divisão dentro da escola , os professores que dizem que o outro não tem condição de ficar com uma classe mais avançada, dizem : a classe é minha e não sua, essa coisa do individualismo dentro da escola. Então é assim, é um espaço cheio de contradições eu acho o filme cheio de contradições, mas não acho isso uma coisa negativa, eu acho que eu vejo o filme cheio de contradições mas vejo isso como algo positivo, porque a vida é assim, é contraditória, é um movimento, uma coisa que é de um jeito hoje, daqui cinco minutos é de outro, daqui a cinco minutos um avião bate nas torres, e o que significa não ter mais torres? O que isso muda no mundo? E a escola é isso, reflete isso, mostra as mudanças o tempo inteiro, e as pessoas tem dificuldades para compreender isso, elas tem as coisas como certas, tem que ser tudo muito linear, cartesiano, um horror.

Mas é isso, eu achei que o filme foi positivo nesse sentido pelas contradições, ele mostra as contradições dentro daquilo, porque cada coisa tem sua contradição, e a professora foi fantástica, lembro que quando ela chegou toda bonequinha, toda bonitinha, com o colar que a outra disse para não usar, mas não, ela apostou no humano, ela não conhecia a realidade e foi de colar de pérolas, aí ela continuou indo com o colar e nada aconteceu, ela continuou acreditando nas pessoas, sendo que os problemas existem, mas vamos em frente, e o sistema é tão cruel que invade né? Então ela perde o marido, perde todo mundo, o pai acaba se envolvendo na história quando vê a filha naquela situação, aí ele se vê naquela situação e nem sei se ele se dá conta disso, porque é isso, na escola as pessoas não se dão conta, elas acham que estão numa bolha e que estão longe de tudo o que está acontecendo, foi isso que eu percebi na escola, foi bem polêmico, e na hora de fazer a discussão ninguém tocou na questão polêmica, as pessoas não fizeram o debate, eu falei das armadilhas, armadilha é procurar três empregos para comprar livros para aluno, quem tem que dar livro para o aluno? Não é o Estado? Não é ele que tem que garantir uma educação de qualidade, porque gente tem que fazer isso? Então foram essas as discussões porque ali é contraditório, é um movimento a cada momento, e ela quando chegou na escola, um aluno falou – Essa vadia não vai durar uma semana – e isso não foi um elemento de fragilidade porque o que está colocado não é a

questão de ter o poder ou não, de ser mulher ou não, não é ser frágil por ser mulher, porque a diretora também era mulher e ela exercia um poder sobre a outra mulher. Ou seja, podia falar que a coitadinha é mulher e é frágil, mas a diretora era reacionária, é diferente porque ela não reagia porque achava cômoda aquela situação, não é porque ela desconhecia – não vou brigar porque está cômodo pra mim – e ela enquanto mulher e enquanto uma pessoa que acreditava em uma outra coisa foi até o fim, e por outro lado tinha um homem, o outro professor que era um bundão mas era homem, então ela acabou tendo que ter mais credibilidade do que o homem, porque ela acha que ela quebra um pouco isso, ela ultrapassa essa barreira.

Se a gente analisar - vamos colocar a mulherzinha na sala dos fraquinhos – acho que eles esperavam uma babá sendo que no final ela foi uma super professora que conseguiu o seu espaço ali. O mais complicado foi ela garantir o que ela pretendia ali, aí ela se valeu de vários instrumentos que para mim são contraditórios, eu jamais vou tirar dinheiro do meu bolso, jamais vou conseguir outro trabalho pra conseguir coisas, tem que correr para as organizações, isso não era o foco do filme, mas isso trás o gancho para a discussão na escola. Através do filme a gente falou sobre as gangs, no momento da greve dos professores deste ano tinham gangs na gestão, a gestão ficou o tempo inteiro perseguindo a gente, massacrando a gente, nós que somos professores para não fazermos a greve. Será que isso também não é uma gang? Então o filme é bacana porque trás muitos elementos, vai depender até onde as pessoas querem aprofundar.

Você se identifica com a professora?

Muitas coisas sim, outras não. Então, essa coisa de ser muito teimosa e de não obedecer as instâncias, ela foi direto ao representante do Estado conseguir não sei se os livros ou o passeio, conseguir com que os alunos fossem fazer uma atividade fora da escola. Ela quebrou essa coisa de hierarquia, ela não alimentou os egos e eu achei super legal isso e aí o pessoal da escola teve a informação via carta ou telefone, não me lembro, eu gosto disso e achei super minha cara (risos). Essa coisa de insistir, fazer a luta no dia a dia e tentar fazer o trabalho, porque é difícil, a gente pasta.

Essa semana mesmo um aluno quase me bateu, por que? Porque eu criei uma situação de conflito desnecessária? Não! Porque eu queria dar aula, nada mais do que isso, e essas coisas acontecem o tempo inteiro. Então tem essa coisa de insistir, em querer dar aula, conseguir minimamente fazer alguma coisinha pra conseguir mudar aquela situação ou para que pelo menos eles compreendam aquela situação. Compreendam qualquer coisa sobre

aquela coisa para depois mudar já é um problema dos alunos, nesta semana mesmo eu to trabalhando dança e forró, faz um mês que eu to na luta mas a gente conseguiu e hoje a gente fez um fechamento com um vídeo bem legal chamado “Vida Maria”, que mostra o sertão, é um curta de oito minutos e eu consegui minimamente fechar o trabalho. E é isso, ela é muito insistente e estimula que as pessoas tenham a consciência de classe e que as pessoas compreendam o mundo como ele é. E é interessante que ela idealiza: queremos um mundo tal, mas ela mostra primeiro a realidade e eu me identifico muito com ela , essa coisa de mostrar as grandes tragédias do mundo que colocaram muitas pessoas na miséria e colocaram muitas pessoas em condições sub-humanas , então acho importante o trabalho dela, o trabalho que ela fez e na escola eu me identifico com isso. E é isso, essa insistência de não respeitar as instâncias, o que dá a entender que ela considera aquilo ali uma estrutura falida e eu também, acho que essa estrutura é burguesa e a gente precisa de uma outra estrutura, mas a gente precisa de um trabalho organizado pra poder romper com isso e a insistência de não desistir da profissão e saber o que essa profissão pode proporcionar minimamente sem grandes ilusões.

Não me identifico com a questão de arranjar três empregos, isso pra mim foi o fim dos tempos, você procura três empregos pra viabilizar um trabalho que é de competência do Estado e da escola viabilizar, você está contribuindo de certa maneira com aquela situação, por isso eu falo que é contraditório, então, eu não vou imprimir trabalhos na minha casa, a escola tem que tirar Xerox, o Estado tem eu garantir minimamente para que meu trabalho aconteça e na medida que eu faço isso eu substituo o Estado e aí não tem a cobrança pro Estado e ele permanece do jeito que ele está, folgado, o Estado acomodado com uma qualidade péssima, as pessoas adoecendo.

Essa questão de substituir o papel do Estado, a gente tem que se organizar para ele dar conta, não é ela sozinha, ela viu que não tinha companheiros lá para ajudar, muito pelo contrário, a galera num pensamento super fatalista – não tem jeito! Boa sorte mas não quer dizer que você vai conseguir – isso acontece na escola também, todo dia tem um – ah! Boba, deixa isso pra lá, a vida inteira foi assim e a vida inteira vai ser – então é isso, as vezes a gente pensa que está fazendo um bem e na verdade a gente só está reafirmando uma fragilidade das lacunas do Estado, não porque o Estado não da conta e sim porque não quer fazer mesmo, é mais cômodo. Tem outra coisa que me identifico com ela que é essa coisa de sair do espaço da escola pra conhecer o que está se discutindo na escola e não se limitar ao espaço escolar, eu gosto de sair, levar os meninos na exposição e não ficar preso só no espaço físico da

escola, um espaço detentor de todo o conhecimento, ela foi no museu, na exposição explicar como era, as pessoas tiveram contato não só com as obras mas com outras pessoas, você estabelece outras relações, você vai no museu e se depara com outras coisas que você não conhece, se deparam com aquilo, e se estabelece uma relação social diferente daquilo que tinham que é a briga com a gang, o outro que morava num contêiner, outro que a mãe não olhava na cara dele, aí ele sai daquele ambiente e na escola, que eu acho um horror, escola pra mim é uma instituição falida, doente e como você vai conseguir propiciar um debate sobre a realidade num espaço que está ali justamente para fazer o contrário?

A escola é um aparato burguês, é um braço do Estado, então ela está ali pra controlar, pra manipular, pra dizer o que deve e o que não deve fazer, então a escola pra mim é um problema seríssimo, eu não acredito no formato da escola, eu acredito nessa coisa de sair porque você foge de quem te amarra. É um espaço que é contraditório porque dizem que é ali que você vai emancipar, que você vai ter consciência sendo que na verdade é um espaço onde aprisiona, onde não tem uma real democracia, existe uma democracia formal onde se faz de conta, tudo faz de conta onde na verdade as coisas não funcionam dessa maneira porque sempre tem uma diretriz que vem de uma secretaria que vem de um sei lá do que e te aprisiona e você tem que brigar com todo mundo pra fazer uma coisa que é o mínimo, que a escola poderia ajudar mas que não é a lógica dela, é um aparato burguês na minha opinião, é uma instituição que não surgiu para todo mundo, quando ela surgiu, surgiu para alguns e ela tem esse pensamento para alguns, quer transformar todo mundo em alguns, com a visão de alguns, quer transformar o povão na minoria que é a galera que manda e desmanda, mas não dá, não combina, não dá certo, não tem espaço. E por isso que eu gosto da saída, acho legal porque dá pra você estabelecer uma relação social, isso é importante porque você abre, amplia e sai daquela condição.

As pessoas não gostam muito que a gente fala de alienação, mas a alienação no sentido de estar alheio aquilo, as pessoas estão alheias, elas não se dão contam, elas estão alheias aquele problema e quando ela sai ela percebe que tem alguma coisa estranha, e é lógico que vai mudar comportamento, ela vai chegar na escola outra, e tudo tem um tempo, é o que aconteceu com as pessoas no filme, elas são extremamente desconfiadas - a escola só deu na nossa cabeça, só maltratou a gente, só tratou a gente como coisas, aí vem uma que quer tratar a gente como gente? Eu não acredito nisso. – Era essa resposta que as pessoas davam, as pessoas não acreditavam naquela pessoa, as pessoas estavam enxergando naquela pessoa

aquilo que ela representa, que é a escola, essa prisão, e ela apostou, como as pessoas da Fundação Casa, e acho que isso é importante.

É um negócio que provocou, ficou um clima na escola, as pessoas tem um discurso uma ideologia burguesa na escola, as pessoas acham que no fim tudo vai acabar bem mas não tiram a bunda da cadeira para fazer nada, essa é a lógica. Elas não conseguem se ver naquela situação, elas não se reconhecem no filme, porque aquilo é muito ruim, mas na verdade nós somos aquilo ali também, só que uns reconhecem porque tem outra concepção de mundo e outros negam, isso provocou. O mais legal é que depois do filme, tudo o que acontece na escola uma ou outra sempre provoca – ta vendo, pra quem falou que não tinha gang...olha lá o outro detonando o carro da professora, olha lá o outro tirando o sarro da outra na sala, olha o outro ameaçando dar um soco na professora.

Não é uma coisa só de aluno agredindo professora, é uma agressão entre todos, é uma agressão que se relaciona, é uma “inter-relação” de agressão, sabe? Mas é o tempo inteiro, se não é aluno com aluno, é direção com aluno, é professor com professor. É conflito total que não tem espaço pra ser solucionado, porque as pessoas quererem resolver o conflito na escola que não foi gerado na escola, essa é a armadilha, foi isso que eu falei pras professoras, qual é o problema do filme? O problema da verba, o problema dos alunos terem esse tipo de comportamento não problema da escola mas a escola reafirma isso, mas é um problema amplo, se você não investe em determinadas coisas aquilo ali está desassistido. Vai virar um caos a qualquer momento e vai virar um caos naquele espaço, e não é só naquele espaço, vai virar um caos na casa dele, em outros espaços.

Esse problema é de estrutura ampla, não dá pra resolver na escola, o que chega na escola é só onde chega a unha do que acontece lá em cima, é o onde explode, onde chegam as reações mais explosivas, as pessoas estão mais próximas, as relações mais próximas são muito tensas dentro da escola.

O filme é bacana. Gera resistência de todos porque as pessoas querem se defender: aquele que quer manter aquilo, aquele que quer sair daquela situação. A escola é um veneno, eu não penso que vou lá faço meu trabalho...Já tive a ilusão de que a escola vai resolver o problema do mundo, não vai resolver porque o mundo que criou o problema e quem criou que dê conta, mas o mundo não vai dar conta disso, mas a gente tem que ficar do tamanho dele. Por isso sou a favor das organizações, as pessoas tem que se organizar, não dá pra ficar isolado, se organizar mesmo, por mais que as organizações dos trabalhadores estejam falidas,

se degenerando, se burocratizando ela tem o poder de aglutinar, de fazer a frente e de ir pra cima de quem ta fazendo toda essa merda que o Estado, que é quem manda, poderia ser o Rei (risos) se vivêssemos em outro regime, poderia ser o rei mas não é, não é nem nossa presidente, é outro imperialismo, são outros que mandam na gente e isso explode lá na escola. E o filme é isso, é lindo, eu choro, volto, vejo outras coisas, e ele mostra as contradições e as pessoas tem medo, elas não querem se ver, é uma espécie de cortina de fumaça, elas não se reconhecem, não conseguem fazer uma relação porque ela faz questão de ser outra coisa.